

MICHELE RIBEIRO MARQUES GARCIA

**ESPAÇOS E FORMAS DE LAZER ENTRE CRIANÇAS RURAIS -
UM ESTUDO NO MUNICÍPIO DE VIÇOSA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2013

**Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV**

T

G216e
2013

Garcia, Michele Ribeiro Marques, 1983-

Espaços e formas de lazer entre crianças rurais - um estudo
no município de Viçosa - MG / Michele Ribeiro Marques
Garcia. – Viçosa, MG, 2013.

xiii, 114 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui anexo.

Orientador: Sheila Maria Doula.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f.103-108.

I. Crianças do campo - Recreação. 2. Lazer. I. Universidade
Federal de Viçosa. Departamento de Economia Rural. Programa
de Pós-Graduação em Extensão Rural. II. Título.

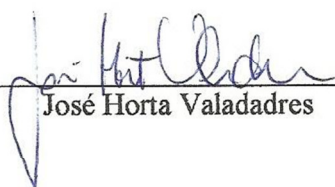
CDD 22.ed. 305.231

MICHELE RIBEIRO MARQUES GARCIA

**ESPAÇOS E FORMAS DE LAZER ENTRE CRIANÇAS RURAIS - UM
ESTUDO NO MUNICÍPIO DE VIÇOSA - MG**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

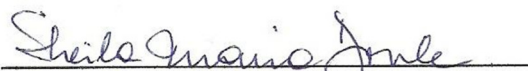
APROVADA: 01 de julho de 2013.



José Horta Valadadres



Rennan Lanna Martins Mafra



Sheila Maria Doula
(Orientadora)

Nessa risonha manhã! [...]
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberta o peito,
— Pés descalços, braços nus
— Correndo pelas campinas
A roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!
Naqueles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava às Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo.
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!
(Casimiro de Abreu)

À minha mãe (com saudades) que sonhou com isso antes de mim. Por toda sua luta e amor, meu respeito e eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho foi resultado de muito esforço, porém não caminhei sozinha. Muitas pessoas contribuíram para que eu chegasse até aqui e por isso agradeço a estes que confiaram e acreditaram em mim.

Primeiramente a Jesus Cristo, minha força e minha Paz. Ao meu marido Edimaldo que foi meu maior incentivador e colaborador e que nos momentos de angústia esteve sempre, pacientemente, ao meu lado. Às minhas irmãs Marcele e Suiane, às minhas sobrinhas Júlia e Esther que me deram força e que me proporcionaram muitas risadas nos momentos que pudemos ficar juntas. Agradeço aos meus familiares pelo seu carinho e apoio. Aos amigos que fiz em Viçosa, pessoas importantes na minha vida, que me ajudaram através de orações. Muito obrigada!

Também agradeço à diretora da Escola Tico-Tico Marina Lorena e aos professores desta instituição que foram sempre solícitos e gentis, colaborando comigo. À professora Marisa Braga por sua disposição em me ajudar. Às crianças que participaram da pesquisa. Não há palavras para descrevê-las! Foram responsáveis por tornarem esse trabalho ainda mais agradável.

À professora Sheila Maria Doula que inicialmente não era minha orientadora, porém, no momento que mais precisei, assumiu essa responsabilidade me dando direcionamento e conselhos valiosos. A ela meu respeito e admiração. Obrigada pela confiança, pelo cuidado e paciência. Ao Kamil por sua amizade, colaboração e pelas risadas. Ao Observatório da Juventude – UFV que me possibilitou aprofundar conhecimentos através de leituras e discussões com colegas pesquisadores.

Aos colegas do LAMPEH que me acompanharam durante esse tempo e colaboraram comigo tornando mais leve minha caminhada. Agradeço às pessoas que trabalham no Departamento de Economia Rural – DER, à CAPES pela concessão da bolsa e à Universidade Federal de Viçosa, lugar de lutas e vitórias. Enfim, agradeço a todos que de alguma forma me ajudaram a chegar até aqui.

BIOGRAFIA

Michele Ribeiro Marques Garcia nasceu em Nilópolis, no Rio de Janeiro, em 05 de setembro de 1983. Filha de Marení Ribeiro Marques e José Hamilton de Sousa Marques passou sua infância e adolescência no município de Juiz de Fora, na Região da Zona da Mata, em Minas Gerais.

Graduada em História pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES em 2005, lecionou em escolas da rede pública e privada de ensino. Fez especialização na área de ciências humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora em 2006. De 2010 a 2011 trabalhou como professora substituta em História na Universidade Federal de Viçosa. No ano de 2011 ingressou no programa de mestrado em Extensão rural. Atualmente trabalha como tutora do Ensino à distância em História pela mesma Instituição.

SUMÁRIO

LISTA DE GRÁFICOS	viii
LISTA DE FIGURAS	ix
RESUMO	xi
ABSTRACT	xiii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1: A INFÂNCIA NO OCIDENTE	5
Era uma vez, no Brasil... ..	7
Infância... Até quando?	11
A criança antes e depois do Estatuto da criança e do adolescente	12
A criança Rural	17
As crianças como objeto de estudo	20
CAPÍTULO 2 - LAZER: UMA INTRODUÇÃO	23
O Lazer no Brasil	26
O Lazer no meio rural	31
O espaço rural como fonte de lazer urbano	33
Políticas públicas voltadas ao lazer	35
CAPÍTULO 3: LAZER INFANTIL: ENTRE A TRADIÇÃO E A MODERNIDADE	40
Lazer Infantil: uma história	40
O maravilhoso mundo dos Contos de Fadas	43
O lazer das crianças brasileiras	44
Durma meu benzinho que a cuca j'ei vem - Mitos e lendas: uma forma de controle	46
O lazer infantil na contemporaneidade: entre a tradição e modernidade	48
Políticas públicas voltadas ao lazer infantil	49
Lazer e escola	54
CAPÍTULO 4 - O UNIVERSO EMPÍRICO.....	57
Viçosa – Um lugar de possibilidades	57
Uma breve história da cidade	60
O aspecto educacional.....	62
O Lazer na cidade de Viçosa.....	65
A Escola Tico-Tico	69
CAPÍTULO 5- MONTANDO O QUEBRA-CABEÇA.....	73
Metodologia	73

A escola.....	74
Numa folha qualquer.....	75
O lazer infantil no meio rural pelo olhar dos adultos	92
Escola: espaço de lazer?.....	97
CONCLUSÕES.....	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	103
ANEXOS.....	109

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Fonte: Fundação Instituto de Geografia e Estatística - IBGE, 2010.....	58
Gráfico 2- Fundação Instituto de Geografia e Estatística - IBGE, 2010.	59
Gráfico 3- Fundação Instituto de Geografia e Estatística - IBGE, 2010	64
Gráfico 4- Fundação Instituto de Geografia e Estatística - IBGE, 2010	64
Gráfico 5- Fundação Instituto de Geografia e Estatística - IBGE, 2010.	69
Gráfico 6- Formas de lazer através dos desenhos. Pesquisa de Campo 2013.	82
Gráfico 7- Como as crianças se auto representam nos desenhos.	83
Gráfico 8- Espaços de lazer utilizados com frequência pelas crianças	91
Gráfico 9- Espaços na casa que são frequentemente utilizado pelas crianças.....	91
Gráfico 10- Definição de lazer pelos pais	93
Gráfico 11- Preocupação dos pais em relação ao local de lazer de seus filhos.....	95
Gráfico 12- Acesso ao lazer.....	96

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Turma da Mônica em O Estatuto da Criança e do adolescente.	14
Figura 2- Cartilha sobre os Direitos Humanos produzida por Ziraldo.	15
Figura 3- "Turma da Mônica em: O Estatuto da Criança e do adolescente".....	15
Figura 4- Menino do 3º ano brincando de "canoa"	57
Figura 5 - Menina do 1º ano caçando borboleta.....	57
Figura 6 - Menina do 5º ano indo ao shopping.	60
Figura 7 - Menina do 4º ano assistindo TV	63
Figura 8 - Localização da cidade de Viçosa.....	63
Figura 9 - Microrregião de Viçosa	63
Figura 10- Comunidades rurais de Viçosa.	65
Figura 11- Escolas particulares em Viçosa	66
Figura 12- Escolas municipais em Viçosa	66
Figura 13- Escolas estaduais em Viçosa	67
Figura 14- Edifício Arthur Bernardes.	67
Figura 15- Praça Silviano Brandão na década de 1940.....	68
Figura 16- Praça Silviano Brandão na Atualidade	68
Figura 17- Via de acesso ao Recanto das Cigarras.	71
Figura 18- A reta da UFV.	71
Figura 19- Horto Botânico	76
Figura 20- Mirante das Bandeiras	76
Figura 21- Pátio da escola Tico-Tico	77
Figura 22- Crianças da Escola Tico-tico.....	77
Figura 23- Desenho- menina do 1º ano.....	78
Figura 24 - Desenho- menina do 4º ano.....	78
Figura 25- Desenho- menina do 3º ano.....	79
Figura 26- Desenho- menino do 5º ano.....	79
Figura 27- Escrita de uma Menina do 5º ano	80
Figura 28- Desenho- menina do 2º ano.....	80
Figura 29- Desenho-menina do 2º ano.....	81
Figura 30- Desenho-menina do 4º ano.....	81
Figura 31-Diário- menina do 4º ano.....	84
Figura 32- Diário- menino do 3º ano.....	84
Figura 33- Diário- menina do 4º ano.....	84
Figura 34 - Diário- menino do 5º ano.....	84
Figura 35- Diário-menino do 5º ano.....	85

Figura 36- Diário- menina do 4º ano.....	85
Figura 37- Desenho- menino do 5º ano.....	86
Figura 38- Desenho- menina do 3º ano.....	88
Figura 39- Desenho- menina do 5º ano.....	88
Figura 40- Desenho - Menina 5º ano	89
Figura 41 - Desenho- menina 3º ano	90
Figura 42- Desenho- Menina 3º ano	90

RESUMO

GARCIA, Michele Ribeiro Marques, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, Julho de 2013.
Espaços e formas de lazer entre crianças rurais – um estudo no município de Viçosa-MG. Orientadora: Sheila Maria Doula.

O objeto desta dissertação são as crianças, especificamente aquelas que vivem no meio rural. A escolha do tema revela a importância de enxergar a criança e o adolescente como sujeitos de direitos que necessitam de atenção especial por estarem em processo de desenvolvimento. O lazer é um dos direitos fundamentais assegurados pelo Estatuto da criança e do adolescente (ECA), pois nessa fase da vida, o brincar se constitui algo sério, no sentido de que a criança, através da interação social, se desenvolve física e mentalmente. A investigação se fez a partir de três categorias analíticas: **crianças rurais, lazer e tradição e modernidade no lazer infantil**. A bibliografia consultada revelou que o meio rural vem passando por mudanças ao longo dos anos, e que vem ocorrendo uma urbanização no campo no sentido cultural principalmente em locais próximos às cidades e devido, também, ao acesso às mídias que tem colaborado para isso. Levando em consideração que as comunidades pesquisadas ficam próximas ao centro urbano, procuramos investigar os espaços e formas de lazer infantil no mundo rural tendo como objetivos específicos: identificar tradições e modernidade nas formas de lazer infantil no meio rural; analisar como as instituições socializadoras concebem o lazer infantil no meio rural; investigar políticas públicas voltadas ao lazer infantil no mundo rural; investigar espaços de imaginação e criatividade da criança rural. A investigação teve caráter descritivo com método de abordagem indutivo. Utilizou-se de pesquisa documental e de pesquisa bibliográfica para o levantamento de dados. A pesquisa de campo incluiu crianças do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental da Escola Municipal José Lopes Valente Sobrinho que se localiza na Estação Velha – Zona Rural do município de Viçosa. Participaram da pesquisa 59 crianças que provêm das comunidades do Buieié, Santa Tereza, Silêncio, Zig Zag, Estação Velha e Violeira. As atividades desenvolvidas com elas constituíram em desenhos, entrevistas coletivas realizadas em sala de aula e diários que contribuíram para conhecermos suas rotinas de lazer. Pais das crianças e professores da escola colaboraram através de questionários. Através da pesquisa concluiu-se que a escola e a casa são os principais espaços de lazer utilizados pelas crianças e que o medo da violência, revelado por muitos pais, destrói a visão idílica que muitos urbanos costumam fazer do meio rural. Além disso, foi constatado que a maioria possui dificuldades de acesso aos diversos tipos de lazer por motivos como a falta de transporte e locais seguros para a vivência do lazer,

evidenciando assim o descaso do poder público local. Outra conclusão é a de que há uma mescla de fontes de lazer tradicionais e modernos entre as crianças e que a maioria delas se auto representa nas atividades sozinhas, o que denota uma semelhança com as crianças urbanas.

ABSTRACT

GARCIA, Michele Ribeiro Marques, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, July, 2013.
Spot facilities and entertainment for children from rural areas - a research took place in Viçosa - MG. Advisor: Sheila Maria Doula.

The object of this essay are children, especially those who live in rural areas. The theme highlights the importance of seeing children and adolescents as subjects of rights that need special attention because they are in the development process. Leisure is one of the fundamental rights guaranteed by the Statute of the Child and Adolescent (ECA), because at this stage of life, playing it is something serious, in the sense that the child, through social interaction, develops physically and mentally. The research was done from three analytical categories: rural children, leisure and tradition and modernity in the playground. The literature revealed that the rural area has undergone changes over the years, and cultural urbanization that has taken place in the field, especially in places nearby towns and also due to the access to media that has contributed to this. Considering that the study communities are close to the urban center, we investigate the spaces and forms of recreation for children in rural areas with the following objectives: identify traditions and modernity in forms of recreation for children in rural areas; analyze how the socializing institutions conceive playground in rural areas; investigate public policies aimed at playground in rural areas; investigate spaces of imagination and creativity of the rural child. The investigation was a descriptive method with inductive approach. The survey data for documentary research was conducted through a literature review. The analysis included children from first to fifth year of primary School Municipal José Valente Lopes Nephew which is located in Old Station - Rural Zone of Viçosa. Participants were 59 children who come from communities Buieié, Santa Tereza, Silencio, Zig Zag, Estação Velha and Violeira. In addition, some of the children's parents and school teachers also collaborated through questionnaires. Through research it was concluded that school and home are the main recreational areas used by children and the fear of violence, revealed by many parents, destroying the idyllic vision that many urban usually do in rural areas. Furthermore, it was found that most have difficulties accessing various types of leisure for reasons such as the lack of public transportation, lack of public places safe for the experience of pleasure, thus highlighting the neglect of local government.

INTRODUÇÃO

"A infância tem as suas próprias maneiras de ver, pensar e sentir. Nada mais insensato que pretender substituí-las pelas nossas"

(Jean-Jacques Rousseau).

Este trabalho visa estudar os espaços e formas de lazer no meio rural, tendo como objeto de estudo as crianças. Apesar de, à primeira vista, parecer algo relativamente simples, destaca-se a complexidade de temas transversais, alguns deles trabalhados ao longo da pesquisa.

O lazer é um tema abstrato, que não possui uma definição clara devido à sua amplitude. Ele faz parte da “natureza humana”, como afirma Pronovost (2011), mas a necessidade de estudá-lo se deu a partir da Revolução Industrial, ainda no século XVIII. Durante esse período o lazer estava relacionado simplesmente ao ócio, ao repouso necessário para recuperar as forças do trabalhador.

Porém, seria muito superficial reduzir o lazer apenas a isso. Dumazedier (2004) afirma que o lazer está ligado - além do descanso necessário após a jornada de trabalho - ao divertimento, à recreação e entretenimento e, também, ao desenvolvimento pessoal que se relaciona à interação e participação social, ao envolvimento cultural, aos estudos.

O lazer é algo natural na infância, principalmente através do brincar. Este é um ato importante para um desenvolvimento saudável. A sociabilidade, uma das principais características do lazer, se relaciona às brincadeiras em que as crianças, com seus pares, podem criar, aprender e fazer descobertas. Além disso, através das brincadeiras e dos jogos, elas buscam compreender o mundo adulto pela representação dele, assimilando a cultura e também transformando-a.

As brincadeiras tradicionais descritas por Cascudo (1984), Gilberto Freyre (2005), José Lins do Rego (1995) como jogar bola, bolinha de gude, amarelinha, os contos, parlendas, dentre outras, ainda fazem parte do lazer infantil. Porém, atualmente nos deparamos com outros tipos de lazer como a televisão, a internet e jogos eletrônicos, mas nem todas as crianças têm acesso a essas formas de diversão, pois o lazer voltado ao consumo de bens não se amplia a toda a sociedade.

O lazer como mercadoria irá depender da condição sócio-econômica, sendo, portanto, excludente. Além disso, esse tipo de lazer não promove necessariamente uma troca, uma interação, levando também as crianças a serem mais passivas. Assim, duas novas situações são enfatizadas na bibliografia: as atividades de lazer ligadas ao consumo, o que transforma o

shopping Center no espaço privilegiado de entretenimento e de identidade geracional de jovens urbanos e, por outro lado, os processos de individualização e de violência urbana que provocaram o encapsulamento de jovens e crianças no espaço doméstico, particularmente no quarto, onde se dispõe dos aparatos tecnológicos que cumprem as funções de diversão, informação e mediação social com o mundo.

Foram os resultados dessas pesquisas que nos motivaram a investigar como as novas características culturais da contemporaneidade modificam a cultura rural, notadamente suas formas e espaços de lazer. Entendendo o espaço rural como encruzilhada onde tradição e modernidade se mesclam, esta pesquisa, mais especificamente, visa compreender como família, escola e políticas públicas se articulam na socialização das crianças rurais através das atividades de lazer.

Os objetivos específicos deste trabalho são: analisar como se constitui o lazer infantil no meio rural; identificar tradições e modernidade nas formas de lazer infantil no meio rural; analisar como as instituições socializadoras concebem o lazer infantil no meio rural; investigar políticas públicas voltadas ao lazer infantil no mundo rural; investigar espaços de imaginação e criatividade da criança rural.

Levando em consideração os objetivos, o trabalho se desenvolveu a partir de três categorias analíticas: *crianças rurais*, *lazer* e *tradição e modernidade no lazer infantil*, consideradas relevantes para a pesquisa. Dessa forma o referencial teórico ficou dividido em três capítulos. O primeiro ilustra de forma breve a história da criança no mundo e no Brasil, mostrando como o conceito de infância foi mudando ao longo do tempo e como os estudos sobre elas contribuíram para que fossem vistas como sujeitos sociais de direitos.

Para falar sobre o lazer infantil, antes buscou-se compreender o que é o lazer, o desenvolvimento dos estudos sobre esse tema no Brasil e especificamente no meio rural e conhecer as políticas públicas voltadas ao lazer no Brasil (segundo capítulo) para, então, focar nas brincadeiras e jogos infantis e sua importância para essa fase da vida, bem como destacar o aspecto simbólico e material da cultura infantil e nas mudanças que vão ocorrendo com o tempo nas formas e nos espaços de lazer, compreendendo também as políticas públicas de lazer infantil (terceiro capítulo).

Estudar o lazer entre crianças rurais foi motivado pelo fato de existir pouca bibliografia sobre o tema. Muito se fala em Jovens rurais, sobre o mundo rural, porém as crianças rurais são praticamente invisíveis. Visto que o rural vem passando por transformações principalmente no aspecto cultural, a presente pesquisa é justificável na

contribuição do conhecimento acadêmico sobre as dinâmicas do universo infantil em um contexto de rápidas transformações socioculturais.

O *locus* empírico da pesquisa foi o Município Viçosa, cidade que se situa na região da Zona da Mata Mineira, entre as Serras da Mantiqueira, do Caparaó e da Piedade. Conhecida por suas Instituições de Ensino, principalmente a Universidade Federal de Viçosa – UFV, atrai pessoas de diversos lugares, tanto estudantes como profissionais. A pesquisa de campo foi realizada na Escola Municipal José Lopes Valente Sobrinho, mais conhecida como Escola Tico-Tico que se localiza na Estação Velha – Zona Rural deste município.

A escola que atende crianças da creche ao 5º ano do ensino fundamental que provêm das comunidades do Buieí, Santa Tereza, Silêncio, Zig Zag, Estação Velha e Violeira foi escolhida devido aos projetos voltados ao resgate e à valorização da cultura que foram realizados no local, como o “Projeto: Brinquedos e Brincadeiras” de 2009 e o “Projeto: Valorização da Cultura Afro-Brasileira” de 2010. Através desses trabalhos, a escola promoveu a interação entre as crianças e os membros das comunidades as quais ela atende, levando à troca de saberes. Isso foi levado em consideração ao entender que o lazer se caracteriza pela sociabilidade e pelo desenvolvimento pessoal.

A pesquisa possui um caráter descritivo com um método de abordagem indutivo. A investigação foi feita com as turmas do primeiro ano ao quinto ano, tomando como base a definição do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA que afirma que criança é aquela até doze anos incompletos. Foram realizadas observações e descrições das atividades de lazer das crianças. Tratando as crianças como agentes e produtoras de cultura, esse trabalho ocorreu por meio de conversa coletiva, ilustrações e produção de texto sempre com o acompanhamento das professoras. Foram distribuídos também cadernos de anotação para crianças do 3º ao 5º ano do ensino fundamental a fim de compreender o que fazem no dia-a-dia fora do espaço escolar.

Investigou-se como as instituições socializadoras concebem o lazer infantil através da realização de questionários com os profissionais da educação envolvidos nos projetos acima citados. Os responsáveis pelas crianças também participaram através de questionários para verificar atividades e espaços de lazer delas fora do ambiente escolar.

O trabalho teve como base pesquisa bibliográfica que percorreu aspectos da infância e sua história, bem como o mundo rural analisando tradições e modernidades neste meio. Foi realizada ainda uma pesquisa documental a fim de compreender as políticas públicas voltadas a esse tema. Para conhecer melhor o envolvimento da Secretária de Cultura e da Secretária de

Educação de Viçosa em projetos voltados ao lazer, foi feita uma entrevista com a professora da Rede Municipal de Ensino, *griote* e coordenadora de projetos sociais e culturais, Marisa Braga.

Algumas conclusões da pesquisa apontam que os principais fatores que impedem ou retardam o desenvolvimento qualitativo de lazer são: a falta de transporte público; insuficiência ou inexistência de um espaço recreativo ou cultural coletivo e falta de recursos familiares. Foi também, constatado uma mescla entre o tradicional e moderno no lazer infantil no meio rural. E que os espaços de lazer são restritos devido ao medo que os pais têm da violência, destruindo, assim, visão romântica que muitos urbanos costumam fazer do meio rural. Tomando como base documentos como a Constituição Federal e o Estatuto da Criança e do Adolescente que afirmam que o lazer deve ser assegurado pela família, pela sociedade e pelo Poder Público, os resultados desta pesquisa pretendem colaborar na proposição de políticas públicas voltadas a esse segmento.

CAPÍTULO 1: A INFÂNCIA NO OCIDENTE

Recentemente, um artigo da folha de São Paulo escrito por Contardo Calligaris¹ nos trouxe algumas características quanto à concepção de infância na atualidade, mostrando que suas especificidades têm falado muito sobre os adultos, pois a invenção de uma infância romantizada, de acordo com ele, não passa de um desejo que o próprio adulto tem de fazer parte desse mundo de conto de fadas, de divertimento, que é o oposto das responsabilidades e da seriedade que a maturidade traz. Para o autor, o mundo hoje estaria passando por um processo de infantilização no qual o adulto seria um ser em extinção.

Ser criança na contemporaneidade é ser diferente dos adultos; é ter um mundo à parte. Antes a única diferença entre a criança e um adulto estava na estatura e na força física, como nos mostra Philippe Ariès. Ele afirma que na Idade Média a infância não costumava durar muito tempo, “mal a criança adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos e partilhava de seus trabalhos e jogos.” (ARIES; 2011:10)

Nesse período não havia tanta afetividade em relação às crianças e a indiferença com que eram tratadas pode ser explicada pela alta mortalidade causada pela peste, pela fome e doenças, que tornava essa fase da vida muito vulnerável (ARIES: 2011). Os filhos eram vistos como um apoio no sustento familiar e na Europa era muito comum, nas famílias camponesas do século XVIII, as crianças trabalharem juntamente com seus pais ajudando no sustento e quando isso não ocorria, elas eram tachadas de preguiçosas (DARNTON: 1986). Darnton afirma que

Ninguém pensava nelas como criaturas inocentes, nem na própria infância como uma fase diferente da vida, claramente distinta da adolescência, da juventude e da fase adulta. As crianças trabalhavam junto com seus pais quase imediatamente após começarem a caminhar, e ingressavam na força de trabalho adulta como lavradores, criados e aprendizes, logo que chegavam à adolescência. (DARNTON; 1986:47)

A educação das crianças se dava na prática do dia-a-dia, na convivência com os adultos e, dessa forma elas eram socializadas. Nada era separado, como Ariès mesmo afirma, elas participavam do trabalho aos momentos de descontração, e, até mesmo em relação à sexualidade nada era escondido. Segundo Darnton, para se aquecerem, era comum as famílias dormirem juntas e “assim, as crianças se tornavam observadoras participantes das atividades sexuais de seus pais” (DARNTON; 1986:47).

¹CALLIGARIS, Contardo. **O fim da infância?** . Folha de São Paulo, São Paulo, 6 de dez. 2012. E12 ilustrada

A população camponesa; no início da França moderna, à qual Darnton se remete, vivia em condições precárias e de trabalho exaustivo e, os contos populares ilustravam esse fato. Os contos envolviam morte, trabalho, fome, incesto, violência. Essas histórias representavam a situação em que muitos viviam e todas tinham uma moral, principalmente para crianças, alertando-as dos perigos do dia-a-dia.

Para Ariès (2011), durante a Idade Média, não havia uma concepção de infância. Esta só começa a se formar na modernidade e ele demonstra isso a partir de seu estudo sobre a arte produzida neste período, onde as crianças eram retratadas como adultos em miniatura. Essa análise de Ariès de acordo com Corsaro (2011) é vista de forma bastante questionável e será contestada por outros estudiosos, sendo criticado por generalizar a indiferença e frieza das famílias com relação à infância.

O estudo da historiadora Barbara Hanawalt (appud, CORSARO; 2011) contesta a tese de Ariès e mostra que as crianças londrinas nesse período, eram, sim, vistas de forma diferenciada dos adultos, tanto que as leis se voltavam à proteção delas. Outro historiador, Heywood (2004) também destaca que havia uma concepção de infância na Idade Média, sendo apenas diferente da concepção moderna, e, além disso, aponta a ingenuidade das fontes históricas e das evidências iconográficas estudadas por Ariès, assim como Stearns que afirma que

mesmo a arte, contrariando a visão de Ariès, mostrava interesse centrado na criança: afinal, um dos temas artísticos mais constantes era Maria e o bebê Jesus, indicando que a Igreja ocidental privilegiava a família voltada para as crianças (embora talvez com certo constrangimento em encaixar os pais). (STEARNS; 2006:77)

Estudiosos da história da infância passaram a rever aspectos dessa fase da vida no período pré-moderno no ocidente e perceberam diversas características favoráveis às crianças. Mas apesar de controvérsias com relação ao trabalho de Ariès, não há como negar a importância de seu estudo sobre a História da infância e as concepções sobre a criança ao longo do tempo. As mudanças na forma de pensar e agir ocorreram inevitavelmente, porém não se pode afirmar que um período foi melhor que o outro para as crianças. Stearns nos lembra que

empatia histórica é necessária, não só para entender corretamente o passado, mas também para evitar autocongratulações tolas sobre o presente. As crianças perderam algumas vantagens que tinham no passado. Os ganhos são reais, mas há também vários problemas. (STEARNS; 2006:17)

De acordo com Boto (2002) essas mudanças na concepção de infância estão atreladas à nova mentalidade em que se associava a criança à inocência, ao surgimento de teorias sobre o desenvolvimento infantil e à separação do mundo adulto através das letras, em que só os educadores tinham capacidade de saber e indicar o que era melhor para as crianças lerem. Boto destaca que no âmbito educacional durante o renascimento, a criança era vista como um ser incompleto e era na escola que ela deveria ser moldada seguindo regras de civilidade e códigos de conduta. Segundo Stearns (2006) a escolaridade, ao invés do trabalho foi uma das principais mudanças que envolveram a infância moderna.

Para Rousseau (appud, BOTO; 2002) a educação familiar deveria ser negada, portanto seria a escola a responsável por formar a criança civilizada. A escola, durante o período moderno, passou a ser o lugar para a educação e também servia para diferenciar a infância de outras etapas da vida. Ali as crianças eram separadas diretamente do convívio com os adultos, sendo disciplinadas e vigiadas. Assim como Locke, Rousseau acreditava que a criança era como tábula rasa, idéia que no século XIX será questionada por cientistas (HEYWOOD; 2004) e, como outros pensadores iluministas, negava a idéia cristã de pecado original, acreditando na inocência infantil.

A idéia de pecado original perdurou por muito tempo e por isso, a concepção romântica de infância no período moderno não foi predominante. Esta teve influência de românticos do século XIX, e também do cristianismo, revelando a contradição e distorção na forma como eram vistas (HEYWOOD; 2004). Essa contradição não ficou no passado; atualmente estudos feitos sobre a imagem da criança na mídia mostram que a forma como são retratadas reflete o imaginário dos adultos sobre elas, sendo vistas de forma antagônica, colocadas ou como inocentes ou como indolentes, associadas à violência. No Brasil, já no início da colonização, a contradição em relação à concepção de infância ficaria nítido com o trabalho dos Jesuítas.

Era uma vez, no Brasil...

A noção de infância foi trazida pelos portugueses e a Igreja Católica que, durante a colonização, responsabilizava-se particularmente pela disseminação de duas imagens “[...] a da criança mística e a da criança que imita Jesus” (PRIORE; 1996:12). A criança era vista como um ser inocente, pura, como papel em branco, porém todas essas características não permitiam que a educação dada pelos jesuítas a pequenos indígenas e órfãos fosse menos rígida.

Nesse período, segundo Mary Del Priore (1996), os pequenos indígenas ficavam sob responsabilidade dos Jesuítas e deveriam ser educados de acordo com princípios cristãos. Acreditava-se que “o “muito mimo” devia ser repudiado, que fazia mal “ao filho” fosse esse carnal ou espiritual como no caso dos indígenas e órfãos” (PRIORE;1996:13). Assim, amar uma criança significava tratá-la sob disciplina rígida e muitas vezes até cruel, “qualquer resistência física e cultural aparecia sempre aos olhos dos jesuítas como tentação demoníaca, como assombração ou visão terrível” (PRIORE; 1996:22) de acordo com Custódio (2006),

O ensino jesuítico trouxe consigo experiências diferenciadas para os indígenas que não conheciam a prática de bater em crianças, mas consideradas extremamente atrativas, pois incluía também os cânticos, o exercício da imaginação e uma ritualística nova, incorporando práticas de vigilância, delação e castigos corporais. (CUSTÓDIO; 2006:22)

Para os jesuítas, as crianças assimilariam a fé católica facilmente já que “certas práticas e valores ainda não se tinha sedimentado” (PRIORE; 1996:15), porém, elas já chegavam às missões com determinadas crenças e costumes apreendidos e, assim que chegavam à adolescência, ao retornar às suas comunidades somavam “referências gentílicas às contribuições da cultura europeia cristã.” (PRIORE; 1996:25)

Ainda no período colonial, marcado por uma sociedade rural e escravista, dentro do contexto de uma família extensa, “as crianças escravas funcionavam tanto como bichos de estimação, ou como afilhados “quase parentes”, ou ainda como objeto sexual” (FREYRE; 2005:113). Gilberto Freyre (2005) afirma que

Quase que do moleque leva-pancadas se pode dizer que desempenhou entre as grandes famílias escravocratas do Brasil as mesmas funções de paciente do senhor moço que na organização patrícia do Império Romano o escravo púbere escolhido para companheiro do menino aristocrata: espécie de vítima, ao mesmo tempo que camarada de brinquedos, em que se exerciam os “*premiers élans génésiques*” do filho-família.” (FREYRE; 2005:113)

A criança escrava a partir dos sete anos de idade já iniciava nos trabalhos da fazenda. Segundo Mattoso (1996: 78) “a vida dos folguedos infantis era curta. Era nos seus sete para oito anos que a criança se dava conta de sua condição inferior em relação principalmente às crianças livres brancas. As exigências dos senhores tornavam-se precisas, indiscutíveis”.

A criança da casa grande era tratada de forma diferente, gozando de maior liberdade. “A partir dos seis anos, iniciava-se, para o menino branco, o aprendizado do latim, da gramática, das boas maneiras, nos colégios religiosos. A vara de marmelo e a palmatória se incumbiam de transformar o pequeno anjinho numa miniatura de adulto precoce” (CIVILETTI; 2012: 4).

A infância no Brasil se mostrava uma fase problemática, muito vulnerável a doenças, sendo a morte, entre as crianças, considerada natural. Civiletti (2012) destaca que era comum a comparação de crianças mortas a anjos, tanto para os brancos como para negros. De acordo com o relato do viajante inglês Luccock, (apud, LEITE; 2011: 30) “muitas se vão por causa de maneiras impróprias de tratar, de negligência, ou indulgência danosa, frequentemente mistura de uma com a outra”.

As crianças brasileiras eram vistas pelos viajantes durante o século XIX de diversas formas. Elas poderiam ser, aos olhos dos estrangeiros inofensivas e inocentes, como relatou Walsh, em 1828:

Algumas meninas tinham um ar muito doce e cativante. Apesar de sua pele escura havia tanto recato, delicadeza e cordura nos seus modos que era impossível deixar de reconhecer que eram dotadas dos mesmos sentimentos e da mesma natureza de nossas filhas.
[...] não me lembro de jamais ter visto uma criança negra nervosa ou irritada, e muito menos acometida desses fúteis acessos de raiva em que se comprazem as crianças da superior raça branca. (apud LEITE; 2011:28)

No Entanto, o próprio Walsh alertava para a violência dos meninos:

Os moleques atacavam com suas facas todos os estrangeiros que encontravam por perto e os mutilavam de forma selvagem. (apud LEITE; 2011:32)

Para outros, as crianças no Brasil demonstravam precocidade como mostra o relato de Edgecumbe em 1886:

A menor menina usa colares e pulseiras e meninos de 8 anos fumam cigarros. Encontrei um bando de meninos voltando da escola, uma tarde. Um pequeno aparentemente de sete anos tirou do bolso um maço de cigarros e ofereceu a um de cada vez. Ninguém demonstrou qualquer desaprovação de um menino tão pequeno estar fumando. (apud LEITE; 2011:39)

Isso revela que, historicamente, a criança sempre fez parte do imaginário adulto e foi representada a partir dele. Marcada por estigmas, a “criança brasileira foi órfã, abandonada, delinquente, escrava, menor, trabalhadora; mas também pura, ingênua, bela e até promessa de futuro” (CUSTÓDIO; 2006:19).

Durante o Império, houve maior preocupação em relação à saúde infantil, pois nesse período a mortalidade ainda era alta, levando higienistas e médicos a estudarem o problema. A vacinação passou a ser obrigatória. Com relação à educação, as escolas da fase inicial começaram a se espalhar pelo país com o apoio de instituições religiosa e privada; a

assistência infantil foi intensificada através da caridade, da Roda dos Expostos², etc. De acordo com Custódio (2006)

O período imperial brasileiro gradativamente reconhecia a infância como etapa específica do desenvolvimento. No entanto, esta descoberta não significou imediatamente a valorização indistinta da criança como elemento prospectivo da humanidade. Antes disso serviu para demarcar uma radical diferença de classe, privilegiando as crianças da elite mediante o reconhecimento de uma identidade própria e particular que se afirmou diante dos demais segmentos estigmatizados como órfãos, expostos, menores, delinquentes, ou seja,[...]aos meninos e meninas das classes populares. Tratava-se da produção de desigualdade, elemento que no século seguinte, seria fundamental para a constituição de uma classe trabalhadora e operária. (CUSTÓDIO; 2006:29)

A partir do século XX tivemos mudanças fundamentais para a valorização da infância e da criança, principalmente a partir do governo Vargas. Nesse momento havia uma preocupação em formar cidadãos nacionalistas e trabalhadores que colaborassem para o projeto capitalista, ligado ao desenvolvimento e ao progresso. O governo institucionalizou a universalização do ensino básico, havendo uma renovação em relação às práticas pedagógicas em que “o processo de aquisição do conhecimento, [...], surge da ação da criança”. (ANDREOTTI)

Ocorreram também mudanças na legislação em prol das crianças e adolescentes, porém somente a partir da década de 1980, será constituído “o marco [...], com a inscrição na Constituição Federal dos princípios da Doutrina de Proteção Integral, superando definitivamente toda matriz autoritária do menorismo instaurado ao longo da história brasileira” (CUSTÓDIO; 2006: 82).

Muitas das mudanças com relação à forma de ver e tratar as crianças foram devido aos estudos sobre elas. “Essa fase da vida foi construída pela voz adulta de juristas, médicos, policiais, legisladores, comerciantes, padres, educadores” (CUSTÓDIO; 2006:19), porém, sabemos muito pouco como elas pensam, como veem o mundo a sua volta ou sobre seus anseios através do tempo.

As representações sobre a criança sofrem variação de acordo com a cultura e com o tempo, bem como a definição e delimitação da infância como fase da vida. Então, como podemos caracterizar a infância? Existe alguma forma específica de distingui-la das outras etapas da vida?

² Roda dos expostos se refere ao local onde eram deixados os bebês abandonados sem que a identidade da pessoa que colocasse o bebê fosse revelada. Essas Rodas ficavam nos muros dos hospitais.

Infância... Até quando?

Não é tão fácil definir a infância, pois, de acordo com Ariès (2011), ela é uma construção social, mudando no tempo e no espaço. As mudanças que ocorreram no que se refere à noção de infância, de acordo com Custódio, permitiram grandes avanços no âmbito jurídico, na promoção de direitos e proteção a ela. Mas, até quando vai a infância? Quando começa a adolescência? Ainda hoje há divergências quanto a isso. Custódio afirma que:

não há um conceito objetivo, permanente e imutável de criança(s), pois elas são diversas e diferenciadas de acordo com sua cultura, origem social e todas as dimensões e oportunidades de desenvolvimento; tampouco a idade cronológica é capaz de garantir precisão ao conceito de criança(s), pois os conhecimentos, experiências e necessidades fazem-nas serem diferentes. (CUSTÓDIO; 2006: 20)

Segundo Stearns, algumas sociedades encaram a puberdade como o fim da infância, porém outras admitem que a adolescência ainda caracterize de alguma forma essa fase da vida, sendo que ela só termina quando se chega à fase adulta. Portanto, a puberdade pode ser encarada como o início de uma nova fase ou não. De acordo com este autor, “em muitas sociedades, o casamento na puberdade particularmente para as meninas, é comum. Em outras sociedades, como as do Ocidente nos dias de hoje, o período da infância foi ampliado” (STEARNS; 2006: 13).

Durante o período medieval na Europa, Ariès destaca que havia uma dificuldade em se diferenciar as fases da vida. A infância estava muito ligada à dependência e a partir dos sete anos a criança já era considerada um pequeno homem, portanto, não se passava pela fase da juventude. Até mesmo nas escolas não havia separação por faixa etária e as crianças eram apenas separadas pela capacidade, o que perdurou até o século XVIII. Somente no século XIX, com a nova pedagogia, houve separação etária por classe, com a escola colaborando para definir as etapas da infância. Stearns (2006) afirma que na escola,

O nivelamento por idade podia também afetar a maneira pela qual muitos adultos pensavam sobre as crianças. No século XX, primeiro no ocidente, mas depois de forma mais ampla, um grande grupo de especialistas elaborou padrões de desenvolvimento por idade, incluindo habilidades cognitivas. Esses especialistas construíram e impuseram (segundo alguns críticos de forma exagerada) padrões de idade específicos dentro e fora da escola. (STEARNS; 2006:94)

Porém, Mollo-Bouvier (2005) afirma que há dificuldade em se estabelecer os limites da infância porque estes estão sempre em constantes mudanças. De acordo com a autora, aos três anos de idade a criança começava a ser preparada na escola maternal para a fase obrigatória escolar que ocorria a partir dos seis anos de idade e, atualmente, as crianças são

iniciadas aos dois anos de idade, mudando toda a estrutura institucional no processo de socialização, já que agora a creche se tornou o preparo para o maternal.

A infância está se estendendo e, de acordo com Calligaris (2012), isso pode ser expresso através de algumas características, como a decoração do quarto da criança pelos adultos que idealizam aquilo que gostariam e pelo uso dos jogos, ou seja, o que vemos é que as coisas que remetem à infância são “tomadas” pelos adultos. Isso fica claro, ainda, quando vamos a shoppings e nos deparamos com produtos como almofadas coloridas em formatos de bichos, doces, roupas com estampas de personagens de desenhos animados sendo apropriados por adultos, e, até mesmo em parques de diversão, em que os pais, juntamente com seus filhos, se regozijam nos brinquedos. Dessa forma, a infância vai contaminando a sociedade e redefinindo padrões de consumos culturais.

Apesar das diversas especificidades da infância, se fez necessário seguir uma definição para a execução deste trabalho. Para isto, foi levado em consideração o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, de 1990, que afirma no artigo segundo que criança é aquela até doze anos incompletos e adolescentes aqueles entre doze e dezoito anos de idade.

Mesmo não sendo, de acordo com Custódio (2006) uma definição precisa, será seguida a conceituação do ECA quanto ao aspecto cronológico, já que a faixa etária é tomada como direcionamento para atividades e políticas públicas voltadas às crianças. Como Mollo-Bouvier (2005: 393) afirma, “nos ministérios, nas prefeituras e em cada instituição, todas as atividades administrativas recortam a infância em etapas, e cada etapa, em “faixas” de idade, as quais regulamentam a vida social das crianças”.

A criança antes e depois do Estatuto da criança e do adolescente

No Brasil, depois do ECA, houve uma mobilização na proteção da criança e do adolescente contra os abusos e a exploração, reconhecendo a criança como um “sujeito social de direitos” que necessita de cuidados. Porém, nem sempre foi assim. De acordo com Schuch (2009), constituir a criança como “sujeito de direitos” advém das “tecnologias de poder e de saber [...] que implicam não só o idioma dos “direitos” formais, mas um conjunto de valores sobre família, autoridade, classe, segurança e harmonia social” que se constituem também autoridades para administração da infância e adolescência. “Através de variadas maneiras de intervenção e domínios de autoridades que envolvem agentes diversos, a vida de crianças e adolescentes passou a ter importância fundamental na gestão da sociedade brasileira [...]” (SCHUCH; 2009:105-106)

Durante o século XIX à criança e ao adolescente era atribuída a palavra “menor” que serviu para designar àqueles que eram abandonados “tanto material como moralmente” (LONDOÑO; 1996:135). Essa palavra definia meninos e meninas que causavam problemas à sociedade, os que se envolviam em crimes. O Código Criminal de 1830 estabelecia responsabilidade penal a partir dos quatorze anos, mas com menos idade, a criança poderia ser penalizada, se comprovasse seu discernimento no momento do ato criminoso. Ficando a critério do juiz, ela poderia ser recolhida em casas de detenção até os dezessete anos e, a partir dessa idade, ser condenada à prisão comum (LONDOÑO, 1996). Esse fato revela um ato contraditório, pois nesse período, apesar de a maioridade ser reconhecida a partir dos vinte e um anos, com menos idade já se podia responder perante a justiça e assumir responsabilidades.

Londoño (1996:131) afirma que além do menor, havia também “o filho de família e o órfão”. Esses, no “caso de abandono, dependiam do juiz dos órfãos, ficando normalmente aos cuidados das Santas Casas ou de particulares” e a partir daí poderiam, aos sete anos, ser encaminhadas “ao arsenal da Marinha, ao exército, aos seminários ou a Ordens religiosas no caso das meninas”. Em 1890, com o novo Código Penal, a situação piorou já que se estabeleceu a idade de nove anos, e não mais quatorze, para a responsabilidade penal, o que foi criticado por juristas nacionais e internacionais. E não foram somente estes que chamavam atenção para condição das crianças; “através do lema “salvar crianças”, toda uma rede de autoridades passou a ser discutida e viabilizada para atenção e controle da infância” (SCHUCH; 2009:108).

A partir de 1927, com o Código de Menores, que foi a “primeira lei especial para crianças e adolescentes” (SCHUCH; 2009:108) dezoito anos passou a ser a idade de maioridade jurídica. Essa lei foi criada a partir de discussões de juristas sobre a humanização e modernização da justiça. Médicos higienistas também chamavam atenção para a saúde e o bem-estar da criança, devido à alta mortalidade na época. Educadores propunham novas práticas pedagógicas, visando desenvolver capacidades de cada indivíduo. E, com o tempo, cada vez mais as crianças e adolescentes se tornaram o foco de discussões no Brasil e no mundo. Legislações e tratados internacionais passaram a difundir uma abordagem individualista como a “Organização das Nações Unidas – ONU, criada em 1945, e o seu órgão especializado em crianças e adolescentes, o Fundo das Nações Unidas (UNICEF)” e com a promulgação da “Declaração Universal dos Direitos do Homem” (SCHUCH; 2009:117) a soberania do indivíduo ficou clara.

Essa discussão internacional levou a um debate nacional sobre mudanças no Código de Menores de 1927. Em 1979 foi estabelecido o Novo Código de Menores, porém, devido ao período autoritário e repressivo que o país vivia, não houve grandes avanços, pois o foco continuava a ser aquelas crianças e adolescentes que se encontravam em situação irregular. Somente no final da década de 1980 ocorreram mudanças significativas para crianças e adolescentes. Segundo Schuch (2009)

Com relação às políticas para a infância e juventude o alvo das políticas jurídico-estatais deixou de ser definido como o “menor em situação irregular” e passou a ser definido como crianças e adolescentes “sujeitos de direitos”, seguindo a tendência da “universalização da infância” [...]. A “justiça como assistência”, a classificação do “menor” e o “paradigma da menoridade” passaram a ser absolutamente criticados como repressores, autoritários, e discriminatórios, vistos como mecanismos privilegiados de um poder discricionário em relação à infância e a adolescência (SCHUCH;2009:125).

A Constituição Brasileira de 1988 e, principalmente, a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, em 1990, contribui para assegurar proteção integral a esses indivíduos. De acordo com o ECA, no artigo terceiro, a criança e o adolescente possuem os direitos fundamentais do homem, dentre os quais está o direito à informação. Por isso se faz necessário que as crianças e adolescentes conheçam seus direitos e deveres, como elemento da cidadania. Dessa forma, as escolas têm um papel importante para fazer com que as crianças aprendam e reflitam sobre esse documento. Políticas públicas também são necessárias para tornar efetivo o direito à cidadania. Atualmente, em *sites* de órgãos públicos e privados, encontram-se produções voltadas a crianças e adolescentes, como as histórias em quadrinhos produzidas por Mauricio de Souza Editora e Ziraldo que mostram de forma divertida seus direitos e deveres.



Figura 1- Turma da Monica em O Estatuto da Criança e do adolescente. Fonte: www.unicef.org/brazil/pt/multimedia_14792.htm



Figura 2- Cartilha sobre os Direitos Humanos produzida por Ziraldo. Fonte portal.mj.gov.br/sedh/documentos/CartilhaZiraldo.pdf

Outro direito garantido à criança e ao adolescente, que é o foco desse trabalho, é o lazer. O artigo 4º do Estatuto afirma que *é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária*. Sabe-se que o lazer infantil, através do brincar, da prática de esportes, dos jogos não significa apenas um momento de descontração, de diversão, mas de aprendizagem, de descobertas, levando a criança a compreender a cultura, integrando-se ao desenvolvimento e à socialização. Por isso, como o artigo 16 reafirma, toda criança tem



Figura 3: "Turma da Mônica em: O Estatuto da Criança e do adolescente", p. 9.

Apesar da lei muitas crianças ainda são privadas dos seus direitos, entre os quais se podem destacar o respeito, a dignidade e a liberdade. A exploração e o abuso de crianças e adolescentes ocorrem todos os dias, sendo comum a utilização da mão de obra infantil, principalmente quando suas famílias não conseguem ter as necessidades básicas supridas.

Segundo pesquisa realizada pela OIT (Organização Internacional do Trabalho) Porém, no Brasil e no mundo, grande parte das crianças trabalha no meio rural. Dados da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD/2009) revelam que em nosso país há mais de quatro milhões de crianças trabalhando e, a maioria delas, no meio rural.

O meio rural sempre foi representado como um local de trabalho árduo e incessante, onde as pessoas vivem de forma precária. Endlich (2010:23) afirma que “a vida rural significa uma situação humana em que a sobrevivência só é possível com muito trabalho” e “o resultado desse trabalho oferece o mínimo necessário para viver.” De fato os cuidados com os animais e a plantação exigem dedicação integral das pessoas que vivem nesse local. Thompson (1998:285) aborda que no século XIX parecia “haver trabalho diário semanal implacável nessa área: o trabalhador rural não tinha a Santa Segunda-Feira”, ou seja, não tinha dia de descanso.

A participação dos filhos no trabalho, portanto, era imprescindível para a sobrevivência da família. O trabalho infantil não era condenado. Na cultura camponesa isso era costume e segundo Thompson (1998:17) era natural “como iniciação em habilitações dos adultos” o aprendizado das crianças se fazer inicialmente através dos serviços domésticos e “mais tarde (frequentemente) na condição de empregado doméstico ou agrícola” (THOMPSON; 1998:18). O aprendizado era transmitido de geração a geração, perpetuando determinadas práticas. Ainda hoje, no meio rural, a inserção da criança no trabalho é muito comum, principalmente na agricultura familiar.

Sobre esse fato, Seyferth (1994) nos mostra algumas das características da cultura alemã que se enraizou no sul do Brasil durante o século XIX, na qual se destaca a ética do trabalho, de cumprir com seu papel de cidadão, colaborando para o crescimento do país. Atualmente, essa ideologia dos imigrantes que vivem no campo persiste e para eles é importante que as crianças também participem do universo do trabalho aprendendo a viver em sociedade e, dessa forma, isso se torna parte da própria identidade. De acordo com Rossato

A criança camponesa é inserida no mundo do trabalho muito cedo e, conforme cresce, aumentam suas responsabilidades. Os jovens, inseridos nos ritos comunitários e nos afazeres da propriedade, têm consciência de serem os herdeiros das tarefas dos pais, se permanecerem no campo. (ROSSATO; 2006:5)

Apesar de ser um lugar estigmatizado pela sociedade de uma forma negativa, o rural também passou por mudanças. Ele não é o mesmo se comparado, por exemplo, a 50, 60 anos atrás. E como nosso objeto de estudo são as crianças, especificamente àquelas que vivem no

meio rural, se faz necessário, para estudá-las, procurarmos compreender o local onde vivem; compreender o rural como um lugar que vem passando por transformações, onde tradição e modernidade se entrecruzam.

A criança Rural

Durante muito tempo o meio rural foi representado como um local atrasado e de atividade exclusivamente agrícola quando comparado às cidades, tidas como espaço de modernidade e tecnologia. A produção cultural e a mídia colaboraram para fortalecer essa idéia. Podemos citar aqui o clássico Jeca Tatu de Monteiro Lobato, criado na primeira metade do século XX.³ Segundo Castilha e Coito (2007:1561) este personagem “colaborou para a subjetivação direta da figura do homem do campo, conotando um novo sentido ao termo “caipira” e distinguindo claramente o fazendeiro (trabalhador, culto e progressista) do Jeca Tatu (preguiçoso, ignorante e regressista).”

A representação que os setores urbanos fazem daqueles que vivem no campo é a de que sejam pessoas pobres e ignorantes; uma visão única. Portanto, a imagem que se tem do rural e das populações rurais é reducionista e muitas vezes equivocada. Horn explica, em sua dissertação, que ao narrar o mundo a partir de um determinado ponto de vista, especialmente a partir da ótica dos “urbanos”, o rural é homogeneizado e colocado em patamar de inferioridade. É como se todos que vivem no meio rural se vestissem com os mesmos trajes, gostassem das mesmas coisas, se divertissem da mesma maneira,

preferissem pés descalços a um sapato confortável. Na maioria das vezes, essas representações não são questionadas, ao contrário, são naturalizadas e assumem um caráter de verdade. (...), o que dificulta a possibilidade de pensarmos de outras formas sobre o que é rural, mais plurais, e, por consequência, modos de olhar mais amplos sobre os sujeitos que lá residem. (HORN; 2010:21-22)

André Pires (2010) afirma que não existe um modelo do que seja rural, o que existe são ruralidades, e dessa forma podemos entender o rural como construção, perceber sua complexidade e enxergar que ali não existem apenas produtores de alimentos; devemos levar em conta sua “multidimensionalidade”, quer dizer, um local de amplas possibilidades, tanto econômicas como de lazer, ou qualidade de vida, assunto que iremos abordar melhor no segundo capítulo.

³Recentemente a obra de Lobato passou por um longo debate, sendo sugerido que essa literatura fosse retirada do ensino formal por veicular preconceitos raciais.

O fato a ser destacado aqui é que o estilo de vida rural vem se modificando por haver um maior trânsito rural-urbano. Muitos dos que vivem no meio rural trabalham nas cidades e Kageyama (2008) enfatiza que essa proximidade física das áreas urbanas traz acessibilidade, maiores possibilidades de contatos, benefícios econômicos, mas não só isso.

Deve-se levar em consideração que vem ocorrendo uma urbanização do campo também no sentido cultural. As mídias têm sido amplamente difundidas devido às facilidades de se adquirir bens, como por exemplo, a televisão, o rádio e a internet. Esses meios de comunicação também colaboram na modificação dos hábitos, costumes e comportamentos no campo. Novos significados vão sendo agregados ao dia a dia das pessoas, aos costumes, aos valores culturais, instituições, práticas sociais que vão se reconstituindo no tempo e no espaço.

É claro que ainda existem espaços rurais alheios às inovações, em que a pobreza ainda é uma realidade, mas não podemos generalizar. O rural é um espaço plural e, assim como ele, a infância também não é única, existem várias. Para compreendê-la deve-se levar em consideração uma série de fatores, como o nível sócio-econômico e cultural. E enxergar a criança como um indivíduo, um ser autônomo capaz de contribuir para sociedade, torna-se fundamental para compreendê-las.

Pouco se sabe sobre as crianças de meio rural e por isso elas acabam sendo estigmatizadas. Horn nos mostra em seu estudo a forma como as crianças rurais são vistas, sendo taxadas de acanhadas, pobres, alheias a tecnologias, inferiores às crianças urbanas. A autora cita como o modelo de criança rural, vista pelos urbanos, Chico Bento, personagem de Mauricio de Souza, afirmando que

Esta produção imagética cristaliza uma imagem única de rural, assim como a caracterização de uma espécie de infância típica para esse meio. Certamente, há espaços rurais que permanecem com antigas configurações, com atividades ligadas principalmente à agricultura e à pecuária. Contudo, há ambientes rurais que se reorganizam, que implantam novas atividades, novas relações. Mas nas histórias em circulação há tanto tempo, o meio rural continua sendo apresentado como lugar de atraso tecnológico, da ausência de cultura, um espaço único. (HORN; 2010:48)

Segundo Natal (2005), desde fins do século XIX as pessoas que vivem no campo são retratadas nas histórias em quadrinhos como atrasadas e ignorantes. Inicialmente essas imagens depreciativas aparecem nas histórias de Ângelo Agostini, um quadrinhista famoso na época. Atualmente, o mais conhecido dentre os artistas que produzem histórias em quadrinhos infantis é Mauricio de Souza, sendo que um de seus grandes sucessos é Chico

Bento, que surge durante a década de 60, um personagem matuto, desinteressado pelos estudos e que possui muitas dificuldades de aprendizagem.

Não se trata aqui de desmerecer o trabalho deste autor, podendo ser destacado um outro lado nas histórias de Chico Bento que é a valorização do rural como um local em que ainda se preserva a cultura e valores como a família, a religião e também a natureza em oposição às rápidas transformações trazidas pela globalização que interferiram nos hábitos e nos costumes. O personagem representa a simplicidade e a ingenuidade do caipira que povoa o imaginário romântico de muitos que vivem em zonas urbanas.

Maurício de Sousa quando idealizou o personagem, o Brasil já participava dos processos da globalização. O autor intencionalmente ou não, acreditou no potencial e na força ideológica das características do sujeito simples. A crença, na verdade, foi a bagagem cultural apreendida e aproveitada por sua vasta capacidade intelectual e mercadológica que o levou a usufruir um bem maior que são as nossas raízes. E atualmente esse “menino” resgata do passado a riqueza do nosso “caldeamento cultural” (CÓRIO; 2006:138).

O interessante fato destacado por Natal ao analisar as histórias em quadrinhos de Mauricio de Souza é que os personagens suburbanos como Monica, Cebolinha, Magali e Cascão não se encontram com Chico Bento, havendo raras exceções, demonstrando que os universos do qual fazem parte são completamente diferentes. Na roça, Chico trabalha juntamente com seu pai cuidando dos animais, sendo que alguns são de estimação como a galinha *Giserda* e, apesar de sua colaboração, é tido como preguiçoso. Suas brincadeiras envolvem elementos da natureza e ele se mostra totalmente alheio às coisas da cidade. Segundo Natal

A incoerência, aqui, está no fato de que se ignora, nas HQ citadas, a mundialização cultural (a Aldeia Global, de McLuhan⁴), que torna impossível para um personagem, como ocorre nas histórias analisadas, desconhecer o que é um *discman* ou um telefone celular. Tais decisões, certamente tomadas para não descaracterizar o estereótipo, comprometem – embora em pequena medida – a credibilidade do mesmo quando aplicado a um personagem (NATAL; 2005:13).

Entende-se que esse cenário de atraso no meio rural vem se tornando mais a exceção do que a regra. Atualmente as crianças têm acesso aos diversos meios de comunicação e contribuem com o aquecimento da economia, sendo considerados consumidores em potencial de brinquedos, equipamentos eletrônicos, etc. E muitas crianças rurais fazem parte dessa dinâmica social. Como podemos ver através da pesquisa de Horn:

⁴McLuhan afirma que vivemos na Aldeia global e não existem mais fronteiras para comunicação beneficiada pela tecnologia.

Em uma sala cheia de fotografias e enfeites, Anderson (criança “rural”) instala seu *playstation* bem no centro da sala. Ele se diverte sozinho, enquanto que, pelo pátio de sua casa, sua irmã e sua prima brincam pela grama com seu cachorrinho, mas, por algum tempo, Anderson resolve ficar ali conectado em seu *game* (HORN; 2010:56).

As influências urbanas são constantes. Entre elas podemos perceber que muitas das brincadeiras tradicionais estão perdendo espaço e de acordo com Bernardes (2005:543) isso se deve à “influência da televisão, dos jogos eletrônicos e das transformações do ambiente urbano”, discussão essa que procuraremos tratar em outro capítulo.

As crianças como objeto de estudo

Durante muito tempo houve um forte preconceito em estudar as crianças por serem tidas por muitos pesquisadores não como um “sujeito social”, mas como “seres incompletos a serem socializados”(COHN; 2005:17). Mary Del Priore, por exemplo, afirmou que a “história da criança fez-se a sombra daquela dos adultos”(PRIORE; 1996:7), portanto, pode-se perceber que a criança foi por muito tempo um ser ofuscado pela sociedade como um ser atuante. Produzia-se estudos sobre criança acreditando-se que

A socialização poderia ser pensada como a aquisição gradativa de conhecimentos sobre determinado assunto. A criança, ser passivo, aprende. O adulto, ser ativo, ensina. A relação seria unilateral e não comportaria direções contrárias. A linha do conhecimento viria, literalmente, de cima para baixo. A cultura se adquiriria em um processo semelhante. A criança - um ser associal em quem a cultura será inculcada. O trabalho de socialização das crianças seria visto como um mecanismo progressivo de aquisição de cultura. Essa maneira de pensar repousa sobre a definição do adulto portador de cultura, do bebê enquanto ser associal e da criança enquanto ser se tornando social à medida da inculcação dos padrões de comportamento culturais de sua região natal. Nesse sentido, cultura é algo que se adquire, que está localizada no mundo dos adultos e cabe a eles passá-la adiante. A cultura teria um remetente e destinatário, assim como um endereço fixo (PIRES, 2010, 146).

Porém, estudos ligados ao desenvolvimento infantil e à esfera educacional ajudaram a entender melhor essa fase da vida. Destacam-se principalmente os estudos de Piaget e Vygotsky que, através da teoria construtivista, colocam as crianças como seres ativos, que interagem com o mundo a sua volta. “Piaget acreditava que as crianças interpretam, organizam e usam informações do ambiente, vindo a construir concepções (conhecidas como estruturas mentais) de seus mundos físicos e sociais” (CORSARO; 2011:23). Para Vygotsky, através da interação, a criança é levada a adquirir “novas competências e conhecimentos” (CORSARO; 2011:23). Corsaro destaca que “para Piaget o desenvolvimento humano é

basicamente individualista enquanto para Vygotsky, é essencialmente coletivo” (CORSARO; 2011:26).

Esses estudos colaboraram para uma nova visão sociológica sobre a criança, pois dessa forma, as crianças não apenas internalizam a cultura, mas também a produzem e a reproduzem em suas relações a fim de dar sentido ao mundo; “são participantes ativos na construção social da infância e na reprodução interpretativa compartilhada” (CORSARO; 2011:19). De acordo com Suzanne Mollo-Bouvier (2005:393) essa “concepção interacionista da noção de socialização implica que se leve em conta a criança como sujeito social, que participa de sua própria socialização, assim como da reprodução e da transformação da sociedade”.

A antropologia também colaborou de forma expressiva para essa nova percepção utilizando vários métodos e técnicas de pesquisa dialogando também com outras áreas de conhecimento a fim de compreender a criança, saber o que pensa e como interpreta o mundo. Nas palavras de Cohn (2005, p.21) as crianças, “seres sociais plenos, ganham legitimidade como sujeitos nos estudos que são feitos sobre elas”. Para a autora é importante levar em consideração a cultura da qual as crianças fazem parte para estudá-las, pois, podem ser vistas de formas diferentes.

A História do Ocidente nos revela que durante muito tempo elas não eram ouvidas, mal se falava sobre elas. Não há como saber como se sentiam, como expressavam seus sentimentos, como interpretavam o mundo, pois sua história foi construída pelo olhar adulto e, por eles, foram usadas como mão-de-obra barata nas fábricas, como soldados em campos de guerra sem mesmo terem estrutura física e mental para isso. Elas colaboraram para o crescimento econômico e, ainda hoje, muitas, através de seu trabalho, contribuem ajudando no sustento de suas famílias.

Os estudos sobre essa fase da vida colaboraram para que hoje elas sejam reconhecidas como seres autônomos, como indivíduos que devem ser respeitados e tratados com dignidade. Elas são parte da sociedade e contribuem para ela através das atividades na escola colaborando na construção do conhecimento, no trabalho fora de casa e também nos trabalhos domésticos e, claro, há ainda sua contribuição para a cultura, através das brincadeiras, dos jogos. Portanto, elas não só são afetadas pela sociedade como também a afetam (CORSARO; 2011).

Através das histórias, das lendas, as crianças se apropriam da cultura dos adultos e constroem seu próprio mundo desempenhando um papel ativo, bem como pelas brincadeiras

que, a partir da interação, da cultura de pares, são transformadas conforme suas vontades. Para ilustrar, nos remetemos novamente a Corsaro (2011; 87) que nos mostra que durante a escravidão nos Estados Unidos “as crianças escravas tentavam aliviar suas ansiedades e medos particulares por meio dos papéis dramáticos”, constituindo representações próprias da realidade.

Até mesmo no trabalho elas costumavam se divertir, como nos lixões no início do século XX, onde “podiam fazer o que lhe apetecia: correr, brincar, procurar tesouros enterrados, construir fortes, [...]” (CORSARO; 2011:91). O lazer sempre fez parte do universo infantil e, como vimos, atualmente se constitui em um direito. Porém antes de entrarmos de fato neste assunto, devemos compreender o que é o lazer, tema que será destaque do nosso segundo capítulo.

CAPÍTULO 2 - LAZER: UMA INTRODUÇÃO

Para falarmos sobre lazer infantil, é necessário, antes, entender o que é o lazer, sua definição e importância na qualidade de vida das pessoas e é isso que iremos trabalhar neste capítulo. De acordo com Pronovost (2011), o lazer faz parte da natureza humana e, desde a antiguidade foi constatada sua relevância.

A necessidade de se estudar o lazer teve início a partir da Revolução Industrial, ainda no século XVIII. Durante esse período o lazer estava relacionado simplesmente ao ócio, ao repouso necessário para recuperar as forças do trabalhador. Dumazedier (2004) afirma que o objetivo do lazer não está apenas no repouso. Além do *descanso* há o *divertimento e entretenimento* e o *desenvolvimento pessoal e social*. Dessa forma o lazer está ligado à sociabilidade, à criatividade, à ludicidade, ao investimento na vida pessoal, como educação e o turismo, à saúde, enfim, a diversos aspectos ligados à qualidade de vida. Dumazedier expõe que:

O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER; 2004:34).

A designação de ócio dado partir da revolução industrial, não tem nada a ver com o que atualmente entende-se como lazer, pois tem uma conotação negativa, preconceituosa, relacionado à preguiça, à passividade, em contraposição ao trabalho, tido como virtude (AQUINO; MARTINS: 2007). Os gregos antigos interpretavam o ócio de forma diferente, “como um direito natural, aristocrático, e mantinha uma íntima relação com o aprendizado”, ou seja, “o ócio era associado à sabedoria, ao desenvolvimento do homem completo, em corpo e espírito” (TURINO; 2005:113). De acordo com Aquino e Martins (2007: 494) “o conceito de ócio atual revisa o que a produção europeia resguarda a partir da experiência grega, ressaltando suas outras funções, como a libertadora, a criadora e a contestadora”.

Segundo Marcellino (2001) a sociedade industrial rejeita o ócio e pelo fato de o lazer ser diretamente reduzido a isso, muitas pessoas não o colocam como um valor central, priorizando mais o tempo e o trabalho. Apesar disso, o lazer é visto como indispensável para muitas pessoas. Turino (2005:112) afirma que “essa percepção da necessidade de cultivar um tempo que é interrompido para descanso se mantém até a atualidade, e, frequentemente, lazer é associado a uma positiva forma de recomposição de energias”. Ele é constituído um direito social como está no artigo XXIV da Declaração dos Direitos Humanos e no capítulo 2, artigo

6º da Constituição Brasileira de 1988. Portanto o lazer é uma das necessidades básicas do ser humano.

O lazer pode significar várias coisas para as pessoas, não sendo tão fácil defini-lo por ser um tema tão abrangente e complexo. Segundo Pronovost (2011), há diversos significados para o lazer, podendo estar ligado a atividades ou não e essas significações estão atreladas a um universo cultural, aos valores que variam conforme o tempo e o espaço. De acordo com Dumazedier (1994:31) “o lazer é definido, nos dias de hoje sobretudo, por oposição ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana”. É um tempo em que se pode libertar das “tendências longamente contidas ou reprimidas pelo peso do trabalho e das instituições normativas”, permitindo “uma forte expressão social de si mesmo, através do corpo, do coração ou do espírito” (DUMAZEDIER; 1994:48).

O tempo voltado para o lazer difere daquele ligado às obrigações; é o chamado tempo livre. Esse tempo foi fruto da luta dos trabalhadores pela diminuição do tempo de serviço. Segundo Pronovost (2011:25), o “tempo livre está ligado à liberdade, satisfação pessoal, criatividade, ludicidade, etc.” É um momento que permite “que os sentimentos sejam mais estimulados e as pessoas experimentem fortes emoções em público” (Turino; 2005). Para Aquino e Martins (2007)

É da liberação do tempo que devia ser dedicado ao trabalho, que emerge a noção do tempo livre. Aí estão implicadas algumas variáveis. A primeira delas é que a liberdade, tomada como exercício temporal, não podia ser exercida no trabalho, pelo menos na concepção de trabalho industrial, uma vez que a organização produtiva pressupunha uma sincronização, que ainda não havia sido experimentada de forma generalizada em outros momentos da história. A segunda é que a liberdade de constituir-se como sujeito estava limitada pelo processo de alienação imposto pela produção capitalista (AQUINO; MARTINS; 2007:490).

Mas de acordo com Pronovost (2011) o tempo livre pode assumir diversas formas, inclusive expandir a própria “noção de trabalho para esfera não produtiva, no sentido de uma atividade significativa para a produção de uma sociedade mais justa, sem que se possa ou busque abraçar aí alguma medida de produtividade ou de ganho puramente econômico” (PRONOVOST; 2011: 90). Para este autor, “tempo livre é um tempo aberto às atividades sociais, educativas, culturais e políticas produtoras de novas solidariedades” (PRONOVOST; 2011:91).

O tempo livre associado ao lazer é um momento em que as pessoas podem interagir, trocar conhecimento e adquiri-lo através de atividades culturais como ir ao cinema, ao teatro,

assistir a espetáculos, programas educativos na TV, viajar, fazer cursos, etc. O aprendizado, portanto, ultrapassa os muros da escola e se torna um processo contínuo.

Mas nem todas as atividades realizadas durante o tempo fora do trabalho remetem ao lazer como cuidar da casa, dos filhos, o tempo com cuidados pessoais, dentre outros. Atualmente muitas pessoas reclamam a falta de tempo sentindo-se consumidas pelo cansaço e pelo stress do dia a dia. Apesar de, historicamente, a jornada de trabalho ter diminuído, o trabalho dentro de casa, os cuidados com a família acabam gerando uma tensão pela falta de tempo (PRONOVOST, 2011).

Seguindo esse raciocínio, Norbert Elias (appud, TURINO; 2005) classificou algumas atividades que distingue tempo livre de lazer e dividiu o tempo fora do trabalho em três categorias que correspondem às *rotinas do tempo livre*, que se referem ao tempo gasto com cuidados pessoais, necessidade biológica e organização da casa e cuidados com a família, as *atividades intermediárias*, das quais fazem parte as obrigações religiosas, políticas, os estudos, dentre outros, e as *atividades de lazer* que se referem às atividades sociáveis, o lazer comunitário e o jogo. (TURINO; 2005:124-125).

O jogo remete ao lazer se caracterizando como uma forma de socialização (TURINO; 2005) e, de acordo com Pronovost (2011:45), promove um “distanciamento da realidade cotidiana [...] ambientando certas situações, objetos ou eventos em uma nova integração”, além disso, permite também a abolição fictícia do tempo e do espaço, pois uma sala de aula, uma praça, pode servir para funções lúdicas. Pronovost (2011) afirma que

O jogo permite certa compreensão dos fenômenos sociais na medida em que constitui um modelo estilizado de desenvolvimento da ação social. [...]. O jogo constitui, assim, um modelo de construção da realidade social, permitindo aprender como se integram de maneira coerente, aos olhos dos participantes, diversos componentes da ação social, como estão estruturadas a percepção e a atenção, como estão ligados gestos e significações, como estão delimitados os universos sociais. E, a esse respeito, lazer, festas e espetáculos constituem os protótipos mais nítidos.(PRONOVOST; 2011: 46)

A festa como o jogo, se liga ao lúdico, ao divertimento e ela permite que os sentimentos sociais sejam liberados, quebrando a rotina, devido aos excessos que são permitidos, criando outro mundo, distanciando-se da realidade e, através dessa efervescência coletiva “cria-se o vínculo social e uma imagem dele na mente de cada um dos participantes, assim como um sentimento de pertença destes ao todo social” (CAMURÇA; 2003:11), constituindo-se também como uma forma de sociabilidade.

Deve ser destacado que o tipo de lazer irá se diferenciar conforme a idade, sexo, o nível de escolaridade e a posição social. Como já afirmado, o lazer “tem significados

diferentes para cada pessoa, dependendo do interesse e da experiência de cada um” (TURINO;2005:123). Pronovost (2011) afirma que os jovens e as pessoas que possuem trabalhos com baixa remuneração costumam dar mais valor ao lazer do que pessoas mais bem sucedidas profissionalmente. Para estes últimos, o trabalho e a família costumam ficar em primeiro lugar.

As práticas de lazer atualmente estão muito ligadas ao consumo, “a maioria das atividades de lazer é, hoje, mediada pelo mercado - ir ao cinema, viajar a turismo, ver TV e conversar pela Internet são alguns exemplos” (TASCHNER; 2000: 39). Essas práticas são estimuladas dentro da sociedade capitalista e, para muitos, ir a shoppings, poder adquirir bens e determinados serviços é um meio de se desfrutar o tempo livre. Taschner (2000) afirma que as lojas de departamentos que surgiram na Europa ainda no século XIX forneceram aos consumidores uma forma de socialização e sair às compras ou simplesmente admirar vitrines tornou-se lazer.

Sabe-se que os avanços tecnológicos têm possibilitado às pessoas usufruírem de lazer, a partir de aparatos industrializados, mas percebê-lo apenas como cultura de consumo leva à exclusão, já que o acesso a esses bens se restringe a uma parte da sociedade que possui condições que favorecem isso.

O Lazer no Brasil

A sistematização dos estudos sobre lazer no Brasil é recente, porém, de acordo com Gomes e Melo (2003), houve um crescimento nas pesquisas sobre o tema e “uma perspectiva interessante para contribuir para um salto de qualidade no campo é compreender o desenvolvimento histórico e o atual estágio do lazer em nosso contexto.” (GOMES; MELO; 2003:25). Portanto, nessa parte, utilizaremos como suporte a História para compreendermos o início das preocupações em se estudar o lazer no Brasil e como o momento político e econômico influenciará nele. Segundo Gomes e Melo (2003)

no Brasil, se desde o século XIX as preocupações com o lazer da população já estavam presentes nos discursos de engenheiros e sanitaristas responsáveis pelas reformas urbanas típicas da modernidade (Melo, 2001); evidências indicam que a necessidade de se estudar “o problema do lazer” de forma mais estruturada começa a se configurar nas primeiras décadas do século XX (GOMES; MELO;2003:26).

No início do século XX ocorreu a expansão da indústria, que foi beneficiada pelo café e, nesse período, as condições de trabalho dos operários brasileiros se equiparavam ao dos trabalhadores do século XVIII na Europa, havendo manifestações e greves contra as

condições desumanas que lhes eram impostas. As velhas oligarquias que dominavam, com o passar do tempo, perdiam cada vez mais as forças frente a um país que crescia e se modernizava tornando-se necessária uma renovação política (LOPES; 2002).

De acordo com Camargo (2011), a situação do Brasil diferia das dos Estados Unidos e países europeus, já que nessas sociedades a industrialização estava avançada “com seus cidadãos beneficiados pela sensível redução de jornada de trabalho diário, fins de semanas e férias cada vez mais ampliados” (CAMARGO; 2011:153). Acreditava-se que o lazer era resultado do desenvolvimento dessa civilização industrial, capitalista, em que as pessoas pudessem ter condições econômicas para consumir. De acordo com Camargo (2011:154), “o lazer passa a ser o espelho do trabalho, e a própria sociologia do lazer passa a ter como referência central a sociologia do trabalho”.

No Brasil, foi no momento de transição de uma sociedade tradicional, para uma sociedade industrial, moderna e urbana que o tema do lazer surgiu com mais força. Durante a era Vargas, a partir da década de 1930, foi colocado em prática o projeto de “modernização burguesa”, que significou “a ampliação da máquina burocrática e administrativa, criação de empresas estatais, industrialização capitalista destinada ao mercado interno e supressão da antiga hegemonia política das oligarquias tradicionais” (LOPEZ; 2002:46). O populismo de Vargas, através de concessões e garantias a classe trabalhadora, forneceu a paz social necessária para a execução do projeto.

De acordo com Lopez (2002:47), a industrialização foi fundamental para o crescimento urbano e para a diversificação da economia brasileira e, essas mudanças impulsionaram “transformações que possibilitam um maior acesso ao lazer através do desenvolvimento das artes e espetáculos e pela valorização do lazer do trabalhador por meio da construção dos clubes-empresa” (ALMEIDA; GUTIERREZ; 2005:37). Mas deve ser ressaltado que

somente em 1960, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Estatística), a população urbana ultrapassa a rural, vamos encontrar um lazer típico do início da industrialização, ilustrado pela passagem entre o lazer como manifestação popular e comunitária e o lazer como mercadoria de consumo disponível no mercado. (ALMEIDA; GUTIERREZ; 2005:37)

De acordo com Marcellino et.al. (2011),

a caracterização de nossa sociedade como predominantemente urbana começa a se configurar a partir do censo de 1970, tendência essa confirmada pela análise dos números levantados em 1980, e mais contemporaneamente com ênfase na concentração da população nos grandes centros urbanos. Mesmo que convivam, ainda hoje, os dois “modelos” de sociedade, em

diferentes regiões do país, os valores veiculados pela indústria cultural, através dos meios de comunicação de massa, são os da sociedade moderna – urbana - industrial fazendo com que as questões relativas ao lazer sejam entendidas a partir desses valores hegemônicos (MARCELLINO [et.al.]; 2011:20)

São Paulo foi uma das primeiras cidades a perceber a necessidade de lazer através da criação de espaços públicos e verdes que atendessem “a novas aspirações lúdicas da população” (CAMARGO; 2011:154). Camargo, ao analisar o lazer nessa cidade, afirma que até 1850 as pessoas costumavam ficar mais confinadas. Os momentos de lazer, para todos, ocorriam durante as festas religiosas. Mas a partir de 1850 e principalmente no início do século XX, “velhas práticas culturais [...] como touradas, as cavalhadas, o entrudo são substituídas por outras práticas mais próximas dos modelos da nova cidade europeia: o carnaval, o hipódromo, os restaurantes, hotéis, parques, o comércio” (Camargo; 2001:175). Portanto ocorre uma diversificação das práticas de lazer. Camargo ainda afirma que

De 1850 a 1950, as práticas se diversificaram e se segmentaram, impondo uma nova formatação para as práticas lúdicas, hoje chamadas de lazer. O lazer doméstico enriqueceu-se paulatinamente com a crescente importância das mídias: jornais, livros, revistas, rádio. Os jovens de ambos os sexos conheceram o esporte a ginástica, [...]. As famílias adotaram pouco a pouco o hábito do passeio pela cidade, que envolvia a visita aos centros de comércio mais especializado, bem como confeitarias, parques, etc., mais tarde lojas de departamento. Sob inspiração do higienismo, aconteceu a implantação de parques e áreas verdes [...] (CAMARGO; 2011:176).

A partir de 1950 até a atualidade, Camargo (2011:179) afirma que o “lazer ainda guarda traços da época anterior”. Os jovens passam a se tornar “a referência cultural”. Também, “nessa etapa, os valores culturais do lazer se tornam visíveis, não só pela profusão como por suas consequências em outros planos da vida social, surgindo a família lúdica, o trabalho lúdico, a religião lúdica, a política lúdica.” (CAMARGO; 2011:181)

O lazer dos jovens, bem como de crianças, vai se distanciando mais da família, deixando de ser influenciado pelos pais, como afirma Pronovost, devido ao “peso da mídia e dos grupos que frequentam” (PRONOVST; 2011:97). A mídia vai tomando força cada vez maior em nossa sociedade através de aparatos, como televisão, DVDs, *Home Theater*, videogame, Internet, tornando-se mais acessíveis. “A identificação do lazer com consumo de tipo capitalista encontra aqui sua maior expressão” (CAMARGO; 2011:181).

A televisão começou a se popularizar durante o período da ditadura militar devido ao desenvolvimento dos meios de comunicação. O início da fase militar marca o fim da era populista que se iniciou com Vargas, abrindo a participação popular e perspectivas de

melhorias no campo social e político, na época, necessários para possibilitar o projeto de modernização burguesa. Até esse momento, segundo Almeida e Gutierrez (2005)

O lazer popular mantinha a tradição do lazer de rua, o circo e as festas típicas católicas. As práticas esportivas tinham como espaço a rua, a empresa e os campos improvisados. Na cidade, ainda em desenvolvimento, havia muito espaço livre para a população de baixa renda organizar atividades lúdicas, enquanto que os setores mais abastados tinham os clubes esportivos e os parques públicos situados, em geral, nas regiões mais valorizadas (ALMEIDA; GUTIERREZ; 2005:39).

Após 1964 a forma de lazer muda devido à política repressiva que é colocada em prática, à censura e ao crescimento urbano (ALMEIDA; GUTIERREZ; 2005:39). Esses autores ainda acrescentam

que o desenvolvimento dos meios de comunicação e de uma indústria cultural, onde se destaca a popularização da televisão, ajudou também a desintegrar as manifestações artísticas que buscavam atingir os setores populares. O golpe militar de 1964 garantiu o prosseguimento do desenvolvimento capitalista no Brasil em escala cada vez mais ampliada, intensificando a concentração de renda, optando por uma modernização conservadora (ALMEIDA; GUTIERREZ; 2005:39)

As manifestações populares de oposição ao governo, tanto em nível cultural como nas ruas, foram cruelmente banidas através de torturas, prisões, a fim de manter a ordem, estabelecendo a *linha-dura*, facção que “pretendia a eternização dos militares no poder, consoante a ideologia de que só eles estavam acima dos egoísticos interesses de classe e pensavam apenas na pátria” (LOPEZ; 2002:101). E com o Ato Institucional nº 5 – AI-5, editado em 1968, houve um endurecimento ainda maior por parte dos militares em nome da “segurança nacional”.

Com o regime militar as expressões populares e as festas típicas passam a ser controladas, assim como todas as expressões artísticas. A amizade com os vizinhos, a brincadeira de rua das crianças e o lazer típico do meio rural são inibidos não somente pela repressão policial, mas também pelo próprio desenvolvimento das cidades com a diminuição de áreas livres e aumento do número de carros nas ruas. Tudo isto torna a televisão a maior vivência de lazer popular. (ALMEIDA; GUTIERREZ; 2005:41)

Através do nacionalismo, que procurou minimizar os efeitos da repressão e camuflar um país entregue ao capital estrangeiro. Além disso, o governo promoveu também o esporte. Almeida e Gutierrez (2005) afirmam que

os militares, sabendo que as manifestações populares e de lazer serviam como propaganda política, iniciaram um amplo investimento na área esportiva, divulgando e incentivando a participação em jogos olímpicos e campeonatos mundiais de futebol, construindo estádios, campos de várzea e parques públicos [...]. Através do discurso de formação de atletas e

investimento nos clubes, o esporte serviu para mostrar a evolução da nação, caso típico de regimes totalitários. Neste período o esporte foi sistematicamente utilizado a favor do regime militar (ALMEIDA; GUTIERREZ; 2005:41).

Durante o governo Médici a economia crescia de forma desigual, provocando uma concentração de renda, gerando um alto custo social. O modelo econômico desenvolvimentista conhecido como “milagre brasileiro” “estimulou ao máximo o consumismo das elites e classes médias, produzindo bens cada vez mais sofisticados” (LOPEZ; 2002:108) e o resto da população foi “quem pagou a conta do banquete” (LOPEZ; 2002:109). Almeida e Gutierrez (2005) afirmam que a partir desse momento ocorreu

a formação de um lazer próximo às elites internacionais como as viagens para outros países; a criação de espaços turísticos e hotéis; os passeios nos fins de semana (já que os militares continuaram a construção das estradas por todo país, que posteriormente seriam diminuídas pela crise do petróleo da década de 1970); acesso a filmes que não fossem censurados; o desenvolvimento dos museus; as músicas da indústria cultural; a expansão criação de clubes [...]. Os setores de mais baixa renda tiveram seu espaço de lazer, como a rua e manifestações populares, diminuído e o refúgio foi a casa e as telenovelas, que também serviam como propagandas políticas do regime. Estes dois lados do lazer levam-nos à afirmação que o regime militar possibilitou a elitização do lazer, ou ainda uma concepção dual de lazer, que seria ampliada na globalização. (ALMEIDA; GUTIERREZ; 2005:41-42)

A partir dos anos 80, o Brasil passa a seguir um modelo econômico baseado na aplicação de políticas liberalizantes, privatizantes e de mercado reduzindo gastos públicos, principalmente na área social, o que afeta também o lazer. A grande maioria da classe operária foi excluída do mercado e da participação política. O uso da tecnologia propiciou baixos salários, alto índice de desemprego que, por sua vez, fez aumentar a violência devido às condições precárias em que a maioria da população vivia (SOARES; 2003).

De acordo com Almeida e Gutierrez só no final da década de 1990 houve uma melhora significativa na vida dos brasileiros com a diminuição da concentração de renda, maior acesso a serviços básicos e uma queda no número de analfabetos no país, mas apesar disso “temos um típico quadro de país subdesenvolvido, o que se reflete no lazer, pois somente os setores de classe média e alta usufruem um amplo leque de alternativas” (ALMEIDA; GUTIERREZ; 2005:49).

É importante destacar que o lazer brasileiro carrega marcas do tradicional e do moderno e isso é reflexo de nossa sociedade que, até a primeira metade do século XX, era marcadamente rural. Com o crescimento das cidades, o homem rural, ao migrar para o espaço urbano, “até mesmo por estratégia de sobrevivência, ainda procura manter traços das

sociedades rurais de origem”, como por exemplo, “musicais, mutirão, festas [...] da mesma forma, ainda há traços dessa cultura nas quermesses, momento máximo de exercício da sociabilidade rural, hoje mera alternativa de lazer urbano” (CAMARGO; 2011:186). De acordo com Camargo (2011),

Não é difícil inferir que nossa população urbana é constituída majoritariamente por moradores de primeira, segunda ou terceira geração de emigrantes rurais. E esse fato é prenhe de significados para compreensão da especificidade não apenas do lazer em si como da forma pela qual é vivido na sociedade brasileira. (CAMARGO; 2011:163)

O Lazer no meio rural

O lazer foi, durante muito tempo, considerado um fato essencialmente urbano, mas deve-se ter em mente que as atividades de lazer fazem parte da vida de qualquer sociedade, seja ela rural ou urbana.

Com o crescimento das cidades e o desenvolvimento tecnológico, a cultura caipira foi sofrendo modificações, o que é natural, “pois os modos de vida urbanos e rurais são diferentes, mas não são separados: os dois fazem parte de uma mesma sociedade, logo podemos considerá-los interdependentes” (GHIGGI; 2008:10).

De acordo com Camargo (2011), a urbanização e as oportunidades que começavam a surgir nas cidades levaram muitas pessoas que viviam no meio rural a migrarem para esses locais, porém isso não quer dizer que suas tradições e costumes foram totalmente deixados de lado. Algumas características dessa cultura tradicional foram mantidas.

As festas, a religiosidade, o trato com as pessoas, através de gestos e ações que demonstrem intimidade, são prova de que valores tradicionais ainda persistem, provando uma hibridização entre o tradicional e o moderno. De acordo com Camargo, alguns valores remetem à noção de *cordialidade*, descrita por Sérgio Buarque de Holanda que não encontraria equivalência nas formas de tratamento de indivíduos urbanos. Assim uma pessoa de origem rural vivendo na cidade seria genericamente um

indivíduo que está perdido em algum ponto de transição da sociedade rural (que entre nós foi a predominante até os anos 1960) e a urbana, e, em consequência, dotado de uma cultura misturada com elementos da sociabilidade tradicional (marcada pelo gosto da proximidade e mesmo da intimidade) e da sociabilidade urbana (marcada pela distância, pela etiqueta) (CAMARGO; 2011:185)

Segundo Graziano (1997, Texto digital) houve, nas últimas décadas, um “transbordamento do mundo urbano naquele espaço que tradicionalmente era definido como

rural”. Endlich (2010) destaca que as transformações na cultura foram colaboradas pelos “efeitos da mídia urbana que atingiram em poucas décadas aqueles valores longamente estabelecidos nas comunidades rurais” (ENDLICH; 2010:25). Dessa forma “os valores expressos como característicos da vida caipira foram dissolvidos rapidamente, considerados atualmente como picarescos [...]” (ENDLICH; 2010:24).

Com o desenvolvimento industrial e a crescente urbanização que ocorria, principalmente a partir do governo de Getúlio Vargas, o espaço rural foi encarado de forma preconceituosa, sendo comparado às cidades, visto como retrógrado e avesso à modernidade (PIRES; 2004). Em relação à sociedade rural, Endlich (2010) afirma que ela era

extremamente autoritária e permeada por costumes e expressões de disciplina coletiva. O casamento era indispensável, arranjado inclusive com faixa de idade mais ou menos estabelecida como normal. Os pais eram extremamente rígidos e intolerantes. Havia alta natalidade e mortalidade infantil. As relações de compadrio e parceria eram valorizadas, pois a sobrevivência do grupo passava pelo trabalho e apoio coletivo. Sociedade extremamente religiosa, o compadrio instituí-se através do batismo (ENDLICH; 2010:24)

Apesar de o rural ter se modificado em diversos aspectos, deve-se levar em consideração as diferentes realidades brasileiras. Há espaços onde as tecnologias transformaram rapidamente a paisagem e colaboraram para mudanças nas formas de pensar da população local. Porém há lugares em que as mudanças ocorrem lentamente; onde “as transformações são sentidas e visualizadas em menor escala, mas que não deixam de acontecer” (BAGLI; 2010:83).

Em relação ao lazer no meio rural, os estudos tem se desenvolvido, em diferentes abordagens. Alves (2010), em sua dissertação, destaca três. A primeira se refere a algumas pesquisas sobre as representações das pessoas que vivem no meio rural em relação ao lazer. Sobre isso, ele cita, dentre outros estudos, uma pesquisa realizada com mulheres no Rio Grande do Sul, em que a pesquisadora “argumenta que a diversão está associada ao trabalho, portanto, presente na própria rotina doméstica e nos momentos que excedem esta rotina” (ALVES; 2010:38).

Através dessa abordagem pode-se perceber como as pessoas vivem o lazer, como elas utilizam seu tempo, compreender sua capacidade de articular dimensões como festas e religião, lazer e trabalho. Para elas, a terra não é apenas o trabalho; é a vida de quem vive nesses espaços e, “as relações cotidianas são construídas tendo como base uma ligação com a terra” (BAGLI; 2010:87). Estudando a vida da população rural, buscando compreender sua rotina, pesquisadores acabam por tocar “o tema do lazer no espaço social” (ALVES; 2010:42)

e assim, outra abordagem sobre os estudos dessa temática no meio rural se constitui. Alves exemplifica que

Neste sentido, em uma perspectiva sócio-cultural, há o estudo de Antônio Cândido sobre o caipira de São Paulo e as transformações dos seus meios de vida. Neste trabalho de 1954, o autor procurou estudar quais (e como) são os meios de subsistência dos parceiros do meio rural do município de Bofete em São Paulo. Cândido enfatiza que as —atividades lúdico-religiosas ou a —margem para o lazer, constituem elementos que contribuem para manter o bairro que é a estrutura fundamental da sociabilidade caipira. (ALVES; 2010:42)

As festas religiosas são uma característica marcante na vida do caipira. Comemora-se praticamente o dia de todos os santos. No Brasil, isso é algo muito comum, “as relações entre o caráter religioso e o caráter secular das festas são bastante estreitas” (OLIVEIRA; 2003:25). Porém, o momento de lazer das pessoas que vivem no meio rural não se constitui apenas nas festas; ele surge em diversos momentos:

o fazer algo pelo simples fato de que a finalidade está no próprio fazer, obter alegria somada ao prazer da execução das atividades, como propõe o dito popular “chutar latas”, que pode ser apenas observar o entardecer, uma pescaria com um amigo, comer fruta da estação no próprio pé, observar o céu estrelado, tomar banho de rio, andar a cavalo, realizar a atividade é a própria recompensa, sem expectativa de algum benefício futuro (GRUNENVALDT [et.al]; s.d.: 2)

A terceira abordagem destacada por Alves (2010) está atrelada ao conceito do *novo rural* que abre novas oportunidades para os que vivem no campo e também para os urbanos como veremos a seguir.

O espaço rural como fonte de lazer urbano

Muitas pessoas que vivem nas cidades vêem grandes possibilidades no meio rural, tanto econômica como em lazer ou qualidade de vida, o que ajuda a desfazer essa visão dicotômica que opõe urbano e rural. Portanto deve-se “levar em conta sua multidimensionalidade” como afirma Pires (2004). De acordo com Kageyama (2008)

hoje, no meio rural de praticamente todos os países, há uma grande diversidade de ocupações, serviços e atividades produtivas, novas funções não exclusivamente produtivas (residência, paisagem, esportes e lazer), maior interação com o entorno urbano e uma revalorização do rural (pelo turismo, artesanato, etc) que pode inverter uma fração da população em direção às áreas rurais (KAGEYAMA; 2008:20).

Endlich (2010) também destaca essa mudança abordando que:

Um conjunto de atividades diferentes das tradicionais passou a ser desenvolvido no campo. Essas atividades caracterizam-se pela incorporação

de novos produtos agropecuários, industriais, prestação de serviços e atividades de entretenimento, caracterizadas pela busca por espaços bucólicos e/ou marcados pela tradição cultural, nos momentos de ócio (ENDLICH; 2010:12).

Porém deve-se destacar que é o fator econômico, social e cultural que irá possibilitar oportunidades no campo. Nas áreas rurais destacam-se diversas realidades e algumas não se constituem em pontos atrativos para o turismo e o lazer, considerando se áreas mais pobres, mais afastadas ou de difícil acessibilidade.

Carneiro (2002) afirma que muitos dos que vivem no meio urbano estão se voltando ao rural como um local de refúgio, de ar puro, natureza preservada, em contraposição às cidades. Mas é preciso ressaltar que os ‘urbanos’ não querem abrir mão do conforto e dos benefícios trazidos pela modernidade. Endlich (2010) deixa claro que esse novo rural é uma proposta urbana.

A proposta de volta ao campo e revalorização da natureza são valores rurais? Esse retorno ocorre de uma perspectiva urbana. Ele só é aceitável, por parte da sociedade, tendo em vista o conforto, a acessibilidade, o vínculo com a cidade e com a mídia que veicula valores urbanos. Ou será que as pessoas voltariam para o campo sem eletricidade e outros confortos, já incorporados como necessidades, com base em referenciais urbanos? O que impulsiona as atividades consideradas como novo rural? A demanda é basicamente urbana. (ENDLICH; 2010:29)

Essa nova forma de valorização do rural como espaço de lazer também cria oportunidades às famílias rurais, o que proporciona a escolha de permanecer no campo, principalmente entre os jovens rurais que prezam não só pelas oportunidades de emprego pluriativo, como afirma Carneiro (2002), mas também as

“(...) possibilidades de lazer, as melhorias na infra-estrutura (melhoria das estradas, instalação de postos de correio e de telefone, melhoria do sistema de transporte coletivo, que aumentam a mobilidade individual são apontadas pela população jovem como fatores que contribuem para sua permanência no meio rural” (CARNEIRO; 2002: 228)

Dessa forma, o rural se abre para novas perspectivas. Não significa mais ser um espaço distante das cidades e menos ainda uma população alheia aos benefícios e facilidades trazidos pela modernidade. Carneiro (2002:229) afirma que esse contexto de inserção plural do agricultor (e de seus filhos) e de parte da população rural no mercado de trabalho não agrícola tem estimulado trocas mais frequentes dos bens materiais e simbólicos entre o mundo ‘urbano’ e o mundo ‘rural’, contribuindo para diluição das fronteiras entre a ‘cidade’ e o ‘campo’, entre o ‘rural’ e ‘urbano’.

As ocupações econômicas, as maneiras de se vestir, de habitar e outras práticas culturais não são mais suficientes para distinguir a origem urbana ou rural dos indivíduos. A redescoberta desse rural traz a valorização de um estilo de vida, onde estar próximo à natureza e ao lazer, se torna uma representação social urbana. Percebe-se também a preocupação com a preservação da cultura, a valorização das identidades.

Bernardelli (2010) afirma que:

A vida rural é associada, geralmente, com uma expressiva valorização da comunidade, valores de vida de família e também ao papel importante da religião. A vida urbana tem como característica agrupar mais as pessoas a partir de sua profissão, muito mais do que somente a partir da família ou da orientação religiosa. Obviamente, essa é uma consideração geral. Outra consideração a ser lembrada é a de que, quando pensamos em “modo de vida rural”, pensamos haver maior articulação entre o espaço do trabalho e o espaço de vida como, por exemplo, no caso de uma pequena propriedade. Do mesmo modo, no campo, o uso do tempo guarda maior relação com a natureza do que em relação ao “modo de vida urbano”, em que a separação entre espaço de vida e de trabalho é, geralmente, maior, com o tempo e o espaço assumindo maior “compartimentação” em comparação com que ocorre nos espaços rurais (BERNARDELLI; 2010:48)

As mudanças que foram ocorrendo no campo trouxeram novos significados que foram sendo agregados ao dia a dia das pessoas; aos costumes, aos valores culturais, instituições, práticas sociais que vão se constituindo no tempo e no espaço. Essas transformações são inevitáveis e são também bem aceitas, principalmente entre os jovens rurais que desejam oportunidades que propiciem melhores condições de vida e entre os urbanos que desejam desfrutar de uma melhor qualidade de vida, próximo à natureza, mas sem abrir mão do conforto.

No Brasil não há políticas públicas voltadas ao lazer específicas para o meio rural. Muitas vezes, de forma indireta, o lazer acaba sendo viabilizado devido às melhorias de acesso à educação, à saúde e à qualidade do transporte público. O lazer é geralmente tratado de forma secundária por não ser encarado como prioridade frente a outras questões emergenciais, apesar de ser considerado importante. Para que o acesso ao lazer seja garantido é importante que a população cobre do poder público medidas que permitam seu bem-estar e, na maioria dos casos, o povo que vive na zona rural é esquecido e negligenciado.

Políticas públicas voltadas ao lazer

As desigualdades econômicas e a falta de estrutura social podem impedir as pessoas de aproveitar o tempo livre, como por exemplo, a falta de acesso a meios de transporte e meios

de comunicação. Por isso, as políticas públicas são essenciais para garantir qualidade de vida à população. Dumazedier (2004) destaca que:

O crescimento do lazer está longe, no entanto, de ser igual em todas as camadas da sociedade. [...]. Os seguintes fatores impedem ou retardam o desenvolvimento qualitativo de lazer: insuficiência ou inexistência de um equipamento recreativo ou cultural coletivo, falta de recursos familiares e dificuldades ligadas ao exercício da profissão. Nesses meios sociais, a necessidade de lazer poderá determinar estados de insatisfação, particularmente agudos (DUMAZEDIER; 2004:26).

Pronovost (2011) afirma que não há como falar em lazer sem falar de política. A partir da Constituição Federal Brasileira, o lazer se tornou um direito social, firmado no artigo 6. O artigo 217 inciso VI parágrafo 3º dessa mesma Constituição afirma que o *Poder Público incentivará o lazer, como forma de promoção social*. Portanto, o governo através da esfera federal, estadual e municipal, deve garantir esse direito, estabelecendo políticas públicas para atender às demandas sociais. Teixeira (2002) afirma que políticas públicas

são diretrizes, princípios norteadores de ação do poder público; regras e procedimentos para as relações entre poder público e sociedade, mediações entre atores da sociedade e do Estado. São, nesse caso, políticas explicitadas, sistematizadas ou formuladas em documentos (leis, programas, linhas de financiamentos) que orientam ações que normalmente envolvem aplicações de recursos públicos. (TEIXEIRA; 2002:2)

Teixeira (2002) também deixa claro que o objetivo das políticas públicas é

responder a demandas, principalmente dos setores marginalizados da sociedade, considerados como vulneráveis. Essas demandas são interpretadas por aqueles que ocupam o poder, mas influenciadas por uma agenda que se cria na sociedade civil através da pressão e mobilização social.

Visam ampliar e efetivar direitos de cidadania, também gestados nas lutas sociais e que passam a ser reconhecidos institucionalmente. (TEIXEIRA; 2002:3)

Para Suassuna (2007), as políticas públicas possuem uma característica de ação focal por terem “direta correlação com a questão da política de governo” (SUASSUNA; 2007:16), diferentemente das Políticas de Estado que não mudam de um governo para o outro, tem uma continuidade “e, portanto, contempla uma dimensão mais ampliada e que se relaciona com interesses sociais gerais. Um claro exemplo de política de Estado são as campanhas de vacinação” (SUASSUNA; 2007:16)

O governo deve planejar, executar e também avaliar as políticas públicas que devem ser levadas à população, discutidas com elas. Essas políticas devem estar de acordo com as necessidades e às aspirações dos cidadãos, portanto deve ser uma medida tomada em conjunto.

Desde a formação dos Estados Modernos, houve a necessidade de instituir um novo sistema político, estruturas que visassem coesão social, que atingisse os objetivos da coletividade e, a questão do lazer se encaixa nessas expectativas. “A concepção de Estado Moderno como propulsor de políticas públicas se ancora em uma base jurídica, isto é, o Estado Moderno, tal qual o conhecemos, é o Estado de Direito” (SUASSUNA; 2007:14).

Dessa forma “algumas normas e valores do lazer encontram, [...], sua transcrição no sistema jurídico, manifestação explícita de sua institucionalização” (PRONOVOST; 2011:106). Isso pode ser visto através de normas para classificação indicativa de filmes, normas de acesso a determinados espaços públicos e leis que favorecem práticas culturais e esportivas. A constituição brasileira, inspirada no documento da ONU sobre os Direitos Humanos deixa claro que o lazer é um direito de todos, sem distinção; é igualitário, necessário à qualidade de vida. Porém sabe-se que isso não tem ocorrido; que o Estado não tem cumprido com essa responsabilidade.

A situação política, econômica e social irá estabelecer as prioridades de ações em vários aspectos setoriais. E, apesar de haver reconhecimento da importância do lazer,

pode-se dizer que existe uma lacuna relacionada aos estudos de políticas públicas voltados para esse setor. Tal carência, se é que se pode assim chamar, refere-se ao grau de importância que as temáticas têm em relação à definição de políticas públicas na esfera federal. Isto porque parece claro para o governo (e também para os pesquisadores) que o estabelecimento de políticas para setores como trabalho e saúde são mais urgentes do que para o esporte e ou lazer. (SUASSUNA; 2007:14).

Em 1995 foi criado o Ministério do Esporte e os assuntos sobre o lazer ficaram a cargo deste. “Isto porque o esporte apresenta como uma de suas dimensões a recreação, e por esta razão o lazer foi apropriado nesta concepção e adotado como um dos temas a serem tratados pelas políticas do esporte” (MARCELLINO; 2001:33). Esse ministério tem como objetivo *implantar as diretrizes relativas ao Plano Nacional de Esporte e aos Programas Esportivos Educacionais, de Lazer e de Inclusão Social*.⁵ O esporte se beneficia com mais recursos por dar maior visibilidade ao governo.

Apesar de “as políticas públicas de lazer estarem crescendo nas reivindicações da sociedade pela busca de melhor qualidade de vida” (CARVALHO, VARGAS; 2010:11) infelizmente muitas “pessoas têm vergonha de reivindicar o lazer por ele ainda ser considerado “coisa de vagabundo” e só conseguem verbalizar sua necessidade como justificativa para temas “sérios”, o mais popular agora é a violência, o “tirar as crianças das

⁵ Retirado do site <http://www.esporte.gov.br/snelis/departamentos.jsp>

ruas”” (MARCELLINO; 2001:11). Na maioria das vezes percebem-se políticas públicas atrelando o lazer simplesmente ao esporte e à cultura. Mas segundo Marcellino (2001), política ligada ao lazer

significa falar em redução de jornada de trabalho – sem redução de salários, e, portanto, numa política de reordenação do tempo, numa política de transporte urbano, etc.; significa também em falar numa política de reordenação do solo – urbano, incluindo aí os espaços e equipamentos de lazer, o que inclui a moradia e seu entorno, e, finalmente, numa política de formação de quadros profissionais e voluntários para trabalharem de forma eficiente e atualizada. (MARCELLINO; 2001:11)

O autor, que estuda políticas de lazer no meio urbano, afirma que o bem-estar da população está atrelado a vários setores que venham a permitir o lazer, o que não diferencia das necessidades no meio rural, que, como afirma Carneiro (2002) precisa de melhorias na infra-estrutura a fim de que haja possibilidade deste e também de permanência no campo. É importante que o Município tenha compromisso e responsabilidade para proporcionar à população local acesso ao lazer, pois cabe à administração Municipal resolver questões de interesse local.

Há lugares onde nem todos podem desfrutar do lazer por vários motivos como à falta de tempo, falta de condições materiais, falta de espaços e equipamentos apropriados para isso. Isso mostra que o lazer não pode ser tratado de forma isolada, devendo haver uma articulação entre vários atores sociais para que determinados objetivos sejam definidos e alcançados. Suassuna (2007) considera que deve haver intersectorialidade na política:

As políticas públicas no Brasil ainda são estabelecidas sob modelos focais, não havendo exercício do diálogo entre órgãos governamentais de forma horizontal e, tampouco, de forma a abranger outras esferas de governo (vertical), embora se perceba um esforço recente, [...], no sentido de encaminhar a política para a intersectorialidade. Existem dificuldades a esse respeito, sobretudo porque o modelo de gestão pública adotado anteriormente se pautava na defesa da tese da setorialidade das ações, que se aproximava da idéia, muito conhecida no campo científico, da especialidade no conhecimento. (SUASSUNA; 2007:39)

Sobre isso, Marcellino também destaca que

o entendimento de políticas pública, entre nós, é bastante equivocado, de modo geral, e principalmente quando se analisa a questão de políticas setoriais, e mais ainda quando essa política setorial é de lazer. A tendência hegemônica é não a consideração setorial, mas o isolamento, puro e simples, não o entendendo na totalidade das relações sociais (MARCELLINO; 2001:8).

O lazer é um tema que merece atenção tanto por parte do governo quanto por parte da população. A forma como vêm sendo formuladas e aplicadas as políticas públicas diz muito

sobre a sociedade brasileira e as transformações pelas quais ela vai passando. Devido a determinadas prioridades sociais, o lazer tem sido considerado menos importante, e de certa forma, por meio de outros programas e políticas voltadas a suprir outras necessidades, o lazer acaba sendo indiretamente beneficiado. A maneira como a questão do lazer é tratada demonstra que ainda há muito que caminhar para que alcancemos o desenvolvimento, no sentido amplo da palavra.

CAPÍTULO 3: LAZER INFANTIL: ENTRE A TRADIÇÃO E A MODERNIDADE

Lazer Infantil: uma história

Nesse capítulo, como o próprio título diz, será destacado o lazer voltado às crianças. Serão abordados aqui, não somente as brincadeiras e jogos que se constituem suas principais formas de lazer, mas também a cultura infantil em seu aspecto simbólico e material e as mudanças que foram ocorrendo ao longo do tempo. Além disso, serão tratadas as políticas públicas voltadas ao lazer infantil.

O brincar se constitui algo sério, no sentido de que a criança, através da interação social, se desenvolve física e mentalmente. Ele “[...] gera prazer; é espontâneo e tem a prioridade das crianças; é controlado internamente pelos jogadores e tem uma flexibilidade para ensaiar novas combinações de idéias e de comportamentos.” (KISHIMOTO, apud, CORDAZO; VIEIRA; 2008: 365). Através das brincadeiras e dos jogos, meninos e meninas buscam compreender o mundo adulto pela representação dele, e também expõem seus medos e aprendem a lidar melhor com eles (CORSARO; 2011).

Podemos entender que o lazer através do brincar se traduz em um momento de aprendizagem, de descobertas, de criatividade e invenção. Cordazzo e Vieira (2007:365) afirmam que “o ser humano necessita do contato com outras pessoas, pois é através da interação social que se desenvolve a linguagem, reconhecem-se as habilidades e ampliam-se os conhecimentos”. Alves lembra que

a brincadeira é a porta de entrada da criança na cultura, sua apropriação passa por transformações histórico-culturais que seriam impossíveis sem o aspecto socioeconômico; neste sentido, a história, a cultura e a economia se fundem dialeticamente fornecendo subsídios, ou melhor, símbolos culturais, com os quais a criança se identifica com sua cultura (ALVES; 2003:48).

Dessa forma, as brincadeiras e jogos fazem parte da socialização da criança, pois através disso ela “estabelece vínculos sociais, ajusta-se ao grupo e aceita a participação de outras crianças com os mesmos direitos. Obedece às regras traçadas pelo grupo, como também propõe suas modificações” (BERNARDES; 2006:543). Mas é necessário destacar que muitos brinquedos e brincadeiras nem sempre foram exclusividade somente delas.

Um exemplo disso são as bonecas que poderiam ser “objeto de culto doméstico ou funerário” (ARIES; 2011:48). Aries afirma que “essa ambiguidade da boneca e da réplica persistiria durante a Idade Média, por mais tempo ainda no campo: a boneca também era o perigoso instrumento do feiticeiro e do bruxo”. Era muito comum meninos brincarem com bonecas não havendo distinção em relação ao que deveria ser brinquedo de menino e

brinquedo de menina como se tem hoje. “Dentro dos limites da primeira infância, a discriminação moderna entre meninos e meninas era menos nítida” (Aries 2011:49).

Assim como a boneca, muitos brinquedos e brincadeiras, nas antigas sociedades, tinham uma conotação religiosa, como o balanço, que até o século XVIII fazia parte da *festa da juventude*, sendo interpretado “como um rito da fecundidade” (ARIES; 2011:47). O jogo de pedrinhas nas civilizações antigas eram considerados “instrumentos divinatórios” (BERNARDES, 2006) e brinquedos como a bola, o arco, a pipa, o chocalho “teriam sido impostos à criança como objetos de culto, os quais só mais tarde, e certamente graças à força da imaginação infantil, transformaram-se em brinquedos” (BENJAMIN; 2009:96). Portanto,

Com o tempo a brincadeira se libertou de seu simbolismo religioso e perdeu seu caráter comunitário, tornando-se ao mesmo tempo profana e individual. Nesse processo, ela foi cada vez mais reservada às crianças, cujo repertório de brincadeiras surge então como repositório de manifestações coletivas abandonadas pela sociedade dos adultos e dessacralizadas (ARIES;2011:47).

Em relação ao caráter comunitário das brincadeiras que Aries (2011) menciona era natural a participação dos adultos, pois os “jogos e os divertimentos eram um dos principais meios que dispunha a sociedade para estreitar seus laços coletivos e se sentir unida” (ALVES; 2003:49). Aries (2011:49) afirma que a partir dos três ou quatro anos “a criança jogava os mesmos jogos e participava das mesmas brincadeiras dos adultos”. Era muito comum encontrar na iconografia que vai da Idade Média ao século XVIII, crianças participando de jogos de azar e jogos de cartas, mas também “os adultos participavam de jogos e brincadeiras que hoje reservamos às crianças” (ARIES, 2011:50).

Os jogos fazem parte da cultura e da própria natureza humana. Huizinga (2007:25) afirma que “encontramos o jogo na cultura como elemento dado existente antes da própria cultura, acompanhando-a e marcando-a desde as mais distantes origens até a fase da civilização que agora nos encontramos”. Ele permite um distanciamento da realidade, sendo “uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas [...] acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da 'vida cotidiana'” (HUIZINGA; 2007:33).

No jogo há a manifestação do lúdico em que predomina a alegria e a diversão, quebrando a rotina (HUIZINGA; 2007:33), e o lúdico está também nos brinquedos, instrumentos de brincadeiras que na Europa eram produzidos em espaços domésticos de forma rudimentar. Muitas das vezes as crianças faziam seus brinquedos junto com seus pais, pois não havia uma indústria própria para brinquedos antes do século XIX. Um marceneiro,

um ferreiro ou qualquer outro profissional poderia produzir brinquedos. Estes se constituíam em “produtos secundários das diversas oficinas manufatureiras” (BENJAMIN;2009;90).

Com o passar do tempo, principalmente a partir do século XIX, quando esse tipo de indústria doméstica vai perdendo cada vez mais força, os brinquedos vão deixando de ser minúsculos, e as crianças passam a ter um quarto só para elas, bem como seus livros passam a ganhar uma estante própria, separada dos livros de seus pais. “Uma emancipação do brinquedo põe-se a caminho; quanto mais a industrialização avança, tanto mais decididamente o brinquedo se subtrai ao controle da família, tornando-se cada vez mais estranho não só às crianças, mas também aos pais” (BENJAMIN; 2009:92). Segundo Heywood (2005)

No período moderno, a indústria de brinquedos começou a fornecer inovações às crianças, tais como jogos de tabuleiro, conjuntos de ferramentas e quebra-cabeças, junto com os tipos tradicionais. [...] os empreendedores haviam identificado um mercado para ampla gama de coisas para brincar, que permitiam que os pais entretivessem e estimulassem seus filhos (HEYWOOD;2005:126).

Com a modernidade, ocorreu a separação do mundo adulto e do mundo da criança e isso se deu por diversos fatores como o desenvolvimento dos estudos sobre elas, à religião e às mudanças de mentalidades. De acordo com Benjamin (2009:57) criou-se um “preconceito de que crianças são seres tão distantes e incomensuráveis que é preciso ser especialmente inventivo na produção do entretenimento delas”. De acordo com Marcellino (1989) a cultura infantil na modernidade foi reduzida

ao consumo de bens culturais, produzidos não por ela (criança), mas para ela, segundo o critério dos adultos, contribuindo para a transformação do brinquedo em “mercadoria” e para o comprometimento da evasão do real, que possibilita a imaginação de novas realidades. É o desrespeito à cultura da criança, chegando mesmo à inibição da sua manifestação [...](MARCELLINO;1989:54)

Segundo Benjamin (2009) é através dos simples objetos que são encontrados no dia a dia que as crianças mostram a capacidade de estabelecer uma nova relação com eles, transformando-os e criando “um pequeno mundo inserido no grande” (BENJAMIN; 2009:58). E é assim também através da literatura, quando usam a história para construir seus próprios mundos (CORSARO; 2011). Com os livros ilustrados, que surgiram no século XVIII, as crianças utilizam as imagens para criar suas histórias.

Os pais e adultos inicialmente apresentam esse mundo às crianças. São antes, aquilo que o adulto deseja e ele é o primeiro a oferecer às crianças (BENJAMIN;2009). Os brinquedos e a literatura despertam o fascínio do adulto, pois este ao se ver

acossado por uma realidade ameaçadora, sem perspectivas de solução, liberta-se dos horrores do real mediante a sua reprodução miniaturizada. A

banalização da existência insuportável contribuiu consideravelmente para o crescente interesse que jogos e livros infantis passaram a despertar após o final da guerra” (BENJAMIM;2009:85).

O maravilhoso mundo dos Contos de Fadas

Como vimos, não foram somente os brinquedos que, com o tempo, passaram a ser especificamente voltados às crianças. Foi a partir da modernidade que começou a se criar uma literatura diferenciada para crianças e jovens. O livro infantil na Europa surgiu no período conhecido como Iluminismo⁶, e inicialmente veio com uma função educadora e moralista de acordo com Walter Benjamin (2009). Heywood (2005:127) afirma que “durante as primeiras etapas, “uma mortalha de melancolia” pairava como um mau presságio sobre a literatura infantil”. Isso porque muitas literaturas tomavam as crianças a partir do viés religioso em que predominava a idéia do “pecado original”. Porém havia também livros de contos populares. “Eles cobriam uma ampla gama de assuntos, incluindo as lendas, os romances medievais e as histórias de aventura, que atraíam particularmente as crianças” (HEYWOOD; 2005:127).

Muitas das histórias infantis que conhecemos atualmente são versões das antigas histórias contadas pelos camponeses europeus que serviam para divertir adultos e alertar as crianças dos perigos do dia a dia. De acordo com Darnton (1986), as histórias populares revelavam, muitas vezes, a miséria e a violência vividas na época. Muitos desses contos foram coletados e editados para atender ao gosto das elites. Charles Perrault é um dos nomes mais conhecidos. Foi ele quem escreveu os *Contos de Mamãe Ganso*, que apresentava novas versões de histórias como “Chapeuzinho Vermelho”, “João e Maria” e “O gato de botas”. Sua primeira edição, datada de 1697, foi endereçada aos “frequentadores dos salões, *précieuses* e cortesãos” (DARNTON;1986:24).

Os irmãos Grimm também são grandes responsáveis por conhecermos os contos de fadas. Por serem bibliotecários, eles reuniram diversas narrativas populares publicadas em livros antigos e manuscritos raros e também se preocupavam em buscar fontes orais tendo a colaboração de vizinhos, amigos e conhecidos. E assim, em 1812, foi publicada a primeira edição de *Contos de Fadas para o Lar e as Crianças* que foram sofrendo modificações até a edição definitiva em 1857 (VOLOBUEF; 2013).

Muitos escritores alemães, assim como os irmãos Grimm, que são os mais conhecidos, produziram uma grande quantidade de contos de fadas e poesia popular. E não foi somente a

⁶ O iluminismo foi um movimento cultural que ocorreu na Europa durante o século XVIII e estabelecia que a razão através da ciência forneceria bases para a felicidade e a liberdade humana.

literatura infantil que se destacou nesse lugar. De acordo com Benjamin (2009:89) “a Alemanha era o centro geográfico” na produção de brinquedos. O fato é que, através desses escritores, os antigos contos ultrapassaram o tempo, encantando gerações. Como afirma Darnton (1986:93) “mudaram sem perder seu sabor. Mesmo depois de absorvidas pelas principais correntes da cultura moderna, são testemunhos de uma antiga visão de mundo”.

O lazer das crianças brasileiras

Muitas das brincadeiras e dos brinquedos que fizeram e continuam a fazer parte da infância dos brasileiros foram trazidos pelos portugueses. Mary Del Priore (1996:20) destaca através das anotações do padre Rui Pereira que datam de 1560, que os jesuítas ensinavam as crianças a jogar os mesmos jogos dos meninos do reino; porém, a cultura indígena também se manifestava no lazer dessas crianças que gostavam de nadar no rio, cantar e dançar. Bernardes (2006) destaca que

Os meninos indígenas, desde cedo, brincavam de arcos, flechas, tacapes, propulsores que compunham o arsenal guerreiro dos adultos. [...]. As crianças indígenas se divertiam em jogos imitando figuras e vozes de animais como: os jogos do jacami, do gavião, peixe pacu, jaguar. O jogo de peteca era bastante apreciado, inclusive pelos adultos, sendo confeccionada com palha de milho e enfeitada com penas de aves (BERNARDES;2006:548).

Na tentativa de cativar essas crianças e “ganhar” mais almas para Cristo, os Jesuítas, “encomendavam à metrópole flautas, gaitas, “ferrinhos com argolinhas dentro”, “pandeiros com soalhas”” (PRIORE: 1996; 20). Muitos brinquedos, como a pipa, o pião, cantigas de roda, jogo de pedrinhas e a amarelinha, por exemplo, foram trazidos pelos colonizadores portugueses (BERNARDES; 2006:543).

Na casa grande, de acordo com Freyre (2005) as crianças tinham para si como companhia um filho de uma escrava, da mesma idade, o qual se tornava também um objeto para sua distração. Como nos mostra Freyre (2005; 420) “nas brincadeiras muitas vezes brutas, dos filhos dos senhores de engenho, os moleques serviam para tudo: eram bois de carro, eram cavalos de montaria, eram bestas almanjarras, eram burros de liteiras e de cargas mais pesadas”.

Essa forma de brincar era reflexo da própria situação vivida na época, escravocrata e patriarcal. Era comum os meninos da casa-grande subjugarem os moleques em suas brincadeiras, estabelecendo assim sua superioridade.

Mesmo no jogo de pião e no brinquedo de empinar papagaio achou jeito de exprimir-se o sadismo do menino das casas-grandes e dos sobrados do tempo

da escravidão, através das práticas, de uma aguda crueldade infantil, e ainda hoje corrente no norte, de “lascar-se o pião” ou de “comer-se o papagaio” do outro; papagaio alheio é destruído por meio da lasca, isto é, lâmina de vidro ou caco de garrafa, oculto nas tiras de pano do rabo (FREYRE; 2005: 368).

José Lins do Rego, ao escrever *Menino de engenho*, publicado em 1932, também retrata um pouco da vida na casa grande. Apesar de ser um romance, reflete a cultura brasileira latifundiária e escravista, enfatizando a infância no mundo rural, no final do século XIX. O autor descreve a vida tranquila do menino de engenho, em contraposição à vida dos meninos do eito que se encontravam em condições miseráveis. Mas nem tudo era só trabalho na vida desses pequenos escravos, havia momentos de descontração e diversão. Na obra percebe-se que os elementos da natureza faziam parte das suas brincadeiras; as crianças tinham “o sol, a lua, o rio, a chuva e as estrelas para brinquedos que não se quebravam” (REGO, 1995: 97). Dessa forma, fica claro que não havia muitos brinquedos e os moleques demonstravam sua esperteza, fascinando o menino de engenho nos momentos de lazer, como narra José Lins do Rego (1995):

O interessante era que nós, os da casa grande, andávamos atrás dos moleques. Eles nos dirigiam [...] porque sabiam nadar como peixes, andavam a cavalo de todo jeito, matavam pássaros de bodoque, tomavam banho a todas as horas e não pediam ordem para sair para onde quisessem. Tudo eles sabiam fazer melhor que a gente; soltar papagaio, brincar de pião, jogar castanha. Só não sabiam ler (REGO;1995:56).

Nas brincadeiras de roda, a influência das canções portuguesas é grande, “mesmo ampliadas, deformadas, glosadas, a melodia portuguesa é reconhecível em sua linha geral” (CASCUDO;1984:54). Os versinhos cantados em brincadeiras, também serviam para acalantar e distrair crianças: “*bão-ba-la-lão, senhor capitão, espada na cinta, sinete na mão...*”. Mas alguns também serviam como “fórmulas divulgadoras dos primeiros-princípios, [...] nomenclaturas indispensáveis para as *conhecenças* indispensáveis, números, dias da semana, meses, nome dos dedos, etc” (CASCUDO;1984:61): “*um, dois, feijão com arroz...*”

As negras contavam histórias aos filhos das sinhás e ensinavam canções que eram adaptadas por elas das canções portuguesas. “[...] Velhas negras que supriam outrora a insuficiência de livros para crianças e suas narrativas [...] e contavam estórias orais que faltam às crianças de hoje”(FREYRE; 2005:46), como podemos ver em *Menino de Engenho*:

A velha Totonha de quando em vez batia no engenho. E era um acontecimento para meninada. [...] andava léguas e léguas a pé, de engenho a engenho, como uma edição viva das *Mil e uma noites*. Que talento ela possuía para contar suas histórias, com um jeito admirável de falar em nome de todos os personagens! Sem nem um dente na boca, e com uma voz que dava todos os tons às palavras. (REGO;1995:34)

Dessa forma, a figura do *Griot* se destaca. Essa expressão é dada aos contadores de histórias africanos, no caso das mulheres, *Griotes*. Nas tribos africanas os *Griots* são os “guardiões da memória”, são eles que transmitem seus conhecimentos oralmente, através do canto, da dança, dos mitos. “Através da fala do *griot*, a história e a memória de muitos povos africanos entraram e permaneceram como integrantes da cultura brasileira” (LIMA, NASCIMENTO, OLIVEIRA; 2009:150). Através desses contadores de histórias, lendas como Saci-Pererê, a mula sem-cabeça, o lobisomem, a cuca entre tantos personagens, passaram a fazer parte do imaginário infantil.

José Lins do Rego (1995), narra o temor do menino de engenho sobre as histórias de lobisomem que ouvia e tantas outras:

punham-nos para dormir nos embalando com o bicho-carrapatu. A cabra-cabriola, a caipora, encontravam na mata os caçadores solitários. A burra-de-padre andava tinindo as correntes de suas patas pelas porteiras distantes. Um mundo inteiro de duendes em carne e osso vivia para mim [...]. Só depois o catecismo viria destruir a minha crença absoluta nos bichos perigosos do engenho. Muita coisa deles, porém, ficou dentro da minha formação de homem (REGO;1995:34).

Durma meu benzinho que a cuca j’ei vem - Mitos e lendas: uma forma de controle

Segundo Corsaro (2011) os mitos e as lendas se constituem como uma forma evitar “comportamentos indesejáveis” das crianças. As figuras mais conhecidas atualmente e que povoam o imaginário infantil são o Papai Noel e o Coelhoinho da Páscoa. De acordo com Corsaro (2011:138) “os pais introduzem esses personagens míticos às crianças e regularmente os inserem em sua infância por meio de rituais profundamente apreciados”.

Heywood (2005) afirma que era muito comum na França, a educação das crianças camponesas ser baseada no medo e na ironia, como forma de controle. “Os pais, [...] aterrorizavam as crianças com contos relacionados ao sobrenatural, em vez de bater nelas, pelo menos até que a educação e a psicologia infantil tivessem seu impacto, no século XIX” (HEYWOOD;2005:129).

Aqui no Brasil, no período colonial, através da literatura oral as crianças conheceram, se encantaram e temeram diversos personagens, mitos e lendas que eram transmitidos, principalmente, pelas negras, amas de leite que “tiveram na propagação, fixação e desdobramento dos contos africanos e portugueses, uma tarefa inconsciente e poderosa de acomodação à mentalidade do menino branco[.]” (CASCUDO, 1984;153).

Através da oralidade as histórias eram passadas de geração a geração contribuindo para a difusão da cultura e da tradição dos antepassados. De acordo com Cascudo (1984) “a

finalidade não era distrair ou provocar sono às crianças, mas doutrinar, pondo ao alcance da mentalidade infantil e popular, por meio de apólogos, historietas rápidas, o corpo de ensinamentos religiosos e sociais que preside à organização do grupo” (CASCUDO; 1984:35).

Portugueses, indígenas e negros deram sua contribuição para esse universo cultural. Porém destacam-se os negros. De acordo com Cascudo

no Brasil depressa a velha indígena foi substituída pela velha negra, talvez mais resignada a ver entregue ao seu cuidado a ninhada branca do colonizador. Fazia deitar as crianças, aproximando-as do sono com as estórias simples, transformadas pelo seu pavor, aumentadas na admiração dos heróis míticos da terra negra que não mais havia de ver. Dos elementos narrados pelas moças e mães brancas, as negras multiplicavam o material sonoro pela audição infantil. [...]. Os ouvidos brasileiros habituaram-se às entonações doces das mães-pretas e sabiam que o mundo resplandecente só abriria suas portas de bronze ao imperativo daquela voz mansa, dizendo o *abre-te sésamo* irresistível: era uma vez... (CASCUDO;1984:153).

Alguns personagens que provocavam o temor das crianças são conhecidos em todo o Brasil, dentre eles destaca-se a Cuca ou Coca, que inclusive foi popularizada pelo escritor Monteiro Lobato. Essa figura que é cantada em canções de ninar foi transmitida pelos portugueses. “É um ente velho, muito feio, desgrenhado, que aparece durante a noite para levar consigo meninos inquietos, insones ou faladores” (CASCUDO; 2002:199)

Outro personagem conhecido é o temível Tutu, “um animal informe e negro que aparece nas cantigas de embalar” e tem origem africana. De acordo com Cascudo (2002:197) o “Tutu possui muitos nomes, correndo os Estados e com as naturais adaptações locais. É o Tutu-zambê, cambê ou zambeta, o Tutu-marambaia ou marabá, o Tutu-do-mato e daí Bicho-do mato”. Segundo Cascudo

O mito presente pelo movimento, pela ação, pelo testemunho humano, pode conservar alguns caracteres somáticos que o individualizem, mas possuem costumes que vão mudando, adaptados às condições do ambiente em que age. Os animais fabulosos são todos assim. Processos de encantação e desencantação, razões do castigo, fim da punição, forma, marcha, grunido, canto, rosnado, mudam, de região em região (CASCUDO;1984:52)

Com o passar do tempo e as novas formas de lazer que surgiram para crianças, através do desenvolvimento das tecnologias, das mídias, a arte de “contar histórias oralmente, a figura do *griot* foi perdendo espaço” (MELO; 2009:153), mas de acordo com Marilene Melo (2009) a tradição oral vem sendo resgatada, surgindo novos contadores de histórias que buscam retomar a riqueza da cultura brasileira, através principalmente, da escrita, em que registram as histórias do imaginário popular.

O lazer infantil na contemporaneidade: entre a tradição e modernidade

O aumento da violência nas sociedades industrializadas fez mudar comportamentos, gerando uma insegurança por parte dos pais. Brincar na rua, deixar crianças sob cuidados de outras pessoas, se tornou perigoso. As pessoas que vivem nas cidades estão se isolando cada vez mais, pois a rua acabou se tornando uma ameaça, “espaço da malandragem”, local onde vivem “pilantras e marginais em geral” (MATTA; 1997:51) e, com isso, os espaços de lazer foram sendo restringidos à casa e ao shopping, por exemplo, tomando o lazer como mercadoria.

Atualmente as crianças dispõem de uma grande variedade de atividades direcionadas para o lazer, inclusive com profissionais especializados, como forma de ocupar o tempo enquanto seus pais trabalham. Esse tipo de serviço vem crescendo cada vez mais devido à violência crescente que atormenta nossa sociedade. Acampamento de férias, brincadeiras supervisionadas são um exemplo disso e, dessa forma, as crianças brincam com a intervenção dos adultos, sem liberdade para criar.

Elas são vistas por empresários como fontes de lucro, grandes consumidoras e os pais muitas vezes acabam cedendo às decisões de consumo delas. O brinquedo, objeto que servia para dar sentido à brincadeira, tinha importância secundária até o final do século XIX, momento em que surgiu uma nova atitude: “as crianças começaram a desenvolver um desejo de acúmulo de brinquedos para si, como posses materiais indicando o status do proprietário” (CORSARO;2011:146).

O fato é que as formas de lazer que surgiram a partir da industrialização, ao invés de reunir pessoas, acabaram por afastar. A televisão tem se tornado uma forma de entreter crianças, assim como a internet e outras mídias, não resultando efetivamente em uma troca, isolando os membros da família. A cultura do videogame, da internet, vem crescendo, e como levando jovens e crianças a ficarem mais no espaço doméstico, particularmente no quarto, onde se dispõe esses aparatos tecnológicos que cumprem as funções de diversão, informação e mediação social com o mundo.

É natural que as brincadeiras, os jogos que foram sendo transmitidos ao longo do tempo vão sofrendo mudanças e adaptações. Os hábitos rotineiros que se transformam no que podemos chamar de tradição, vão sendo assimilados através das gerações. Segundo Giddens (2009), é a rotina que dá continuidade a determinadas práticas estabilizando relações sociais, mas isso não é rígido. Portanto, a tradição não é estática e serve como uma forma de orientar e

organizar o mundo e assim ela é reinventada dando um caráter de descontinuidade em que características do que é velho permanecem no que é novo.

Apesar de a tradição não ter um lugar privilegiado na sociedade moderna cada vez mais individualizada, marcada pela insegurança em que o cotidiano abre diversas possibilidades de escolha, percebe-se o resgate de alguns elementos tradicionais que antes eram desvalorizados em favor do “progresso”. Pode-se ver isso, por exemplo, através da representação que os urbanos fazem do mundo rural. Para estes o espaço rural proporciona lazer, qualidade de vida, sociabilidade, segurança, contrastando com o individualismo e malefícios das grandes cidades. No imaginário urbano existe essa falta das festas, das brincadeiras, das comidas típicas, dessa “autenticidade” que meio rural possui aos olhos urbanizados. De acordo com Larissa Moura (2012)

Nos dias de hoje, a tradição encontra-se então relacionada a comunidades, principalmente rurais, e grupos que vivem de acordo com modos populares, através de costumes, práticas sociais, comportamentos, festas e formas de vida baseadas no trabalho coletivo, na solidariedade, na fé e crença de mitos e ritos mágicos. A estrutura cotidiana destes povos tem por base valores morais consolidados pelo tempo dos antigos, reafirmados pela experiência popular nos hábitos, costumes, mas principalmente, por ocasião dos rituais de celebração festiva (MOURA;2012:59).

Muitos aspectos relacionados ao mundo rural se modificaram . E em relação à rotina das crianças, o estudo de Horn (2010) revela que elas também estão envolvidas na mesma dinâmica social, quer dizer, também estão informadas e consomem brinquedos, muitos possuem internet, videogame e outros bens materiais voltados a elas. Dessa forma, modernidade e tradição se entrecruzam, pois elementos da cultura local vão incorporando novos valores e hábitos, mas, isso não quer dizer que brincadeiras como jogar peteca, amarelinha e queimada, tidas como “tradicionais”, deixaram de fazer parte da rotina dessas crianças.

Muitas crianças rurais ainda são privadas de desfrutar do lazer em sua amplitude, sendo, portanto, necessário que políticas públicas interfiram nesse processo para que a realidade local se transforme e que elas também sejam vistas como sujeitos de direitos, incluindo o acesso a novas tecnologias de lazer, informação e comunicação.

Políticas públicas voltadas ao lazer infantil

De acordo com Silva *et. al.* (2011:49) “o brinquedo, o jogo, a brincadeira são gostosos, dão prazer, trazem felicidade” mas também são essenciais para uma formação saudável. Assim,

A vivência do lúdico é imprescindível em termos de participação cultural crítica e, principalmente, criativa. Por tudo isso, é fundamental que se assegure à criança o tempo e o espaço para que o lúdico seja vivenciado com intensidade capaz de formar a base sólida da criatividade e da participação cultural e, sobretudo, para o exercício do prazer de viver (SILVA, *et. al.*;2011:49).

As políticas públicas para o lazer infantil são cruciais para que se garantam às crianças espaços e acesso ao lazer. Marcellino (2001) afirma que um dos critérios que deve ser levado em consideração ao se discutir políticas públicas de lazer, é a participação da sociedade juntamente com o Estado. No caso das crianças é necessário que se conheça seu cotidiano, suas vivências de lazer e a família tem um papel importante nisso, pois “ela é indispensável para garantia da sobrevivência, do desenvolvimento e da proteção dos filhos e demais membros” (ZINGONI;2009:19). Mas a família geralmente não é priorizada no desenvolvimento de políticas públicas. De acordo com Zingoni (2009:27) “a forma mais tradicional encontrada em nosso meio privilegia o atendimento individualizado das pessoas, atomizando o universo familiar”. Segundo esta autora,

A política de lazer absorveu os ventos da política do *Welfare State* e dos direitos sociais cunhados no mundo ocidental capitalista que resultou numa política social extremamente setorizada, centralista e institucionalizada, elegendo o indivíduo como portador de direitos e elemento central, e não mais os coletivos do tipo família ou comunidade. No caso específico do lazer e do esporte, esses últimos foram substituídos por serviços institucionalizados, tais como ginásio de esportes, ruas de lazer, etc (ZINGONI; 2009: 37).

No Brasil, foi na década de 1930 que mudanças significativas ocorreram na área do lazer voltado às crianças. Nesse período se iniciou a construção dos parques infantis em grandes centros urbanos, como no caso de São Paulo. Isso aconteceu porque com as primeiras administrações republicanas houve uma preocupação em modernizar as cidades promovendo uma renovação urbana, através de espaços limpos e modernos (NIEMEYER;2002:77) e, os parques infantis fizeram parte desse processo contribuindo não só para a recreação, mas também denotando progresso.

Os parques infantis foram impulsionados dentro do contexto da Escola Nova que foi um movimento que propôs novas práticas pedagógicas, levando em consideração o indivíduo, colocando a criança como um sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem. O país estava passando por grandes transformações sociais e econômicas e a educação deveria

atender às novas necessidades, “incorporando valores impulsionados pelas novas exigências do progresso industrial” (NIEMEYER;2002: 80) e esses parques fizeram parte de “modelos alternativos de educação”.

O poeta e escritor Mário de Andrade, que trabalhou como diretor do Departamento de Cultura de São Paulo durante a década de 1930, colocou em prática o projeto dos parques infantis visando proporcionar educação aos filhos dos operários no momento que estivessem fora da escola ou no intervalo de seu trabalho. A intenção era ampliar as possibilidades de lazer às crianças pertencentes às famílias de classe baixa. Nesse espaço coletivo, as crianças podiam brincar livremente, criando, revivendo tradições através de jogos e brincadeiras (FARIA;1999).

Os parques infantis criados por Mário de Andrade em 1935 podem ser considerados como a origem da rede de educação infantil paulistana (Faria 1995) – a primeira experiência brasileira pública municipal de educação (embora não-escolar) para crianças de famílias operárias que tiveram a oportunidade de brincar, de ser educadas e cuidadas, de conviver com a natureza, de movimentarem-se em grandes espaços [...]. Lá produziam cultura e conviviam com a diversidade da cultura nacional, quando o cuidado e a educação não estavam antagonizados, e a educação, a assistência e a cultura estavam *macunaimicamente* integradas, no tríplice objetivo parqueano: educar, assistir e recrear (FARIA;1999:62)

Nos parques infantis, “através das manifestações populares, folclóricas, artísticas e estéticas, a infância e o operariado estavam presentes consumindo e produzindo cultura, abasileirando, portanto, o país” (FARIA;1999:64). De acordo com Mário de Andrade, a utilização desses espaços era importante para o desenvolvimento das habilidades e capacidades das crianças. Mas isso não se tornou uma regra, não ocorrendo em todos os lugares e a realidade não foi tão promissora.

Com o crescimento das cidades, todo o contexto social foi alterado, novos valores começaram a surgir e com isso, foi tirada da criança a oportunidade de ter uma vida mais ativa, direcionando-as a atividades mais passivas através do oferecimento de equipamentos eletrônicos contribuindo para que esses espaços ficassem em segundo plano. Atualmente, os parques e as praças, principalmente,

assumem muito mais função de área verde e estética no espaço urbano brasileiro do que como local de convívio da população. Notadamente, esse fato pode ser observado com maior clareza, nos grandes centros urbanos, especialmente, nos bairros habitados pelos grupos de mais alta renda, ao contrário dos bairros populares (GOMES;2007:102).

Também deve ser levado em consideração que muitos desses espaços têm se tornado perigosos por serem frequentados por usuários de drogas, tornando-se lugar de violência e

assaltos. De acordo com Gomes (2007), a falta de segurança tem sido um dos fatores que levam esses espaços públicos a serem pouco frequentados. Os bairros habitados por pessoas da classe alta possuem condomínios que tem suas próprias áreas de lazer e *playgrounds*, o que “em termos de lazer, favorece a permanência das pessoas no ambiente do lar” (PELLEGRIN;1996:34). Isso está se tornando uma tendência mas, de acordo com Pellegrin (1996) esses espaços não são projetados para estabelecer o convívio entre as pessoas, favorecendo um lazer individualizado.

De acordo com Zingoni (2009) as políticas públicas de lazer no Brasil são elitistas por um lado e por outro, assistencialistas quando voltadas às camadas carentes da sociedade. Isso não é apenas um fato recorrente no Brasil, mas um quadro que se destaca em outros países latino-americanos, como a Colômbia. Em entrevista com o professor e pesquisador Dr. Hector Fabio Ospina⁷, especializado em estudos sobre infância e juventude e diretor-editor da *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y juventude*, ficou claro que a política neoliberal nesse país é muito forte, fazendo com que essas características assistencialistas se sobressaíam. De acordo com Ospina há muitas políticas públicas voltadas à infância e juventude, porém elas possuem uma perspectiva patriarcal, quer dizer são autoritárias, não priorizando as diferenças, as particularidades culturais.

Muitas dessas políticas, na Colômbia, envolvem a educação e a saúde, mas são setorizadas, não havendo uma articulação entre atores sociais. Ospina afirma, por exemplo, que a política educativa envolve estudantes e não jovens; incorporam crianças, mas não são especializadas nelas. As escolas só recebem “estudantes” e não crianças e jovens, pois são atores sociais muito complexos. Para que uma política pública seja bem sucedida, na sua opinião, o enfoque deve ser a qualidade de vida, mas lembrando que esse termo assume significados distintos para a diversidade de atores sociais demandantes de direitos em uma sociedade como a latino-americana, onde a satisfação de necessidades básicas ainda soam como privilégios.

No Brasil, os municípios possuem um papel fundamental em relação às atividades de lazer. Para que um projeto voltado ao lazer obtenha sucesso e garanta qualidade de vida, a administração pública local deve levar em consideração a comunidade e seus anseios, “compreender as características locais, seus problemas, suas potencialidades, outros espaços

⁷ Entrevista cedida em 19-04-2013, quando o Dr. Ospina apresentou o seminário *Las escuelas como territorios de paz: construcción social de niños y jóvenes como sujetos políticos en contextos de conflicto en América Latina*, no Departamento de Economia Rural/ Observatório da Juventude Rural da UFV.

de lazer, outras iniciativas já desenvolvidas em outros locais, que podem inclusive futuramente passar a ser oferecidas na escola”. Chemin (2009) aborda que

a Administração Pública, em todas as suas esferas, deve consagrar o princípio da dignidade da pessoa humana como diretriz para todos os seus atos, pois a CF/1988, ao estabelecer a separação dos Poderes e a distribuição de competências entre os entes públicos, proporcionou maior importância ao Poder Executivo e à Administração Pública como efetivadores de uma ordem social justa (CHEMIN;2009:169).

A escola pode contar com o apoio da administração pública local para colocar em prática projetos culturais e também com empresas privadas. O Ministério do Esporte é o órgão federal responsável pelos assuntos que envolvem o lazer atuando juntamente com estados e municípios. Alguns dos programas e projetos implantados merecem destaque, como o *Projeto Esporte e Lazer da Cidade (PELC)*, estabelecido em 2003 pela Secretaria de Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social (SNELIS), propondo o desenvolvimento de uma política pública e social que atenda às necessidades de esporte recreativo e de lazer da população; o Programa *Segundo Tempo*, que tem por objetivo democratizar o acesso à prática e à cultura do Esporte entre crianças e adolescentes, principalmente entre aqueles que se encontram em áreas de vulnerabilidade social; o *Projeto Recreio nas Férias* que busca oferecer às crianças e adolescentes participantes do programa *Segundo Tempo*, no período de férias escolares, opções de esporte e lazer; e os *Jogos dos povos indígenas* que fazem parte da Coordenação-Geral de Políticas Esportivas Indígenas – CGPEIN, criada em 2012 com o intuito de promover interação e integração, pelo esporte, entre as etnias indígenas existentes em todo o território nacional.⁸

Há também outros projetos, como *Educação e cultura*, que faz parte de uma parceria entre o Ministério da Cultura e o Ministério da Educação e visa fazer da escola o grande espaço para a circulação da cultura brasileira, com acesso aos bens culturais e respeito à sua diversidade. A ação *Praças dos Esportes e da Cultura (PEC)*, que faz parte do Programa de Aceleração do Crescimento-PAC 2, prevê, entre os anos 2011 a 2014, a construção de 800 PECs e tem como um de seus objetivos integrar num mesmo espaço físico programas e ações culturais, práticas esportivas e de lazer.⁹

Portanto, pode-se perceber que há diversos projetos e programas voltados à infância e à juventude, mas todos eles se voltam a crianças e jovens em situação de risco em áreas de vulnerabilidade social, o que faz lembrar o caráter patriarcal dessas políticas no Brasil. O

⁸ Essas informações foram retiradas do site do Ministério do Esporte

⁹ Informações retiradas do site do Ministério da Cultura.

Poder Público ao incentivar o lazer como forma de promoção social o torna carregado “de vícios assistencialistas, que não dá conta do direito à felicidade, que sempre precisa de justificativas baseadas em critérios de “utilidade”” (Marcellino1996:25).

Lazer e escola

A escola, como instituição socializadora, é responsável pelo lazer infantil, mas deve estar aberta a isso. Desde muito cedo, as crianças são colocadas aos cuidados desta instituição já que a maioria das mulheres tem se inserido no mercado de trabalho. A escola, portanto, irá colaborar na socialização da criança, se constituindo em um local onde elas irão desenvolver suas potencialidades.

a família e a escola representam o espaço onde se criam condições para promover, de maneira organizada, as aquisições consideradas fundamentais para o normal desenvolvimento principalmente das crianças e dos jovens, e nisso também entra a preparação para o tempo de lazer (CHEMIN;2009:168).

Essa instituição, contudo, “acaba esquecendo a autoformação das crianças e jovens proporcionada pelo lazer e, assim, desconsidera os processos educativos promovidos no tempo livre à escola” (CHEMIN;2009:168). Há uma preocupação maior com o cumprimento dos deveres, em preparar as crianças para o futuro, e quando há jogos e brincadeiras, estas tem sempre uma conotação educativa. Dessa forma, Marcellino (2007) afirma que a escola contribui para o “furto lúdico”. Ele aborda que

Raramente a atividade lúdica é considerada pela escola, e quando isso ocorre, as propostas são tão carregadas pelo adjetivo “educativo”, que perdem as possibilidades de realização do brincar, da alegria, da espontaneidade, da festa. Ao invés do “riso poético”, a sisudez do realismo. [...]. Mesmo nos intervalos, as filas para o lanche, banheiro, acesso ao pátio etc, dificultam e restringem a vivência do brincar. Mal ele começa, já soa a campanha que chama para os “deveres”” (MARCELLINO;2007:85)

Apesar do lazer e da vivência do lúdico se constituírem em um direito, na prática, muitas vezes são negligenciados pelas instituições que deveriam assegurá-los. Oliveira e Neto (1997:228) afirmam, ao fazer um estudo sobre o tempo livre de crianças portuguesas, que os pais costumam reclamar que os filhos não sabem brincar, que ficam horas na frente da televisão, porém esses autores lembram que “o lazer está condicionado pelo contexto, a acessibilidade à oferta de lazer e a satisfação da criança.[...] Muitas vezes a criança tem poucas alternativas ou pelo menos alternativas aliantes ao ver televisão no seu tempo livre” (OLIVEIRA, NETO;1997:229).

A preocupação exacerbada com um futuro brilhante para seus filhos faz com que os pais não consigam enxergar a amplitude do lazer e passem a preencher o tempo livre das crianças com diversas obrigações, acreditando que isso será o melhor para eles e, assim eles “perdem a capacidade de brincar” (MARCELLINO; 2007: 65). De acordo com Marcellino (2007),

Notícias veiculadas pelos órgãos de comunicação denunciam o “stress” infantil, dando conta de que crianças, de apenas seis anos, apresentam sintomas desse mal. Geralmente, entre as fontes do “stress” infantil são arrolados fatores acidentais e outros mais regulares, como o desrespeito às necessidades do estágio de desenvolvimento da criança, pais que exigem demais, e uma escola que visa apenas a parte acadêmica. Psicólogos, pedagogos, pediatras, psiquiatras infantis, recomendam que é muito importante que a criança tenha tempo para brincar (MARCELLINO;2007:66),

Além disso, como já comentamos, o lazer infantil atualmente está muito focado no consumo e esse é outro fator que colabora para o “furto lúdico” e acaba limitando as possibilidades do lazer. As mídias colaboram para isso, já que muitas crianças têm a televisão e a internet como instrumentos de lazer privilegiados e nem todas “estão conscientes das ciladas e perigos, armadilhas e ardis, sedução e engodos” que essas mídias proporcionam (Feilitzen; 2002:17). Feilitzen (2002:23) afirma que “o fato de as crianças serem mais comuns nos comerciais do que no conteúdo da mídia em geral é um sinal do seu alto valor de consumo econômico na sociedade”.

Frente a isso, o papel da escola se torna essencial. Ela deve educar, não só pelo lazer, mas também para o lazer, quer dizer, compreende-lo “como instrumento, como veículo de educação, e como objeto da educação”(CHEMIN;2009:168). Deve ser levado em consideração aquilo que as crianças aprendem durante o tempo livre e nos momentos de lazer com seus pares e com outras pessoas próximas. Portanto, a escola não deve só ensinar, mas estimular o aprendizado tomando como base aquilo que as crianças já trazem consigo.

Quando Mário de Andrade propôs colocar em prática a construção de parques infantis em São Paulo, em 1935, ele queria estimular justamente o que a escola não fazia, proporcionando à criança um aprendizado de forma lúdica, um lugar onde poderiam ser espontâneas, criativas, “consumir e produzir cultura” (FARIA;1999:64).

O Parque Infantil oferecia para as crianças alunas da “escola primária” (que a frequentavam alternadamente ao parque), e para as outras pequenas frequentadoras de 3 a 6 anos, a oportunidade de se expressarem artisticamente, brincarem e jogarem, enfim, de continuarem crianças, complementando o aluno que a escola pretende formar, visto muitas vezes como um ser incompleto que precisa ser completado com os conhecimentos científicos de que o adulto e a sociedade dispõem, não raramente, deixando

de lado outros conhecimentos como aqueles produzidos pelas próprias crianças, assim como outras manifestações de produção de saberes. (FARIA;1999:68)

O lazer está atrelado à educação, proporcionando à pessoa felicidade e realização; assim Marcellino (2002) propõe que ele seja inserido na escola, através da pedagogia da animação. Não se trata de negar a importância da escolarização, mas dar sentido ao que é aprendido na escola, vinculando-o ao que é vivido pelas crianças fora dessa instituição. Provavelmente isso colaboraria para uma menor evasão escolar e também evitaria a ansiedade da criança que chega muitas vezes a desencadear problemas de saúde. “São talvez, sintomas do confronto, do enfrentamento, entre o “mundo da responsabilidade” e a experiência lúdica da criança” (MARCELLINO;2002:93).

A proposta do autor é ampliar a expressão cultural. É não ficar apenas ligada à cultura erudita, mas também à cultura popular. “É preciso não desvincular a ação educativa da cultura do povo brasileiro, que ele próprio desconhece porque se encontra apartado, separado dela. (MARCELLINO; 2002:98). Mas essa mudança não é algo tão simples, porque exige uma nova postura dos professores que precisam deixar de ser meros transmissores de conhecimentos e, dentro da nova dinâmica o que deve haver é uma troca de conhecimentos, possibilitado uma maior interação, extrapolando a lógica do ensino tradicional. Noronha (2009) afirma que

relacionar as vivências lúdicas com o cotidiano pode desenvolver a consciência de que nas atividades, ao mesmo tempo em que regras, técnicas e estratégias específicas de diferentes conteúdos, também se aprendem atitudes, valores e comportamentos direcionados para a convivência social (NORONHA; 2009:109-110).

Uma educação não só pelo lazer, mas também para o lazer nos leva a tomar consciência da dimensão de possibilidades que o tempo livre pode nos proporcionar para uma boa qualidade de vida. Nos faz refletir as condições para a prática do lazer na cidade onde vivemos e reivindicar esse direito. Dessa forma, no próximo capítulo, procuraremos fazer uma abordagem sobre o local em que foi realizada a pesquisa, falar sobre sua história e sobre as condições para o lazer, principalmente no meio rural. Por fim será exposta a análise da pesquisa realizada a fim de compreender os espaços e formas de lazer no campo.

CAPÍTULO 4 - O UNIVERSO EMPÍRICO

Neste capítulo falaremos sobre a cidade onde foi realizada a pesquisa, Viçosa-MG, e também sobre a Escola Municipal José Lopes Valente Sobrinho, localizada na Estação Velha – Zona Rural deste município, que colaborou cedendo seu espaço para que pudéssemos conhecer a rotina das crianças rurais.

Viçosa – Um lugar de possibilidades

Viçosa é uma cidade do interior de Minas Gerais situada na Zona da Mata, entre as Serras da Mantiqueira, do Caparaó e da Piedade, que possui uma área 299,418 km² e tem 72.220 habitantes de acordo com o censo 2010 divulgado pelo IBGE. O município é formado por quatro distritos: Sede, São José do Triunfo, Cachoeira de Santa Cruz e Silvestre.



Figura 4 - Localização da cidade de Viçosa – Fonte: <http://maps.google.com.br>



Fonte: Projeto GEOMINAS
Composição: IPLANUS

Figura 5 - Microrregião de Viçosa. Fonte: <http://www.vicosa.mg.gov.br>

A cidade começou a se destacar no país a partir da criação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária – ESAV em 1926 pelo então Presidente da República, o viçosense Arthur da Silva Bernardes. Em 1948 a ESAV se transformou em Universidade Rural do Estado de Minas Gerais – UREMG e se desenvolveu cada vez mais ao ponto de, em 1969, se tornar Universidade Federal de Viçosa - UFV.

A região viveu o ciclo cafeeiro no final do século XIX. O café ainda faz parte da economia, assim como o feijão, o milho, a fruticultura e pecuária leiteira e de corte, mas com baixa produção e produtividade. De acordo com o IBGE 2010 o setor de serviços foi o que mais cresceu nos últimos anos, seguido da indústria e por último a agropecuária. A Universidade se tornou parte importante da economia viçosense, pois os estudantes que chegam à cidade todos os anos colaboram para aquecer o setor de comércio e de serviços.

Atualmente Viçosa é uma cidade com uma população essencialmente urbana com um número significativo de jovens como podemos ver nos gráficos a seguir:

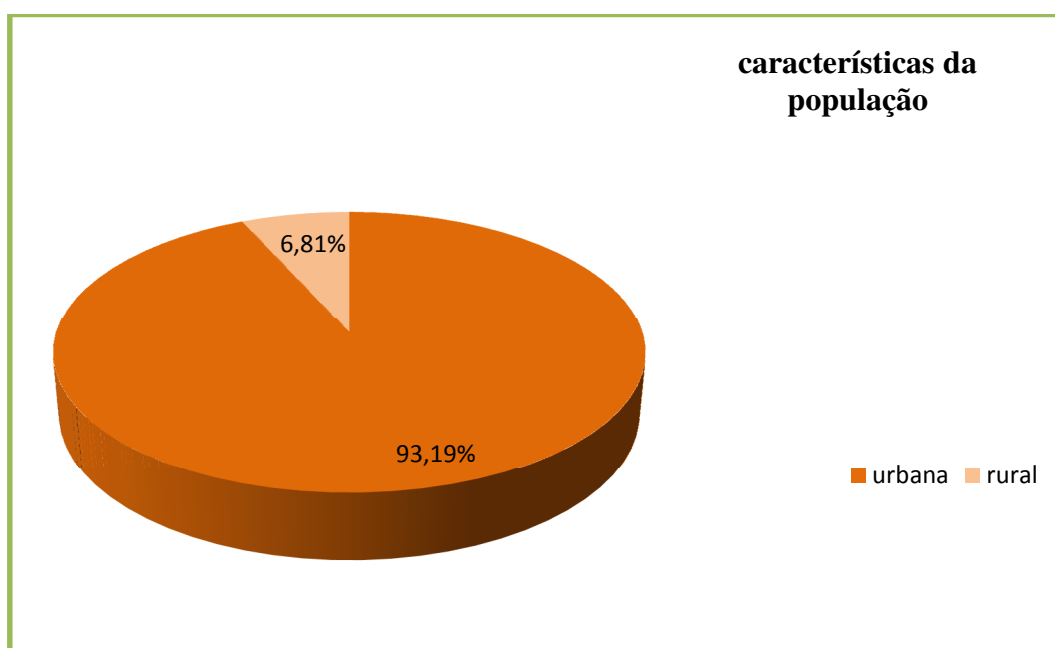


Gráfico 1- Fonte: Fundação Instituto de Geografia e Estatística - IBGE, 2010.

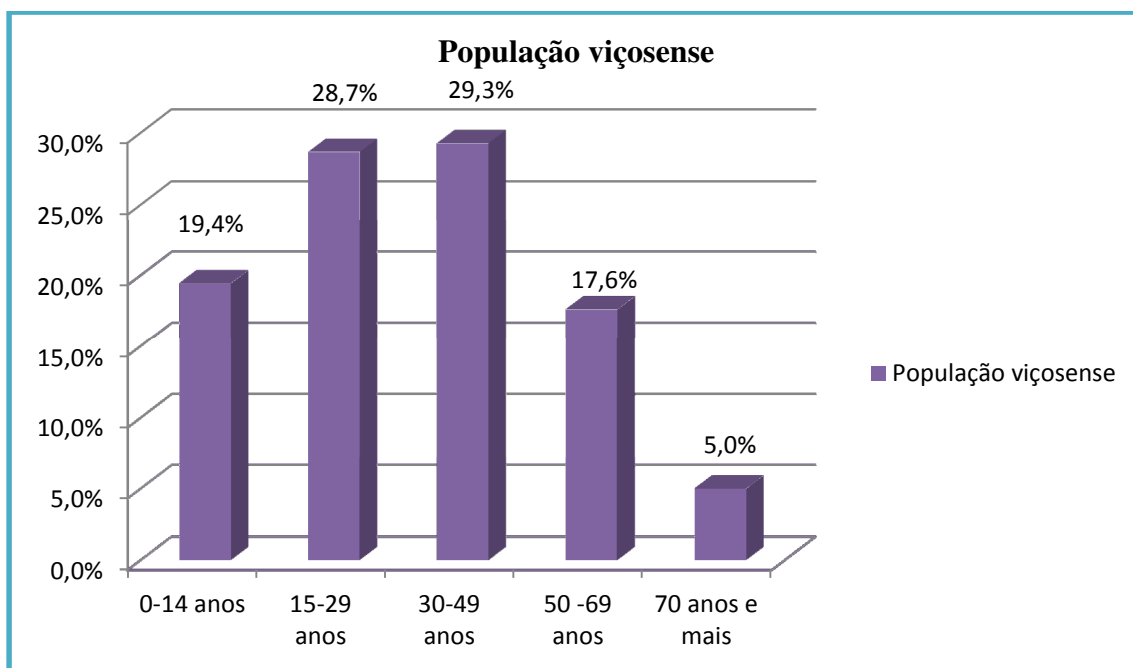


Gráfico 2- Fundação Instituto de Geografia e Estatística - IBGE, 2010.

Os jovens que vêm de diversas regiões do país para estudar ajudam a aumentar esse contingente e, apesar de sofrer influências de diferentes culturas, Viçosa ainda apresenta características próprias do rural, local ligado às tradições como afirma Larissa Moura (2012). Muitos bairros, como o bairro Santo Antônio, foram ocupados por pessoas que saíram da zona rural na tentativa de conseguir melhores empregos durante a década de 1960 e 1970, como confirma Costa, et. al:

Essas pessoas que se fixavam na região eram, em sua maioria, pessoas oriundas do meio rural ou que trabalhavam nesse meio [...]. Predominantemente, esses moradores exerciam algum tipo de atividade manual. Eram artesãos, lavadeiras, padeiros, quituteiros, marceneiros (COSTA, et. al; 2011:15).

Essas famílias de certa forma mantiveram as práticas de sua origem, como a alimentação e as festas religiosas. Em Viçosa há muitas comunidades rurais e algumas se encontram próximas ao centro da cidade e à Universidade, o que permite uma mobilidade e uma interação maior entre urbano e rural. A tabela¹⁰ a seguir mostra as comunidades rurais existentes na região.

¹⁰ A tabela faz parte da dissertação “De tradição e modernidade: o campo religioso em transformação no meio rural de Viçosa-MG na contemporaneidade” de Adriano Carlos Almeida, apresentada a Universidade Federal de Viçosa pelo Programa de Pós-graduação em Extensão Rural, em 2009.

Setor	Comunidades Rurais
Córrego Fundo	Córrego Fundo, Silêncio, Divera, Pedreira.
Buieié	Zig Zag, Estação Velha, Buieié, Violeira, Santa Tereza.
São José do Triunfo	Cascalho, São José do Triunfo, Cachoeirinha.
Juquinha de Paula	Juquinha de Paula.
Arrudas	Pau de Cedro, Gentil, Estiva, Córrego São João, Ponte do Turvo, Poca, Zubá, Cana Miúda.
Piúna	Piúna, Pião, Siriquite, Duas Barras, Itaguaçu de Cima, Itaguaçu de Baixo, Varginha, Colônia Vaz de Melo.
Paula	Paula de Macena.
Nobres	Nobres, Mãe Tunica, Córrego da Onça.
Paraíso	Palmital, Paraíso, Córrego do Engenho.
Paiol	Paiol, Sumidouro.
Cristais	Cristais de Cima, Cristais de Baixo, Fazenda Dom Bosco, Bom Sucesso, Canela, Sapé.

Figura 6: Fonte: CMDRS/EMATER, 2008.

Uma breve história da cidade

A região onde se localiza Viçosa fazia parte do caminho novo para o ouro, aberto durante o século XVII por Garcia Paes, filho do bandeirante Fernão Dias. Essa rota ligava Vila Rica, atual Ouro Preto, ao Rio de Janeiro, passando por regiões onde hoje, por exemplo, se situam cidades como Santos Dumont e Juiz de Fora.

Esse caminho era mais curto que o caminho velho, aberto por Fernão Dias, tornando-se a principal rota para o ouro. Porém o povoamento na Zona da Mata foi lento já que, de acordo com Paniago (1990), para maior segurança do ouro, as florestas não podiam ser violadas, formando uma barreira natural. Com o fim das minas de ouro iniciou-se o povoamento devido à procura de terras para lavoura, principalmente para a plantação de café no século XIX.

Dessa forma, foi somente no início do século XIX que a região de Viçosa foi colonizada. Muitas famílias das zonas auríferas de Ouro Preto, Mariana e Piranga vieram para cá. Elas “se fixaram às margens do Rio Turvo, abrindo as primeiras sesmarias e formando propriedades rurais que deram origem a um pequeno núcleo populacional” (PANIAGO; 1990:80), uma Vila chamada *Santa Rita do Turvo* que, em 1876, tornou-se a cidade *Viçosa de Santa Rita* em homenagem ao Bispo de Mariana, D. Antonio Ferreira Viçoso que estava presente neste momento.

Nessa região havia índios de origem goitacá, os *Puris*, que juntamente com negros e portugueses formaram o viçosense. Pode-se perceber as contribuições culturais indígenas na culinária, na utilização de plantas medicinais e até mesmo “o hábito do viçosense do meio rural de postar-se de cócoras para as conversas de fim de tarde; as coivaras, isto é, a limpeza da terra feita pelo fogo [...]; desconfiança inata para com estranhos, ao lado da hospitalidade[...]” (Paniago; 1990:62)

Os negros de etnia *Bantu* trabalharam nas lavouras de café como escravos. Eles colaboraram não só pelo seu trabalho, mas também pela herança cultural. No folclore, percebe-se sua contribuição através dos contos, mitos e lendas, histórias passadas de geração em geração, a dança, o canto, a música e instrumentos musicais como tambores, cuíca, berimbau; festas e práticas religiosas como o congado e os terreiros de umbanda.

Os portugueses também contribuíram através das festas religiosas e populares como Folia de Reis, Festas juninas, de Nossa Senhora de Fátima, as Cavalhadas. Também vemos sua presença nas brincadeiras infantis como a pipa, o pião, cantigas de roda, nas lendas e mitos como a mula sem cabeça, a bruxa, dentre outros.

Houve também a presença de imigrantes que chegaram a Viçosa durante o século XIX e colaboraram no crescimento econômico e cultural da cidade. Famílias de libaneses trabalharam aqui como mascates, dando início ao comércio. Os Italianos que vieram eram, em sua maioria, artesãos (PANIAGO; 1990:84).

A economia de Viçosa era essencialmente agrícola e durante a colonização, essa região abastecia os centros mineradores com a produção de grãos e mais tarde, no final do século XIX e início do século XX, vemos o café como principal fonte de renda para o município e em menor escala, a pecuária. Atualmente a cidade conta com algumas indústrias como confecção, embutidos e a empresa de laticínios Funarbe - Fundação Arthur Bernardes que tem parceria com a UFV.

Os católicos são a maioria em Viçosa. De acordo com o censo 2010 do IBGE, mais de 58 mil residentes afirmaram pertencer à religião católica apostólica romana. Mas, historicamente, em todo o país, a religião transmitida pela Coroa Portuguesa não estava ligada à Cúria Romana. Era uma religiosidade marcada por um cunho festivo e segundo Paniago (1990)

o grande afluxo às festividades da padroeira, às missas, à celebração da Semana Santa talvez pudesse ser explicado pela carência de um povo isolado em uma região coberta de matas, onde o contato com outros núcleos populacionais constituía uma temeridade. O resultado foi a formação de um núcleo populacional fechado em si mesmo, com seus modos de vida

característicos, com suas crenças e fé peculiares. A figura de um padre, nesse contexto firmou-se como a de um líder, até certo ponto carismático (PANIAGO; 1990: 89).

Com o tempo, principalmente devido à Universidade que possibilitou a vinda de pessoas com culturas e crenças diferentes, outras religiões foram ganhando espaço na cidade. A religiosidade do povo viçosense é marcante. Atualmente podemos perceber isto através das festas que ocorrem todos os anos como a comemoração do dia de Santa Rita, padroeira da cidade, as festas e apresentações que acontecem durante a Semana Santa e a festa de Nossa Senhora de Fátima.

O aspecto educacional

Inicialmente, no final do século XIX, pouquíssimas pessoas tinham acesso à educação. Havia algumas escolas públicas de primeiro grau que não tinha separação por classes, havendo apenas uma professora para atender a todos em uma sala. O meio rural era mais afetado, já que muitas crianças, ao invés de estudar, trabalhavam, colaborando no sustento da família; além disso, havia também entre as crianças rurais dificuldades de acesso e de aquisição de materiais didáticos necessários aos estudos (PANIAGO; 1990:139).

Era muito comum as aulas serem ministradas por professores particulares e, esse fato continuou por um bom tempo, mesmo depois da criação da primeira instituição de educação do primeiro grau, construída pelo governo estadual, o Grupo Escolar Cel. Antônio da Silva Bernardes, em 1916.

O surgimento desta escola foi um grande benefício para a população local que não tinha como pagar um professor particular para seus filhos. Outra instituição importante na história de Viçosa foi o Colégio de Viçosa, que teve início com outro nome, no caso, o Ginásio de Viçosa que foi instalado em 1913, e ganhou notoriedade a partir de 1920 pela qualidade do ensino. Em 1944 esta se tornou o Colégio de Viçosa.

Em 1914 foi fundado o Colégio Normal, instituição particular que ficou sob direção das irmãs carmelitas em 1917. Hoje é conhecida como Colégio Carmo – Irmãs Carmelitas da Divina Providência.

Atualmente, a cidade possui mais sete escolas particulares e conta também com vinte e uma escolas municipais, sendo que destas, oito se encontram na zona rural¹¹ e doze escolas estaduais, com uma no meio rural como podemos ver nas tabelas a seguir.

¹¹ As localizações das escolas rurais municipais e estadual se encontram destacadas.

Escolas particulares em Viçosa
Centro Educacional Gênesis
Colégio Ágora - Rede Pitágoras
Sistema Anglo de Ensino
Colégio Da Vince - Grupo Leonardo da Vince
Colégio Equipe de Viçosa
Coeducar - Cooperativa Educacional de Viçosa
Colégio Carmo- Irmãs Carmelitas da Divina Providência

Figura 7- Fonte: <http://www.ufv.br/pdv/>

Localização das Escolas Municipais				
Creche	Pré-escolar	1º ao 5º ano	6º ao 9º ano	Ensino Médio
Centro	Centro	Centro (4)	Centro (3)	Centro
Barrinha	Barrinha	Barrinha	Barrinha	
Cachoeirinha	Cachoeirinha	Cachoeirinha	Cachoeirinha	
Nova Viçosa	Nova Viçosa	Nova Viçosa	Nova Viçosa	
Novo Silvestre	Novo Silvestre	Novo Silvestre	Novo Silvestre	
Laranjal	Laranjal	Laranjal	Laranjal	
Estação Velha	Estação Velha	Estação Velha		
São José do Triunfo	São José do Triunfo	São José do Triunfo		
	Colônia Vaz de Melo	Colônia Vaz de Melo		
	João Braz	João Braz		
	Paraíso	Paraíso		
	Posses	Posses		
	Santa Clara	Santa Clara		
		Pau de Cedro		
		Piúna		
		Córrego Fundo		
		Boa Sorte		

Figura 8: Fonte: Prefeitura Municipal de Viçosa – Secretaria de Educação, 2012.

Localização das Escolas Estaduais		
1º ao 5º ano	6º ao 9º ano	Ensino Médio
Bela Vista	Bela Vista	Bela Vista
Campus UFV	Campus da UFV	Campus da UFV
Centro (4)	Centro (4)	
Santo Antônio	Santo Antônio	

São José do Triunfo	São José do Triunfo	
Silvestre	Silvestre	
Nova Era		
Fátima		

Figura 9: Fonte: <http://www.ufv.br/pdv/EscolasMunicipaiseEstaduais.htm>

De acordo com os gráficos abaixo podemos visualizar o número de escolas por série e o número de alunos matriculados de acordo com os dados do IBGE 2010.

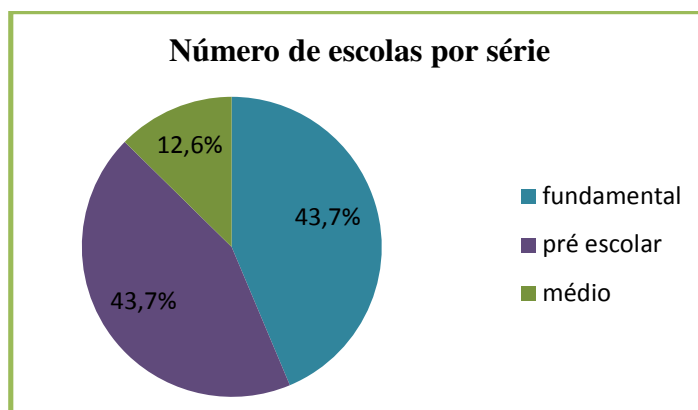


Gráfico 3- Fundação Instituto de Geografia e Estatística - IBGE, 2010

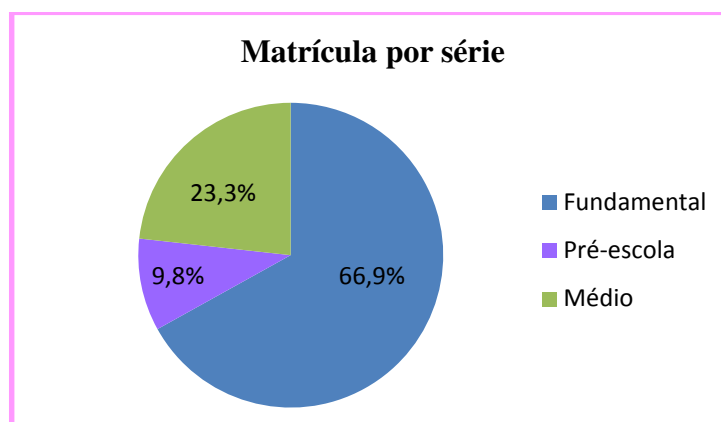


Gráfico 4 - Fundação Instituto de Geografia e Estatística - IBGE, 2010

Viçosa também possui uma escola federal que tem apenas o ensino médio e quatro escolas técnicas. Antes, a única escola profissionalizante era a Escola Agrícola Arthur Bernardes, criada em 1927. Ela atendia a menores carentes e em 1964 passou a ser integrada à Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, a FUNABEM. “Ao lado do ensino básico, a escola mantinha cursos profissionalizantes para formação de sapateiros, bombeiros hidráulicos, mecânico de automóveis, carpinteiros [...], dando sempre muita ênfase ao trabalho agrícola”. (PANIAGO; 1990: 150).

Mas uma das instituições mais importantes para a cidade foi a Escola Superior de Agricultura e Veterinária - ESAV inaugurada em 1926, que mais tarde se transformou na

Universidade Federal de Viçosa – UFV, e teve como primeiro diretor o Dr. Peter Henry Rolfs da Escola de Agricultura da Flórida que colocou em prática o modelo norte-americano de ensino e extensão. Logo, os “os trabalhos educacionais seriam pautados pela ciência prática e pelo aprender fazendo, em contraposição à educação livresca e acadêmica da própria época”. (PANIAGO;1990:151)



Figura 10: Edifício Arthur Bernardes. Conhecido como "Bernardão" foi o prédio principal da ESAV.

Fonte: www.guiadoestudante.abril.com.br

O Lazer na cidade de Viçosa

Como abordamos no início do capítulo, Viçosa ainda possui características de uma sociedade tradicional, inclusive no lazer. De acordo com Paniago, uma pesquisa feita em 1982 revelou que a sociedade viçosense tinha preferência por festas em igreja, clubes, cinemas, passeio, porém ressaltavam também a importância de outras formas de lazer na época, como a frequência a barzinhos e casas de show. O crescimento populacional

em grande parte flutuante, inaugurou na comunidade um estilo de vida parecido com o das cidades grandes, onde as pessoas se divertem como querem e como podem, sem estarem sujeitas a sanções sociais rígidas e generalizadas, próprias das sociedades tradicionais interioranas. (PANIAGO; 1990:199)

Apesar das influências, alguns costumes permanecem e um exemplo disso é a praça que ainda se constitui em um importante local de lazer para os viçosenses. Nela ocorrem feiras de artesanato todos os sábados pela manhã, eventos com grupos artísticos e festas religiosas. Para as crianças há alguns brinquedos nos fins de semana, porém esse tipo de diversão é pago. Portanto, a praça é um ponto de encontro, servindo como um local de integração para a comunidade, de descanso e contemplação.



Figura 11- Praça Silviano Brandão na década de 1940. Fonte: vicosaminas.blogspot.com



Figura 12- Praça Silviano Brandão na Atualidade . Fonte: vicosaminas.blogspot.com

Eventos relevantes que ocorrem na cidade, ligados ao aspecto tradicional são as festas religiosas, como a Semana Santa, o congado - manifestação que ocorre no distrito de São José do Triunfo, local que já foi um quilombo - a festa de Santa Rita, padroeira da cidade e a festa de Nossa Senhora de Fátima. Há também os blocos de carnaval e a Semana do Fazendeiro que ocorre uma vez por ano na Universidade.

Para os estudantes há eventos como a Marcha Nico Lopes que teve início em 1929. A marcha leva o nome de seu criador Antonio Lopes, e inicialmente os calouros que participavam criticavam, através da arte, a política e a universidade. Segundo Paniago (1990:152) hoje a “contestação política ocorre com muita bebida e pouca arte”. Este acontecimento ocorre sempre no primeiro período letivo.

Na área do lazer, voltado às crianças e adolescentes, existem alguns projetos que são promovidos pelo departamento de esportes da cidade, como o **Bom de nota, bom de bola** que conta com monitores estudantes do Departamento de Educação Física da UFV e possui dez

modalidades, dentre elas, natação, lutas, ginástica rítmica e futebol para atender esses jovens¹².

Infelizmente há poucos espaços de lazer para as crianças na cidade. Viçosa não se desenvolveu no aspecto urbanístico. A cidade começou a crescer ao redor da capela de Santa Rita e logo “se multiplicou em direções variadas, de tal forma que seu aspecto original foi quase inteiramente mudado” (PANIAGO;1990:32). O que ocorreu foi um crescimento desordenado.

A universidade se tornou o principal espaço público para prática de esportes, cultura e lazer. As imagens a seguir mostram os espaços que estão localizados no Campus Universitário, valorizados nas práticas de lazer por sua beleza paisagística e amplitude.



Figura 13- Via de acesso ao Recanto das Cigarras. Fonte: <http://www.vicosa.mg.gov.br>



Figura 14- A reta da UFV, local que muitas pessoas utilizam para fazer Caminhadas. Fonte: <http://www.vicosa.mg.gov.br>

¹² Informações retiradas do site <http://www.vicosa.mg.gov.br>



Figura 15- Horto Botânico. Fonte: <http://www.vicosa.mg.gov.br>



Figura 16- Mirante das Bandeiras. <http://www.vicosa.mg.gov.br>

Viçosa possui diversos problemas estruturais, se distanciando da universidade neste sentido. As calçadas são estreitas com buracos e sobressaltos e isso não é um problema só nos bairros, mas também no centro da cidade, dificultando a passagem de pedestres, principalmente de deficientes físicos. Não há planejamento urbano, as ruas são estreitas, e também não há ciclovias, contando que grande parte da população de estudantes utilizam bicicletas. A especulação imobiliária na cidade, devido à demanda de pessoas que chegam a todo ano para estudar, é muito grande, levando a um crescimento vertical, o que pode explicar a existência de poucos espaços públicos para o lazer.

As crianças rurais de Viçosa não são visadas para desenvolvimento de projetos voltados ao lazer. A professora da rede municipal de ensino, Marisa Braga, que também é professora *griote*¹³ e coordenadora de projetos sociais e culturais, em entrevista concedida, afirma que as escolas não recebem apoio necessário dos órgãos municipais, como a secretaria

¹³ *griote* é a variante feminina do termo griot, dado aos guardiões da memória. São contadoras de histórias

de Cultura e Secretaria de Educação. Embora as escolas possuam Caixa Escolar¹⁴, irá depender de o diretor tomar a frente dessas iniciativas e muitos não tem esse comprometimento.

De acordo com a professora, muitas vezes há dificuldades para a realização desses projetos, pois a prefeitura não colabora, não cede o transporte, fazendo com que a comunidade se mobilize com seus próprios recursos para que esses trabalhos se tornem viáveis. No meio rural, a igreja e a escola acabam se tornando o principal espaço de lazer para as crianças e para a comunidade.

Segundo dados do IBGE as crianças correspondem a quase 20% (vinte por cento) da população viçosense sendo que o contingente rural é pequeno se comparado ao urbano como mostra o gráfico a seguir:

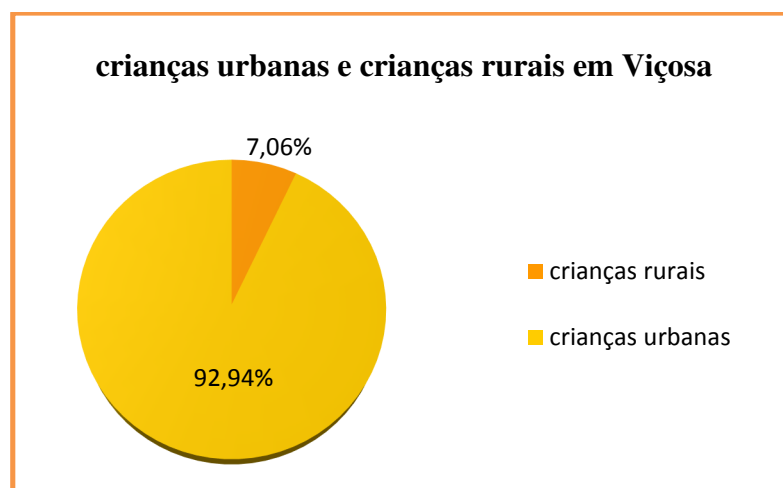


Gráfico 5- Fundação Instituto de Geografia e Estatística - IBGE, 2010.

Porém isso não justifica seu esquecimento por parte dos governantes. É necessário que sejam oferecidos locais públicos seguros de lazer como parques e praças para que elas possam interagir e desenvolver a sociabilidade.

A Escola Tico-Tico

A Escola Municipal José Lopes Valente Sobrinho, conhecida como Escola Tico-Tico, é uma pequena escola da Estação Velha, Zona Rural de Viçosa, que atende atualmente em torno de 150 crianças da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano). Essa Instituição não foi escolhida aleatoriamente e sim por seus projetos voltados ao

¹⁴ Caixa Escolar se constitui em uma entidade legalmente constituída pelas comunidades escolares. Sua existência é pré-requisito exigido às instituições educacionais que demonstrem necessidade e interesse no recebimento de recursos financeiros obtidos por meio de repasses governamentais, bem como os provenientes de doações e eventos.

resgate e à valorização da cultura como o “Projeto: Brinquedos e Brincadeiras” realizado em 2009 e o “Projeto: Valorização da Cultura Afro-Brasileira” de 2010, dos quais trataremos mais adiante.

O nome da escola faz homenagem à José Lopes Sobrinho que, no ano de 1965, abriu espaço em sua propriedade, a Fazenda do Tico-Tico, para que as crianças da região pudessem ter oportunidade de estudar, já que a escola mais próxima, localizada no Silvestre, encontrava-se muito distante das suas moradias. Hoje há transporte escolar disponibilizado para elas. O transporte coletivo passa em horários muito espaçados dificultando o acesso para os funcionários da escola; além disso, pelo fato de a escola se localizar em zona rural, em dias chuvosos a situação fica pior.

Essa instituição era mantida pelo estado e foi municipalizada em 1994. A escola se constitui em um espaço de socialização não só para criança como também para as comunidades que atende: Violeira, Buieié, Zig Zag, Santa Teresa, Silêncio e Estação Velha. A maioria das crianças atendidas pertence à famílias pobres e carentes, o que se constitui em um desafio para esta instituição, pois muitas delas chegam com baixa estima e desinteresse para o estudo. De acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola,

A origem sócio-econômica da população atendida é em sua maioria provenientes de pais que trabalham em profissões de baixo nível salariais ou desempregados [...], são criados pelas avós, as meninas se tornam mães muito cedo (com cerca de 13-14 anos); gerando assim um baixo poder aquisitivo, baixo nível de escolaridade baixo nível de aspiração profissional. (Projeto Político pedagógico; 2012:3)

Ainda de acordo com o Projeto Pedagógico, muitas crianças têm dificuldades de aprendizagem, gerando um índice grande de repetência, principalmente no terceiro ano do ensino fundamental, o que dá a entender que deve haver uma mudança de postura por parte da escola, buscando a compreensão da realidade das crianças para propor soluções. Os pais, em geral são pouco participativos na vida escolar de seus filhos e só comparecem à escola quando ocorrem eventos como festas e feiras.

A escola possui oito professores habilitados para o exercício da profissão e todos são efetivos. Além da diretora, a escola também conta com uma supervisora pedagógica e três auxiliares de serviço.

A escola é pequena, com um pátio onde as crianças podem brincar e onde acontecem os eventos. Não há parque para as crianças. Há uma pequena cozinha onde é armazenada e preparada a merenda. Para se chegar à biblioteca é necessário passar por dentro de uma sala de aula, mas ela já está passando por reformas. Não há um laboratório de informática. De

acordo com a diretora, os computadores adquiridos foram furtados, o que levou à solicitação de um vigia noturno pela prefeitura municipal. Não há professor de educação física e de Ensino religioso e as atividades nessas áreas são realizadas pelos professores regentes. As fotos a seguir mostram o momento de recreação das crianças no pátio da escola.



Figura 17- Pátio da Escola Tico-Tico. Fonte pibidufv.blogspot.com



Figura 18- Crianças da Escola Tico-Tico. Fonte: pibidufv.blogspot.com

De acordo com o Projeto Político Pedagógico, a missão da escola vai ao encontro da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, buscando oferecer um ensino de qualidade, garantindo o acesso e a permanência dos estudantes, levando-os à compreensão de sua realidade, fornecendo as ferramentas necessárias para que ele exerça sua cidadania. Dentre seus objetivos específicos estão: *formar o aluno com competências cognitivas, atitudinais, relacionais e comunicativas necessárias para que ele viva e atue plenamente em sua comunidade*, desenvolver na criança a *autonomia, responsabilidade, respeito, cooperação, solidariedade e liberdade*, *promover a interdisciplinaridade* e também buscar o *entrosamento escola-família-comunidade*.

Buscando cumprir essas metas a escola desenvolve e coloca em prática projetos como: o **Projeto Hora Cívica**, em que uma vez por semana é cantado o Hino Nacional e além disso, as datas comemorativas são trabalhadas pelas crianças juntamente com os professores em sala de aula e ao final do bimestre a produção desse trabalho é apresentada à toda comunidade escolar; o **Projeto Leitura e Contação de Histórias** em que durante todo o ano letivo os alunos lêem livros e fazem a interpretação e toda semana uma turma apresenta aos outros colegas um teatro ou reconto a história lida em sala de aula; **Feiras culturais**, dentre outros trabalhos que colaboram para orientar e estimular o aprendizado dos alunos¹⁵.

Os eventos são abertos à comunidade e visam o enriquecimento na aquisição de conhecimentos através da troca de experiências. Porém, há de se destacar que o trabalho na busca de soluções para combater os problemas existentes como a repetência e a falta de estímulo dos alunos é contínuo. Talvez a prática de ensino desvinculada do dia-a-dia dessas crianças, do seu meio cultural, contribua para o desinteresse. Esse um problema é reconhecido pelos profissionais da educação.

Algumas das prioridades da escola, de acordo com o Projeto Político Pedagógico consistem em melhorar a qualidade do ensino que é oferecido, estudar a realidade dos educandos para conhecer suas reais necessidades, renovar a prática educativa através, por exemplo de cursos de capacitação, terminar a reforma da biblioteca e adquirir materiais como jornais e revistas atualizados para os trabalhos com as crianças; construir parque para atender as crianças da Educação Infantil e providenciar uniformes aos estudantes, o que poderia facilitar às famílias já que muitas possuem poucos recursos financeiros. Portanto, percebe-se que há muitos desafios a serem vencidos para que as crianças possam enxergar a escola como uma extensão de si mesmos, e não como algo distante da sua realidade.

¹⁵ Informações retiradas do Projeto Político Pedagógico de 2012 da Escola Municipal José Lopes Valente Sobrinho.

CAPÍTULO 5- MONTANDO O QUEBRA-CABEÇA

Metodologia

Esta pesquisa teve caráter descritivo com método de abordagem indutivo. O trabalho de campo foi realizado na Escola Municipal José Lopes Valente Sobrinho ou Escola Tico-Tico como é conhecida pelos membros das comunidades atendidas. A instituição se localiza na Estação Velha – Zona Rural do município de Viçosa. Para levantamento de dados foi realizado pesquisa documental e pesquisa bibliográfica.

Os sujeitos da pesquisa foram as 59 crianças, do primeiro ano ao quinto ano do Ensino fundamental desta escola. As atividades desenvolvidas com elas constituíram em desenhos, entrevistas coletivas realizadas em sala de aula e diários que contribuíram para conhecermos suas rotinas de lazer. Foi levado em consideração para o estudo, o artigo segundo do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, que afirma que criança é aquela até doze anos incompletos.

Os pais das crianças e professores da escola colaboraram através de questionários. Foram distribuídos 20 (vinte) questionários para os pais, sendo que apenas 15 (quinze) foram respondidos e 8 (oito) aos professores da Escola Tico-Tico, e destes 5 foram respondidos. Foi realizada também uma entrevista com a professora da Rede Municipal de Ensino, Marisa Braga, que é *griote*, coordenadora do Programa Ação Terceira Idade e de projetos sociais voluntários nas comunidades rurais do Triunfo e Cristais para compreender como o poder público local tem colaborado em ações e no desenvolvimento de projetos voltados ao setor do lazer¹⁶.

É relevante destacar que para a execução deste trabalho foram respeitadas as exigências do Conselho de Ética¹⁷, sendo solicitada aos pais ou aos responsáveis pelas crianças sua autorização, bem como a permissão da diretora da Escola José Lopes Valente Sobrinho para a utilização deste espaço para pesquisa.

¹⁶ Os questionários se encontram em anexo.

¹⁷ Constituem direitos das populações que são objeto de pesquisa a serem respeitados pelos pesquisadores:

- Direito de ser informadas sobre a natureza da pesquisa.
- Direito de recusar-se a participar de uma pesquisa.
- Direito de preservação de sua intimidade, de acordo com seus padrões culturais.
- Garantia de que a colaboração prestada à investigação não seja utilizada com o intuito de prejudicar o grupo investigado.
- Direito de acesso aos resultados da investigação.
- Direito de autoria das populações sobre sua própria produção cultural (Código de Ética da Associação Brasileira de Antropologia - www.abant.org.br).

A escola

A escolha da Escola Municipal José Lopes Sobrinho, ou simplesmente Escola Tico-Tico, para a pesquisa, ocorreu devido aos projetos desenvolvidos no local que focaram no resgate e na valorização da cultura. O primeiro aconteceu em 2009 e tinha como título “Brinquedos e Brincadeiras”. O principal objetivo era resgatar brinquedos e brincadeiras antigos, fazendo com que as crianças conhecessem as tradições locais, envolvendo, não só toda escola, como também os familiares desses meninos e meninas.

O segundo projeto aconteceu em 2010 e teve como título “Valorização da cultura Afro-Brasileira”. Sua proposta foi reconhecer a importância dos negros para o desenvolvimento do país, conhecer sua cultura, levando em consideração que grande parte das crianças que estudam na escola são negras e sofrem preconceito por parte dos próprios colegas. Foram desenvolvidas várias atividades como por exemplo, fazer brinquedos de sucatas, aprender cantigas de roda, ouvir histórias e conhecer danças de origem africana e a culinária, buscando, assim, “resgatar, valorizar e fortalecer a identidade cultural dos alunos” (Projeto “Valorização da cultura afro-brasileira”; 2010: 6).

Esses trabalhos mostram a importância da escola como espaço de cultura, proporcionando às crianças um rico e amplo conhecimento da diversidade brasileira, tornando-se também uma maneira de preservar as tradições. Num mundo onde as mudanças são inevitáveis e ocorrem rapidamente favorecidas pelas tecnologias, os fatos passados, as tradições acabam sendo consideradas velhas e antiquadas, e assim os valores, a identidade, os costumes vão se perdendo, por isso, resgatá-los torna-se necessário para que crianças e jovens tomem consciência de si mesmos, conhecendo suas origens, valorizando sua história.

O lazer se relaciona a isso; a uma aprendizagem descompromissada, ligado “às finalidades educativas e culturais” (PRONOVOST; 2011:35). Os projetos citados preconizaram a participação de toda a comunidade e, através dessa relação geracional, as crianças e os jovens puderam conhecer seu passado, trocar experiências, reconhecer e valorizar as diferenças.

Trabalhar na Escola Tico-Tico tendo as crianças como objeto de estudo, propiciou melhor conhecimento sobre as formas e os espaços de lazer no mundo rural, entender as diferenças em relação ao lazer urbano e as dificuldades que as comunidades possuem neste setor.

Numa folha qualquer...

Ao explicar a proposta de trabalho às turmas de 1º ao 5º ano do Ensino fundamental, e com o intuito de conhecê-los melhor, foi proposto às crianças se expressarem através do desenho, colocando no papel suas principais práticas de lazer. Essa atividade nos ajudou a compreender as formas de lazer entre as crianças rurais, que é um dos objetivos da pesquisa. Foram distribuídos em sala de aula para cada uma das crianças, papel sulfite e giz de cera. Como algumas quiseram escrever, foi permitido. A idéia era deixá-las livres para poderem se expressar. Ao terminarem, os desenhos foram recolhidos e logo foi realizada uma entrevista em sala de aula para que cada uma pudesse falar sobre o que havia feito.

O desenho foi o método escolhido porque além de ser vista pelas crianças como uma atividade prazerosa, ele é uma representação delas sobre o mundo a sua volta. É uma forma de comunicação; nele a criança expressa o que sente e o que pensa (PEREIRA; 1995). Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN abordam que os alunos do ensino fundamental devem ser capazes de utilizar “as diferentes linguagens [...] como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais” (PCN;1997:9), a arte, portanto, colabora, para o desenvolvimento cognitivo. Pelo desenho podemos compreender como o objeto é percebido pela criança e como esta interage com ele.

Através do trabalho deles, as brincadeiras tradicionais - levando em consideração as descrições de Cascudo (1984), Freyre (2005) e José Lins do Rego (1995) - como jogar bola, brincar de pique, jogar peteca, soltar pipa, dentre outras realizadas ao ar livre, estão entre suas favoritas. Porém as tecnologias e os lazeres modernos estão presentes, como pode ser visto nos desenhos a seguir :



Figura 19- Menino do 3º ano brincando com amigos de “canoa” que consiste em escorregar em folha de bananeira.

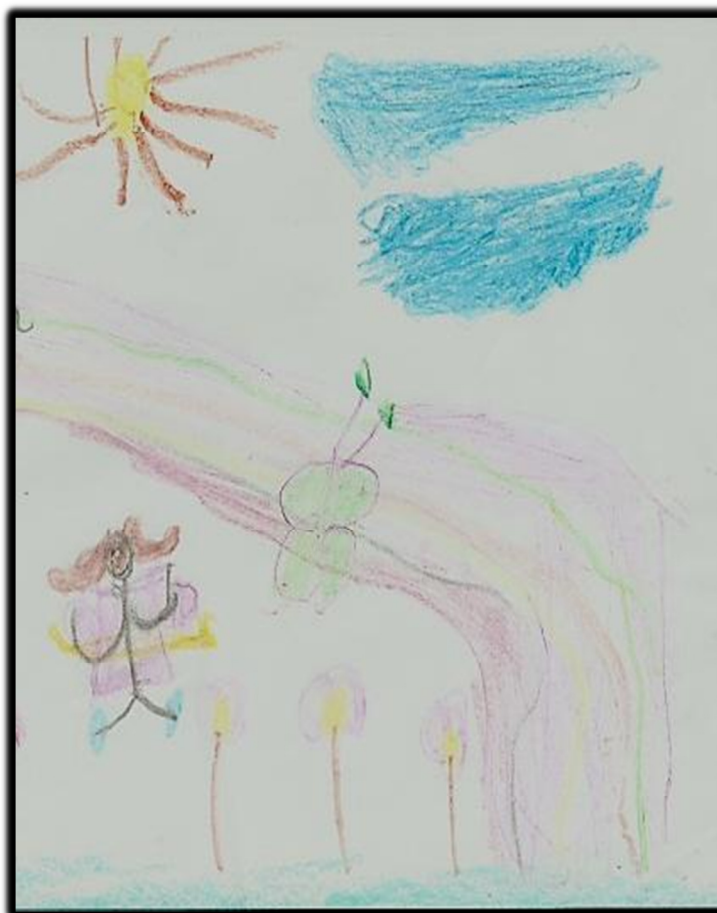


Figura 20 - Menina do 1º ano caçando borboleta

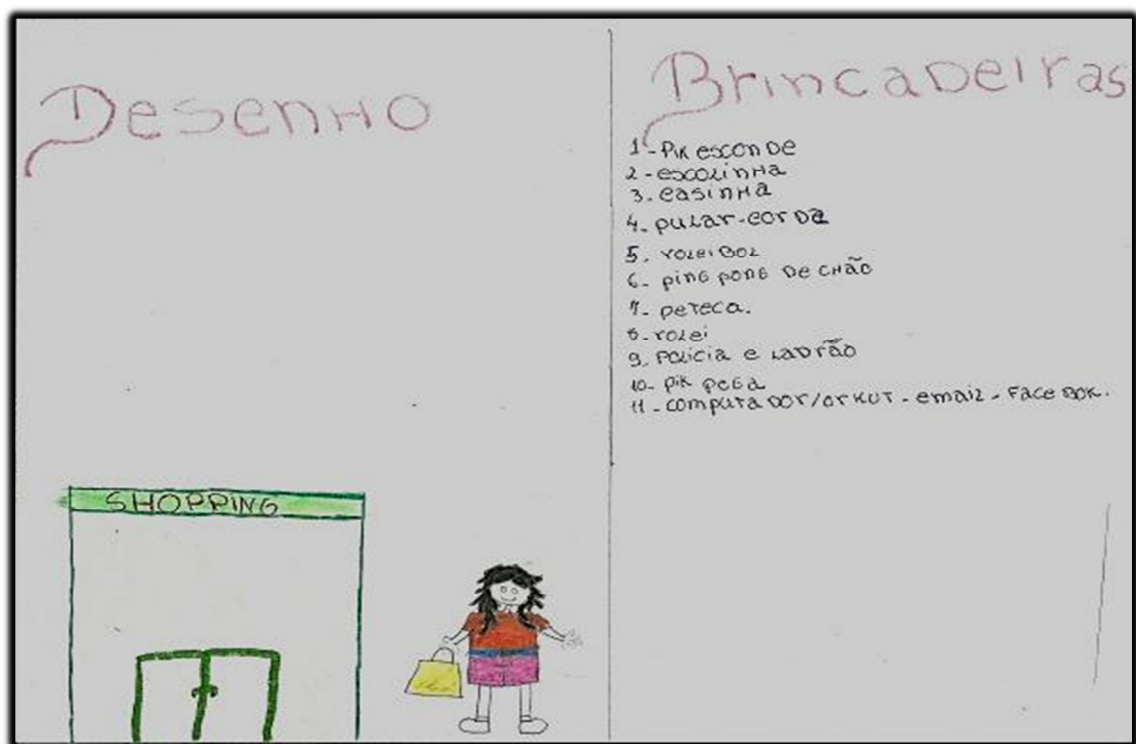


Figura 21 - Menina do 5º ano. No desenho ela aparece saindo do Shopping. Em suas brincadeiras há uma mescla de tradicional (peteca, pular corda...) e moderno (computador, facebook...).

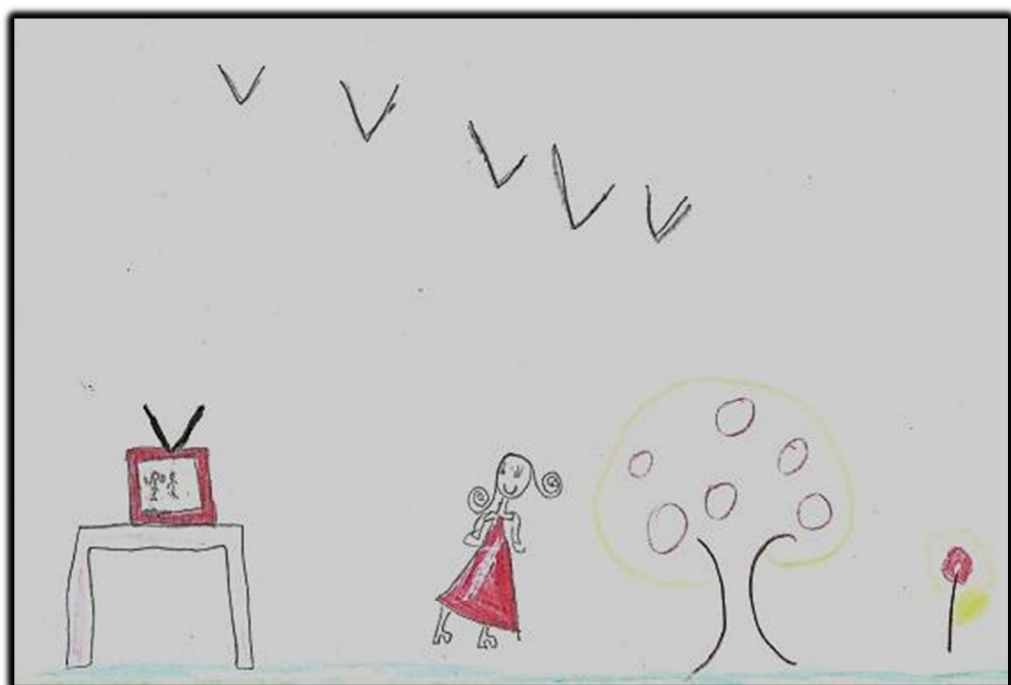


Figura 22 – Menina do 4º ano assistindo TV. A natureza também está presente.



Figura 23- menina do 1º ano brincando de pular corda em meio à natureza. Ao alto uma borboleta.



Figura 24 - menina do 4º ano brincando com seus três cachorros no que parece ser o quintal (terreiro) de sua casa. Ela destaca, escrevendo, que além de brincar com seus cachorros, gosta de desenhar, assistir TV e brincar de "cois tudo" (quase tudo).

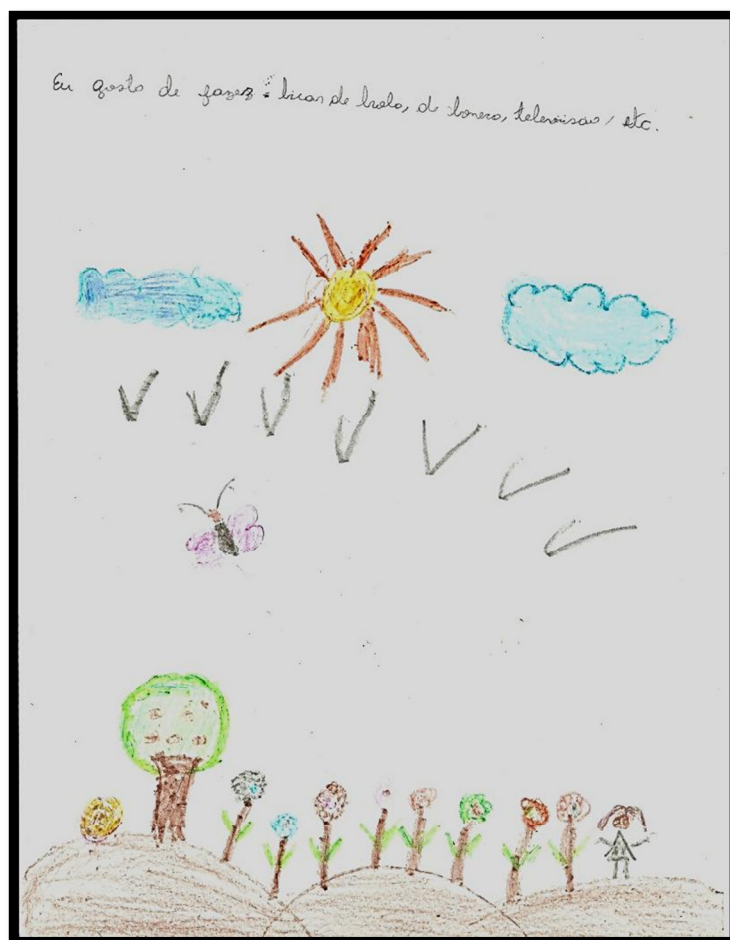


Figura 25- menina do 3º ano aparece perto das flores. A natureza é destacada. Em seus escritos ela afirma gostar de brincar de bola, boneca e assistir TV.

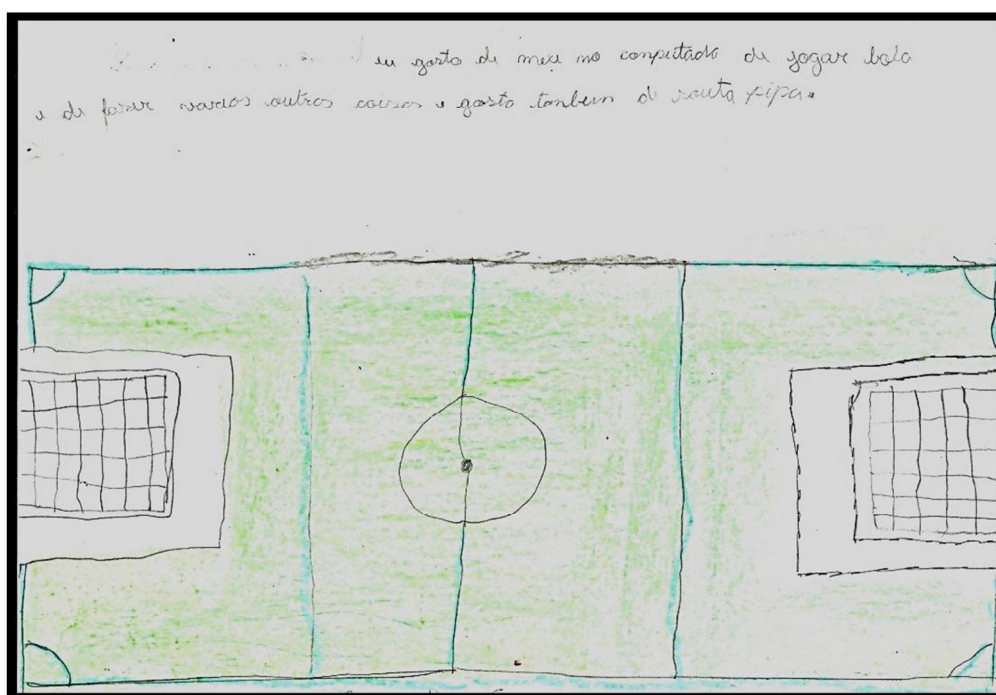


Figura 26- menino do 5º ano. Nesta figura há um campo de futebol vazio. Ele afirma, ao escrever que gosta de fazer de várias coisas, dentre elas, jogar bola, "soute" pipa e "mexe" no computador.

Gosto de leitura, converso com minhas amigas,
 mexo na internet, gosto de bicicleta, e na pitigava,
 no cinema, Ando de Patinete, queimada, ouvir música
 brincar de vários brincadeiras, Joga violão clássico.
 Dormir sozinha com as amigas, passear com as
 meus pais e avós

Figura 27- Menina do 5º ano . Aqui também há uma mescla entre lazeres tradicionais, ao ar livre; interação social e diversão propiciada pelas tecnologias midiáticas.



Figura 28- menina do 2º ano deitada em sua cama assistindo TV sozinha. Apesar de não estar em meio à natureza, ela se faz presente.



Figura 29- menina do 2º ano sentada no sofá assistindo TV sozinha.

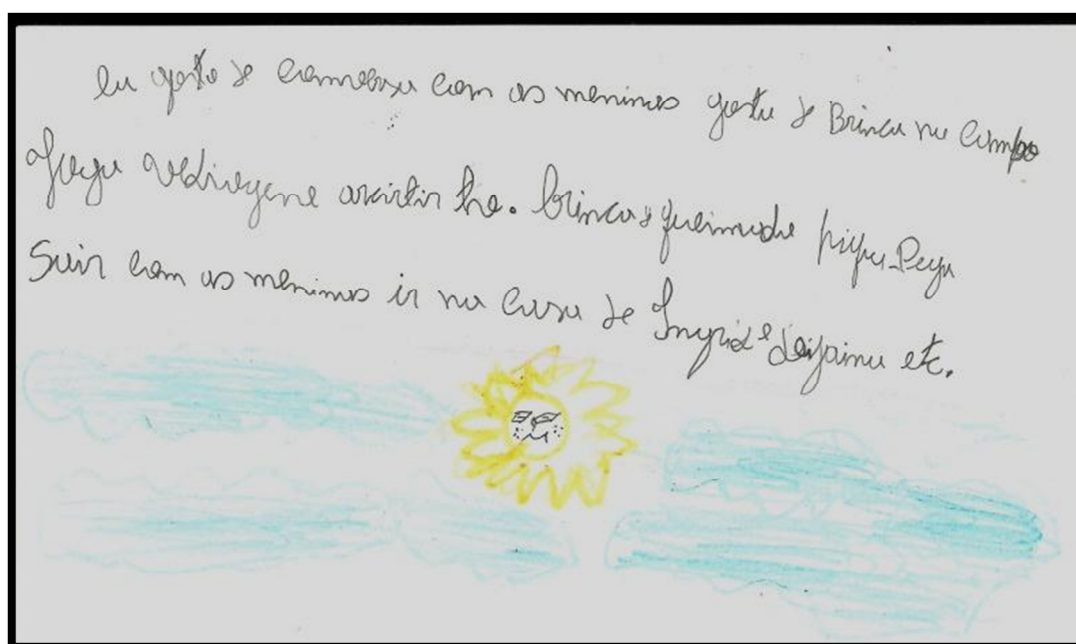


Figura 30- Menina do 4º ano afirma gostar de interagir com “as meninas”, provavelmente suas amigas. Brincadeiras tradicionais também aparecem aqui (queimada, pique pega).

Os desenhos em geral são bem coloridos e o que se percebe é que existe uma mistura entre o tradicional e o moderno no lazer dessas crianças. A natureza e brincadeiras ao ar livre estão presentes na maioria dos desenhos, porém, a TV também aparece como uma forma de lazer e, nas figuras 21, 26, 27 e 30 podemos ver que foram destacados também o computador, a internet, e “fazer compras” como algo divertido. Isso remete à afirmação de Horn (2010) quando ela aborda que o acesso a essas mídias (ou pelo menos o desejo de possuí-las) as aproximam das crianças urbanas, revelando que não são alienadas e nem avessas às

tecnologias. Outro fato que denota uma semelhança com as crianças urbanas, é que muitas se auto representam se divertindo sozinhas (como pode ser visto também no Gráfico 6), pois de acordo com a literatura trabalhada, as crianças que vivem nas grandes cidades se encontram cada vez mais isoladas nos momentos de lazer já que o mundo moderno está cada vez mais individualizado e as ruas tornaram-se sinônimo de perigo (Corsaro; 2011). Esse caso revela que no meio rural as práticas do meio urbano também são incorporadas modificando valores (EDILICH; 2010).

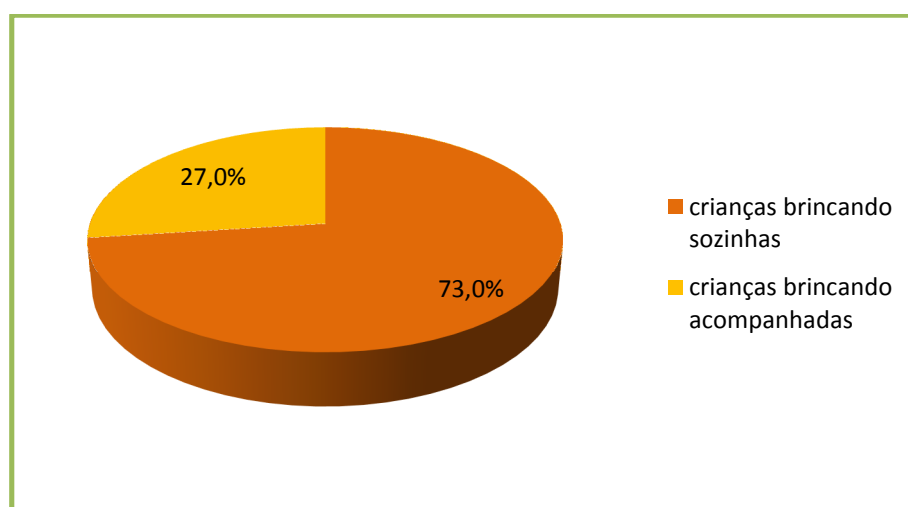


Gráfico 6: como as crianças se auto representam nos desenhos.

Em alguns casos, os desenhos e relatos das crianças rurais podem explicitar um desejo e não uma realidade em relação ao acesso a espaços e formas de lazer, como por exemplo, a figura 26, em que o menino do 5º ano desenhou, como especificado, um campo de futebol vazio, o que nos leva a pensar se realmente há acesso, por parte da criança, a esse espaço ou se isso é apenas um anseio. Já na figura 27, podemos notar que a menina do 5º ano aborda que gosta de tomar sorvete com as amigas, de passear com a família e “mexe na internet”, porém também não fica claro se isso é algo corriqueiro ou se são momentos raros em sua vida ou se ela expressa apenas uma vontade. Esse fato ficou notório quando uma das crianças afirmou durante as atividades: “eu gosto do cinema mas nunca fui”. Assim não sabemos até que ponto o que as crianças colocam no papel é um desejo ou uma realidade.

No gráfico a seguir, podemos ter uma noção das principais atividades de lazer destacadas pelas crianças rurais nos desenhos:

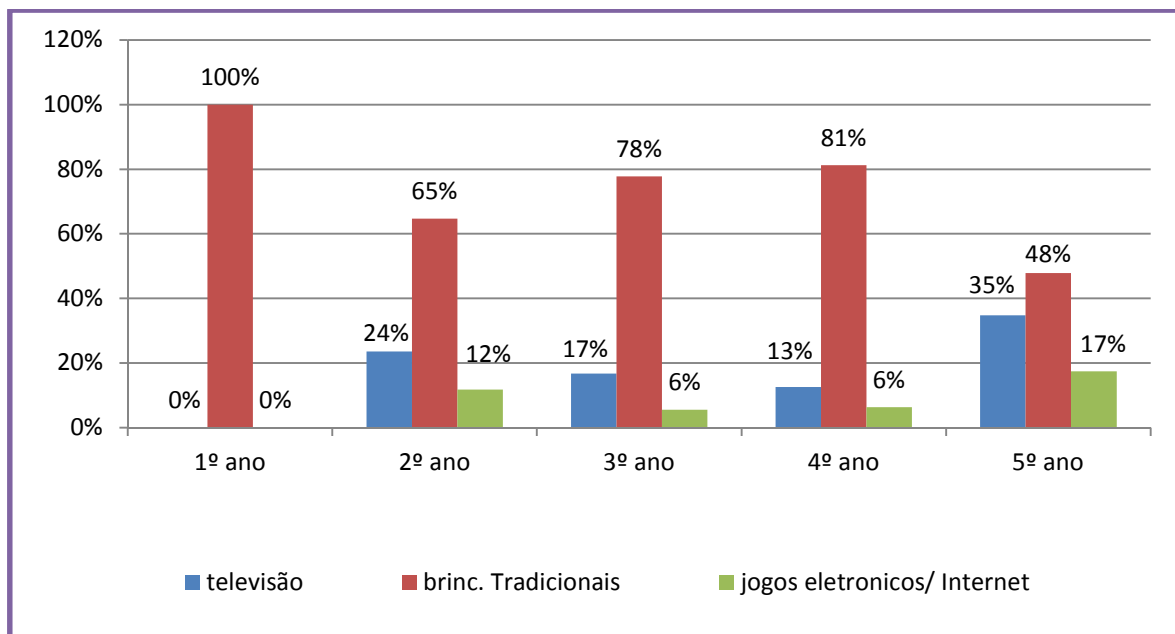


Gráfico 7- formas de lazer através dos desenhos. Pesquisa de Campo 2013.

No primeiro ano do ensino fundamental, talvez pelo fato de as crianças serem muito novas, as brincadeiras ao ar livre apareceram em todos os desenhos, mas isso vai mudando de acordo com a idade. No quinto ano do ensino fundamental há uma mudança significativa, destacando a televisão como uma das principais formas de lazer dessas crianças.

Muitas também abordaram, em conversa, gostar de assistir televisão. Esse fato vai ao encontro da afirmação feita no projeto realizado na escola em 2009, intitulado “Brinquedos e brincadeiras” em que uma das professoras afirma: “trabalhamos na zona rural, com uma clientela carente de recursos financeiros, onde a maioria das crianças não tem acesso a computadores ou vídeo games, mas passam muitas horas assistindo televisão” (Projeto Brinquedos e brincadeiras; 2009:3)

Buscando uma melhor compreensão sobre suas formas e espaços de lazer, foram realizadas análises de diários. Estes consistiram na distribuição de cadernetas às crianças do 3º ao 5º ano, onde puderam escrever sobre suas rotinas durante quinze dias. Através deles pudemos constatar que as brincadeiras ocorrem principalmente na casa, sendo o quarto, o quintal e a sala os principais espaços e também a casa de vizinhos e parentes como podemos ver nas figuras abaixo:

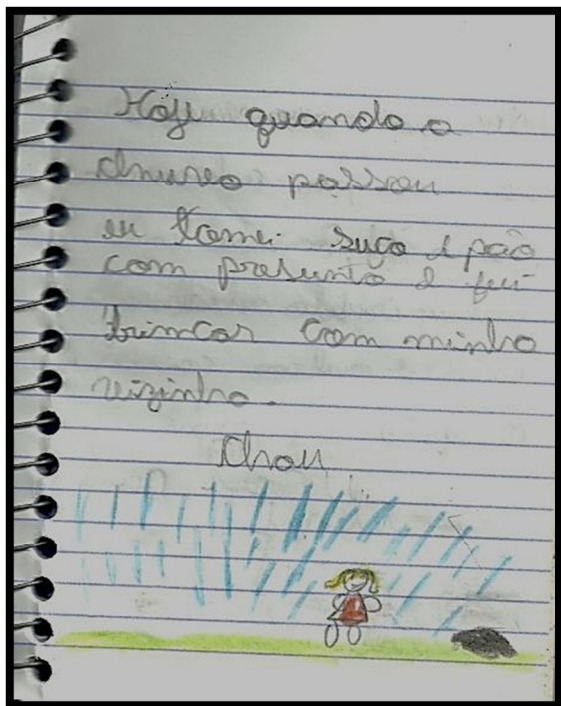


Figura 31- menina do 4º ano

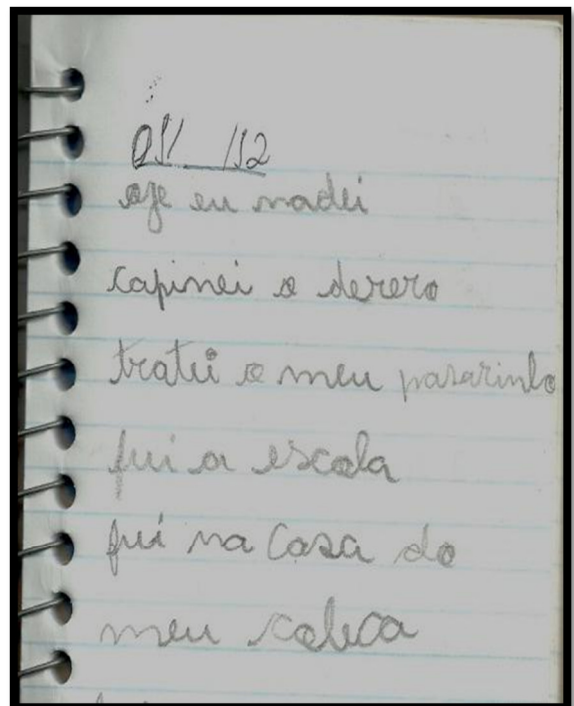


Figura 32- Menino do 3º ano

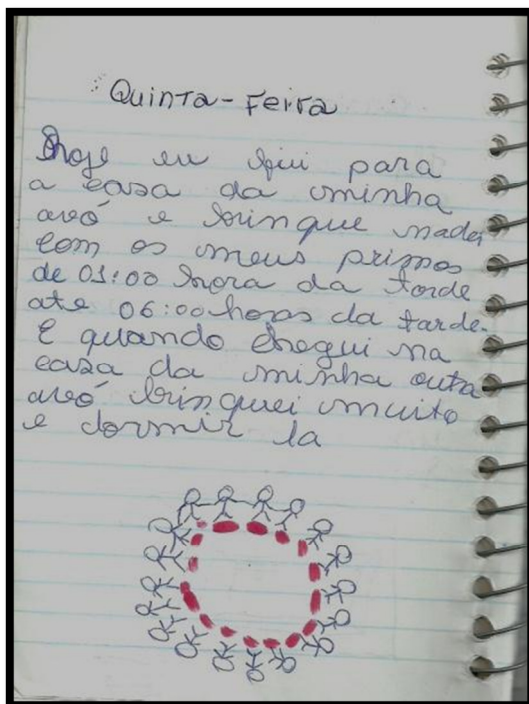


Figura 33- menina do 4º ano

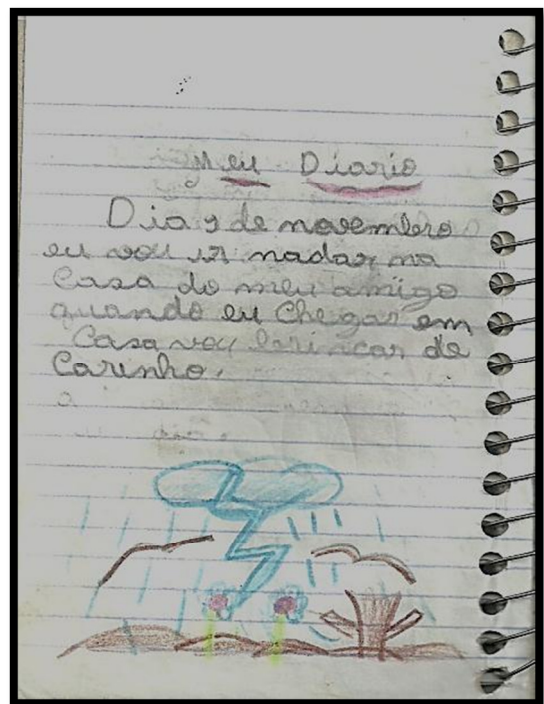


Figura 34 – Menino do 5º ano

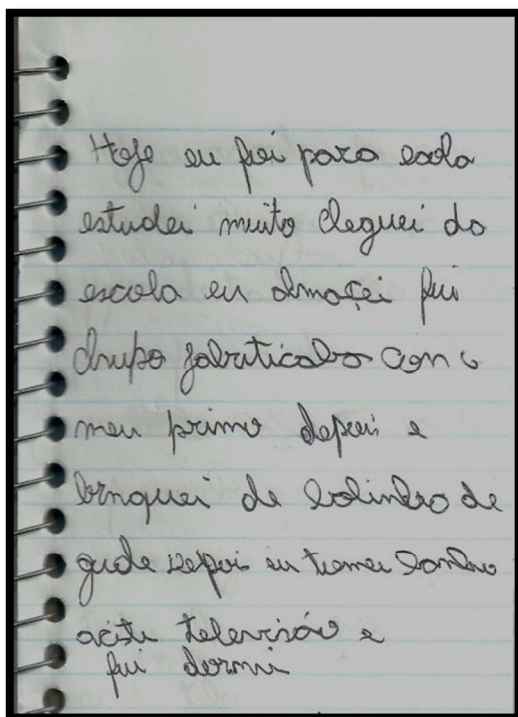


Figura 35- menino do 5º ano

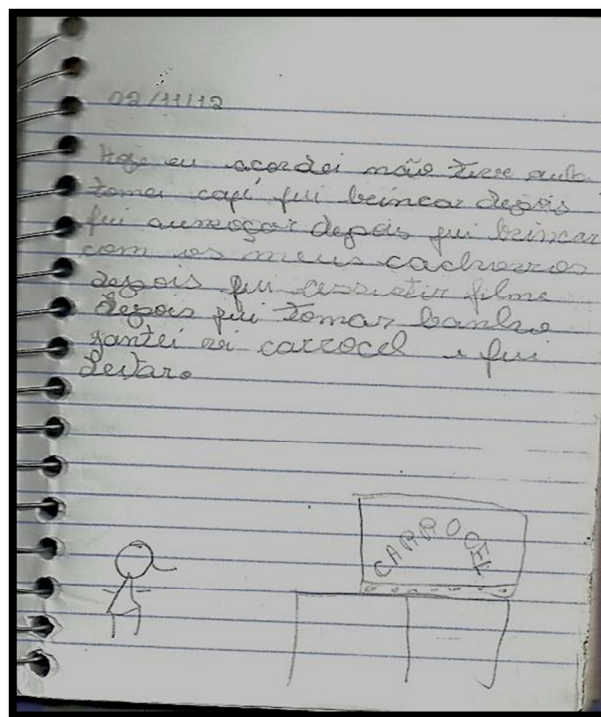


Figura 36- Menina do 4º ano

Mais uma vez, a natureza e as brincadeiras ao ar livre se fazem presentes, seja na escrita ou nos desenhos. Na figura 33, o desenho feito pela menina no diário mostra uma brincadeira de roda confirmando a existência da tradição no lazer infantil no meio rural, assim como as figuras 34 e 35 em que aparece brincadeiras como “carinho” (carrinho) e bolinha de gude. Mas também reforçam a presença da televisão, como as figuras 35 e 36. Outro ponto interessante exposto na figura 33 são as brincadeiras com primos nas casas de suas avós, o que denota a responsabilidade destas no cuidado das crianças e a marcante ausência dos pais, tanto nos desenhos como nos diários, o que também reforça a afirmação feita no Projeto Político Pedagógico sobre o papel central das avós na vida de muitas dessas crianças, citado no capítulo anterior.

Através dos diários podemos perceber as brincadeiras que ainda prevalecem no lazer infantil, as mudanças ocorridas pela modernidade e também de atividades que podem ser consideradas próprias do meio rural, que não são comuns para as crianças urbanas. Abaixo podemos ver através da tabela as formas de lazer que fazem parte do dia a dia das crianças rurais.

Tipologia das brincadeiras através dos diários		
Atividades tradicionais	Atividades modernas	Atividades típicas do meio rural
Gangorra	Brincar sozinho	Brincar na casa de amigos e parentes
Jogo de cartas	Escutar música	colaborar nas tarefas domésticas como arrumar a casa, fazer comida junto com a mãe e fazer cerca com o pai.
Jogar bola	Fazer compras	chupar jabuticaba/ apanhar jabuticaba
Bolinha de gude	Assistir filmes	cuidar da plantação
Pular corda	Brincar no quarto	tratar da criação
Pique	Assistir TV	Nadar
Queimada	Mexer no computador	Brincar no quintal (terreiro)
Amarelinha	Jogar vídeo game	Passear na feira
Desenhar e colorir		Andar a cavalo
Andar de bicicleta		Pescar
Brincar de boneca		Brincar com os animais
Brincar de casinha		
Brincar de carrinho		
Soltar pipa		

Figura 37- tabela das atividades descritas pelas crianças através dos diários

Nas atividades típicas de meio rural, foram levadas em consideração algumas teorias já apresentadas. Como abordamos as crianças urbanas tem ficado cada vez mais isoladas, dentro de suas casas devido, principalmente, ao medo dos pais com a violência (CORSARO, 2011) por isso entendemos que ter a liberdade de brincar na casa de amigos e parentes é próprio desse meio. Destacam-se também atividades que são consideradas trabalho que pode estar ligado à representação que os rurais fazem sobre o lazer, como apontou Alves (2010) ao abordar que é natural para eles a diversão ser articulada ao trabalho já que a terra é a vida dessas populações.

Nos diários, como o exemplo da figura 32, nota-se em vários momentos a mistura de trabalho, escola e lazer, quando o menino do terceiro ano afirma capinar o “derero” (terreiro), tratar do seu passarinho e ir à escola. Corsaro (2011) através de seu estudo, afirmou que em muitos casos as crianças transformam o momento de responsabilidades em fantasias, tornando a atividade mais agradável para si, de acordo com seus desejos, e assim vão aprendendo e transformando a cultura. As colaborações das crianças nos espaços domésticos também aparecem nos desenhos apresentados em sala de aula:

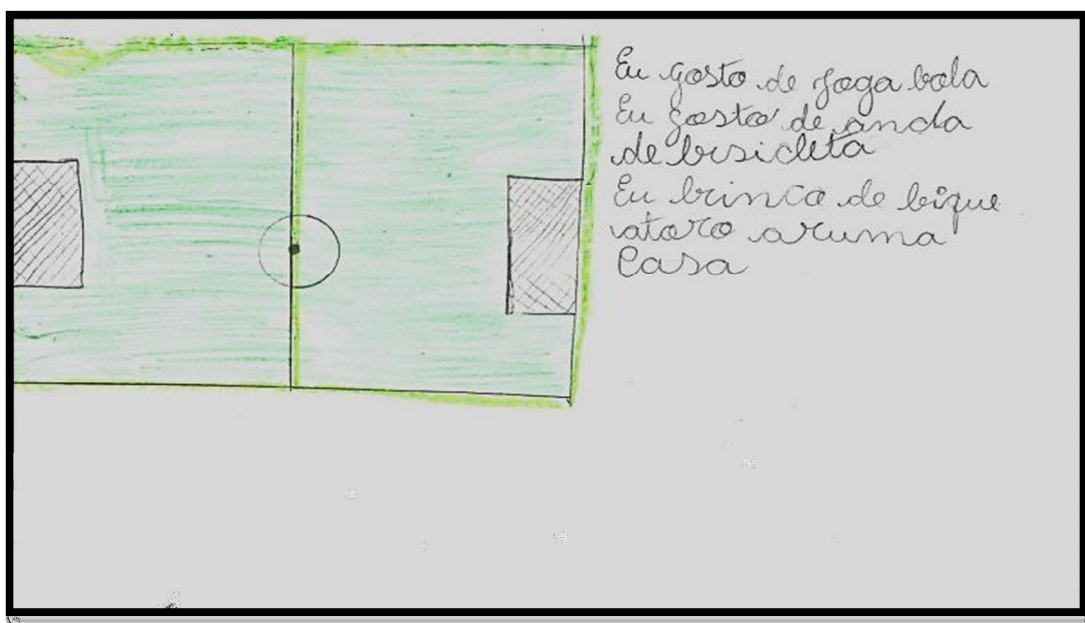


Figura 38- Menino do 5º ano

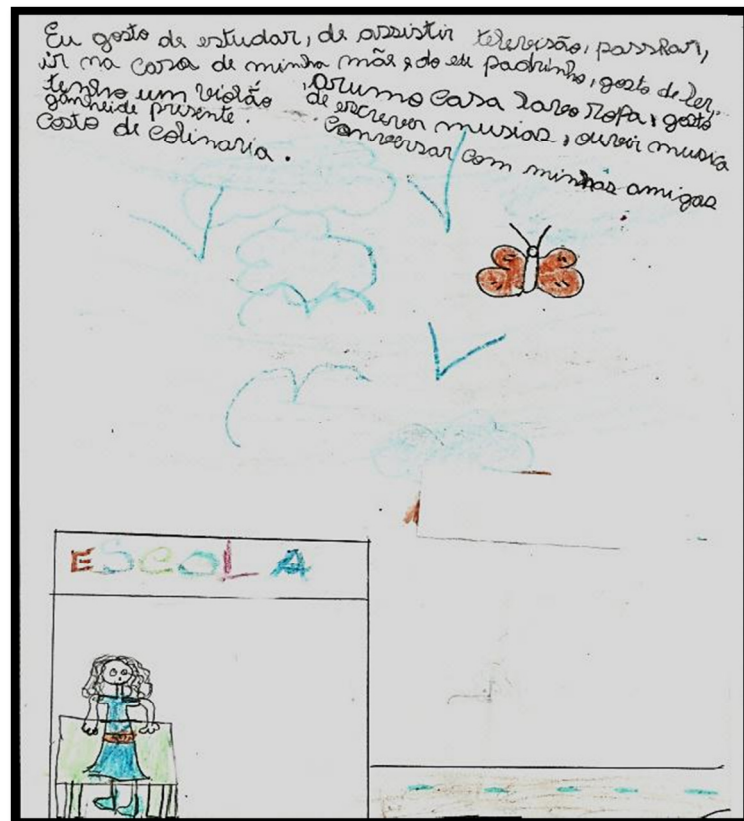


Figura 39- Menina do 3º ano

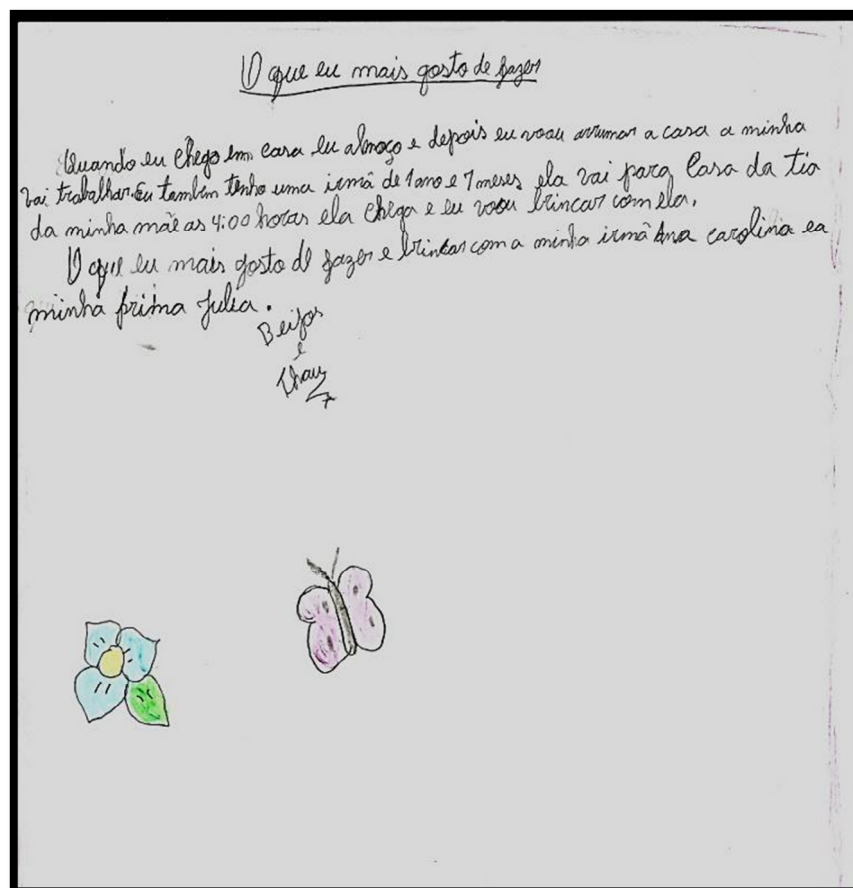


Figura 40- Menina do 5º ano

Nas figuras 37, 38 e 39 e 40 que apontam suas principais práticas de lazer, frases como *“atoro aruma casa”*, *“eu gosto de estudar... gosto de ler... arrumo casa lavo ropa...gosto de colinária”*; *“quando eu chego em casa eu almoço e depois eu vou arrumar a casa”* demonstram que elas não fazem a separação entre trabalho e lazer. Foi notado através de conversa que essa colaboração não é forçada, pois as crianças falavam com orgulho em poder ajudar seus pais. Percebe-se que é algo que lhes dá uma sensação de autonomia, em que ao mesmo tempo em que elas se sentem importantes contribuindo de alguma forma e, além disso, também se divertem, como afirma Corsaro (2011).

Isso trás à tona a questão da importância que as famílias rurais vêm de incluir as crianças no trabalho como forma de aprendizado (ROSSATO; 2006), pois é um meio delas assimilarem a cultura e se socializar. Mas, também pode estar ligado ao fato de muitas famílias possuírem baixo poder aquisitivo como foi afirmado no Projeto Político pedagógico da escola, pois a pobreza é uma das explicações que leva as crianças a contribuírem através do trabalho. Essa contribuição independe da divisão sexual do trabalho, onde meninos também arrumam a casa (figura 37).

Em relação ao espaço de lazer, além da casa, outro ambiente considerado importante para as crianças é a escola. Elas citam nos desenhos e diários, as brincadeiras com seus colegas e algumas falam que adoram estudar (figura 39), ler e aprender coisas novas.

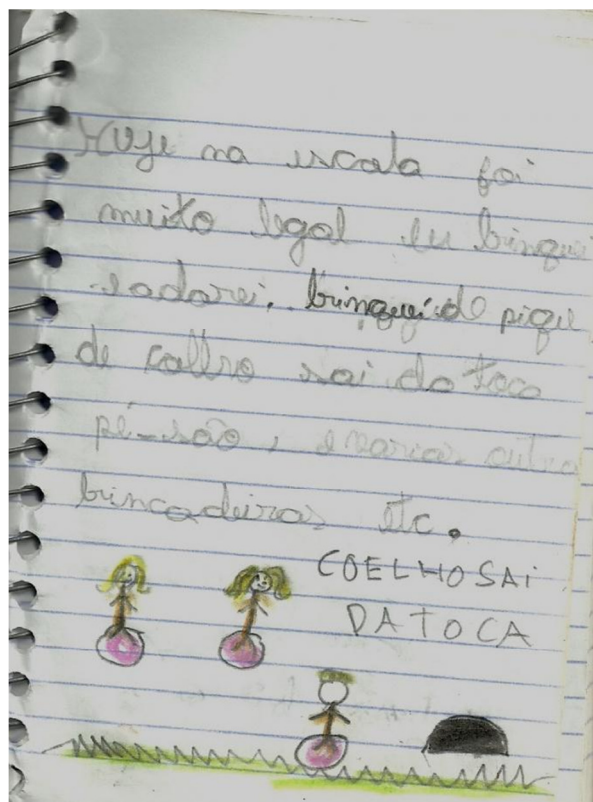


Figura 41 – menina do 3º ano aborda as brincadeiras que ocorreu durante o período em que ficou na escola.

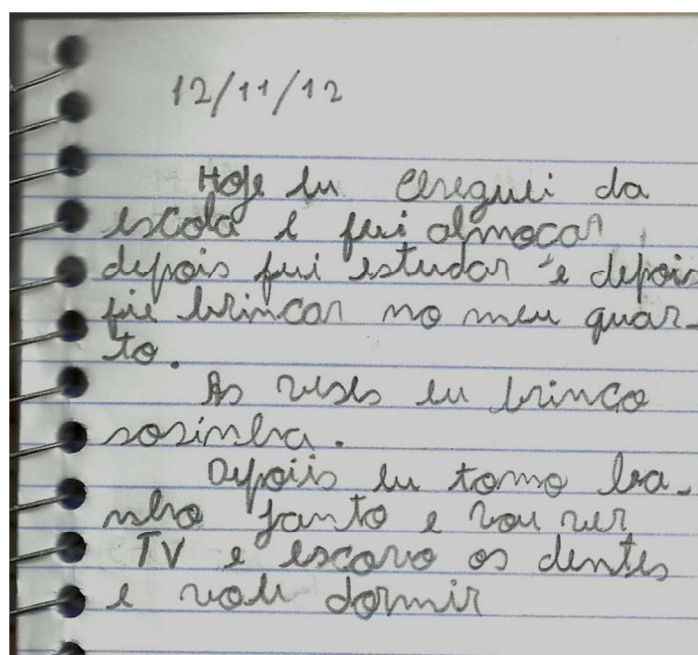


Figura 42 - Menina do 3º ano aborda sua rotina que poderia ser comparada a de uma criança urbana pelo fato de destacar a escola, a casa e principalmente o quarto, como ambientes de lazer.

Apesar de o tempo escolar ser considerado um tempo de obrigações, as crianças demonstram alegria em poder estar neste ambiente, seja aprendendo, seja em companhia de seus colegas, brincando e conversando. Isso mostra que a escola deve ser um lugar para o lazer e que o aprendizado pode ser um processo prazeroso, pois o lazer também está

relacionado à educação (MARCELLINO; 2002). Em conversa com as crianças, foram mostradas a elas nove figuras e, cada uma apresentava um espaço diferente, como está detalhado no gráfico 8.

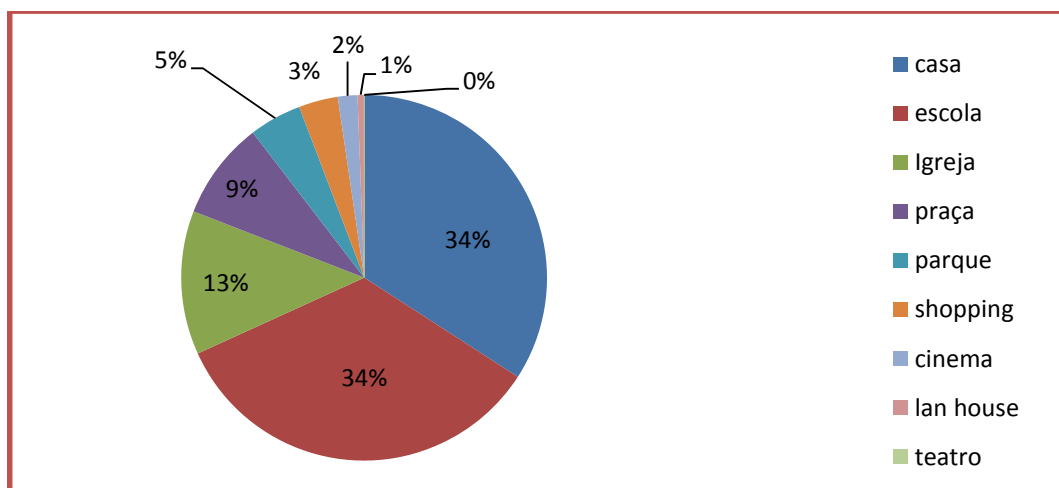


Gráfico 8 – espaços de lazer utilizados com frequência pelas crianças.

Na casa, as crianças afirmaram que o quarto e o quintal e a sala são seus lugares favoritos (gráfico 9), enquanto que na escola, o pátio é o lugar em que elas mais gostam de estar e onde elas podem conversar e brincar à vontade com seus pares. A cozinha faz parte do lazer de algumas crianças que afirmaram, por exemplo, gostar de “lavar vasilha” e “ajudar a preparar a comida”. Mais uma vez o trabalho aparece como uma forma de diversão.

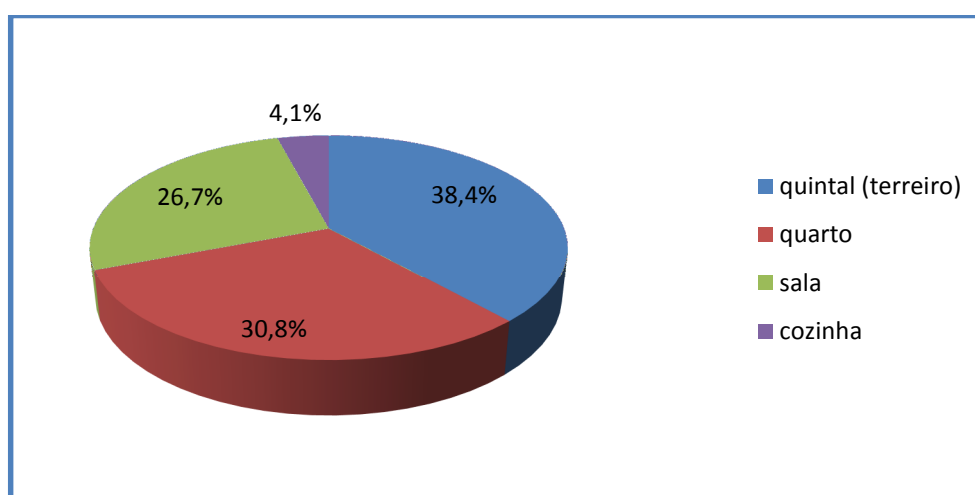


Gráfico 9: espaços na casa que são frequentemente utilizado pelas crianças

De acordo com o gráfico 8, percebe-se que a igreja constitui um local representativo. Apenas 9% das crianças afirmaram ir com frequência à praça da cidade nos finais de semana, onde há brinquedos, mas para ter acesso a estes é necessário pagar. O parque que 5% delas

abordam fica em locais privados, como restaurantes. Somente 3% afirmaram que vão ou já foram ao shopping da cidade e muitas nem o conhecem, o que revela a condição sócio-econômica da maioria das famílias às quais as crianças pertencem. Poucos frequentam o cinema da cidade, mas na própria escola é realizada uma vez por semana uma sessão de cinema com a utilização de um *data show*. Assim também é com o teatro. As próprias crianças, com seus professores, produzem peças teatrais e assistem as peças produzidas por seus colegas.

Apesar de o cinema e o teatro serem muito pouco frequentados, as crianças demonstram gostar quando têm a oportunidade de ir a esses espaços. De acordo com algumas, é difícil o acesso a esse tipo de diversão devido às condições do tempo:

não saímos por que tinha muito barro (menina do 4º ano, pesquisa de campo, 2013).

E também por causa das condições financeiras. Crianças do 1º ano abordaram que não podem ir “*por causa do dinheiro (criança do 1º ano, pesquisa de campo, 2013)*”. Isso está de acordo com o que alguns pais abordaram no questionário:

as vezes “teatro”... vem com um preço alto, aí não dá para família toda ver (mãe de aluno do 2º ano, pesquisa de campo, 2013)

Poderia ter carteirinha de estudante para o aluno pagar a metade (mãe de aluno do 5º ano, pesquisa de campo, 2013)

O lazer infantil no meio rural pelo olhar dos adultos

A contribuição dos pais para a pesquisa através do questionário colaborou para a compreensão sobre o lazer infantil no meio rural. Sabe-se que o lazer tem diversos significados, pois irá variar conforme a cultura e também com o tempo (Pronovost; 2011) e, para a maioria dos pais lazer significa diversão, um momento de recreação. De acordo com Pronovost (2011) essa é uma das “motivações frequentemente dominantes” para a prática de lazer.

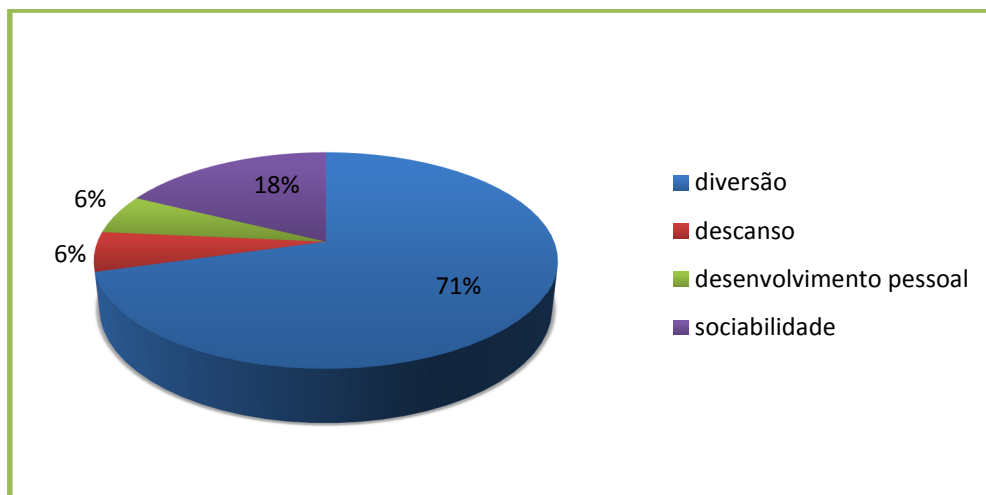


Gráfico 10: definição de lazer pelos pais

Esse resultado vai ao encontro do que Pronovost (2011) afirma: “as práticas mais valorizadas são aquelas que se veem aceitar uma porcentagem mínima de “ativismo”” (PRONOVOST; 2011:37). Atualmente o lazer tem como norma ação. Essa é uma das características da modernidade e faz com que as pessoas vejam o tempo livre como um momento de oportunidades, de sair da passividade.

Em relação ao lazer infantil, foi confirmado o que as crianças mostraram através de atividades que abordaram suas formas de lazer. Percebe-se que há uma mescla entre brincadeiras tradicionais e lazer moderno como acesso às mídias e jogos eletrônicos. Entre as crianças, as atividades que se destacam são: brincar de bola, boneca, casinha, pique, carrinho, brincar com irmãos, primos ou amigos, soltar pipa, andar de bicicleta e gangorra. 53,33% dos pais responderam que a televisão faz parte do lazer delas e apenas 6,67% citou vídeo game.

Entre a família, de acordo com os pais, os principais tipos de lazer são passeios em casa de parentes, amigos, passeios na praça/cidade. 26,6% dos pais afirmam brincar com seus filhos, como jogar bola, jogos de cartas, dama e dominó.

Ao serem questionados sobre as diferenças na prática de lazer dos seus filhos comparados à sua infância, 26,67% dos pais afirmaram que a tecnologia é a principal diferença.

antes a gente brincava de roda, pique, pulava corda e fazia mais exercício físico. Hoje não. Eles querem ficar no computador ou televisão” (mãe de aluno do 2º ano, pesquisa de campo, 2013);

na minha infância eu brincava, hoje eles só querem vídeo game, computador (mãe de aluna do 2º ano, pesquisa de campo, 2013);

uma das principais diferença é a questão da tecnologia. Muitas hoje procuram se divertir eletronicamente, mas ainda há atividades semelhantes (mãe de criança do 4º ano, pesquisa de campo, 2013)

Antes era brincadeiras com bonecas, casinha, pular corda. Hoje em dia é só vídeo game, computador e brinquedos mais sofisticados (mãe de aluna do 2º ano, pesquisa de campo, 2013)

Um elemento importante que merece destaque nessas falas é que elas não refletem o que foi representado pelos filhos, que nos seus desenhos e diários ressaltaram as brincadeiras “antigas” como praticas de lazer e nos quais a “tecnologia sofisticada” foi raramente citada.

40% dos pais responderam que atualmente há muitos brinquedos e que as condições (financeiras) são melhores que da sua época de infância como podemos ver no exemplo abaixo:

hoje eles tem brinquedo a vontade para brincar e antigamente a gente não tinha (mãe de aluno do 1º ano)

as condições e os brinquedos são diferentes e melhores (mãe de aluna do 4º ano)

Nessas falas podemos ver o contraste entre a valorização tecnológica por parte dos pais, fato não confirmado nas representações textuais e pictóricas das crianças.

20% dos pais afirmaram que em suas infâncias havia mais liberdade, mais criatividade:

as brincadeiras eram mais divertidas (mãe de aluna do 4º ano);

Tínhamos mais criatividade e liberdade para brincar (mãe de aluna do 5º ano);

A gente brincava muito mais (mãe de aluna do 1º ano).

13,3% deles apenas responderam que há diferenças entre a prática de lazer de suas infâncias com as de seus filhos.

De acordo com os pais, um fato que tem modificado as atitudes em relação aos espaços de lazer infantil é a violência, que também tem se tornado comum no meio rural. A maioria tem medo de deixar as crianças brincarem em qualquer lugar, restringindo assim seus espaços de lazer, e isso explica o fato de a casa e a escola serem apontadas pelas crianças como seus principais espaços de lazer. Como podemos ver em alguns de seus relatos:

elas (crianças) só brincam em casa, ou entre família. Não sabemos se lá fora elas estão brincando com segurança, se estão correndo algum perigo (mãe de aluno do 3º ano, pesquisa de campo, 2013).

hoje o perigo está em tudo. (mãe de aluno do 4º ano, pesquisa de campo, 2013).

Segundo as respostas dadas pelos pais, os principais locais de lazer de seus filhos são: a casa da família, casa de parentes e conhecidos. Como já foi abordado, muitas crianças são criadas pelas avós, o que pode levar à compreensão de a casa de parentes ser em um de seus principais espaços de lazer. Esses elementos foram confirmados nos desenhos e diários das crianças.

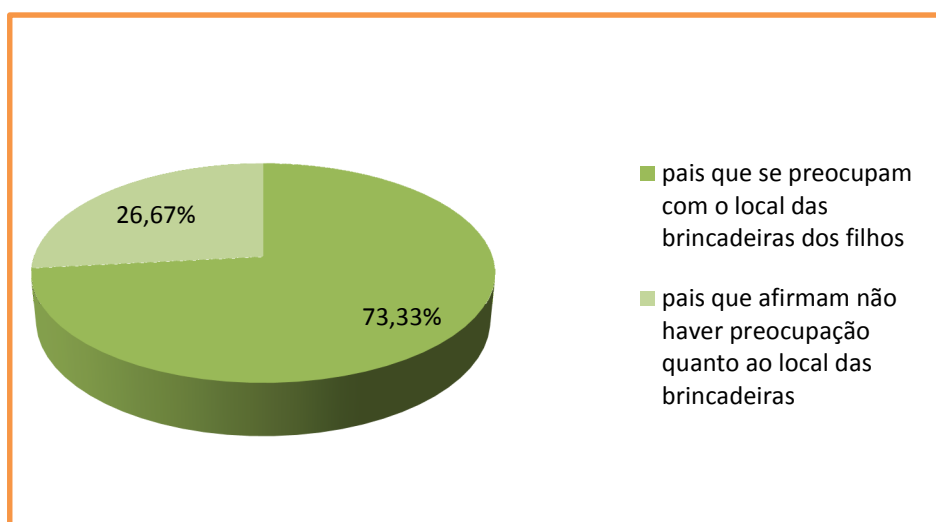


Gráfico 11- Preocupação dos pais em relação ao local de lazer de seus filhos

Esse fato mostra que a violência não está somente no meio urbano, desconstruindo a imagem de segurança e liberdade que muitas pessoas que vivem nas cidades fazem do rural. Em geral, os que vivem nas cidades fazem uma representação bucólica do meio rural, imaginando que as pessoas do campo são ingênuas e que o ambiente proporciona refúgio para os problemas encontrados nas cidades. Porém, a pesquisa revelou o contrário. De acordo com a resposta de um dos pais:

é de extrema importância saber onde as crianças estão, o que estão fazendo e como estão se divertindo (mãe de aluno do 2º ano, pesquisa de campo, 2013).

Isso nos leva a pensar nos resultados do processo de urbanização que o meio rural atravessa, pois a mídia, bem como as práticas e contextos sociais colaboram para aumentar esse medo da violência. Já em relação ao acesso ao lazer, os pais responderam que algumas situações impedem ou retardam o desenvolvimento qualitativo deste como pode-se ver no gráfico 12.

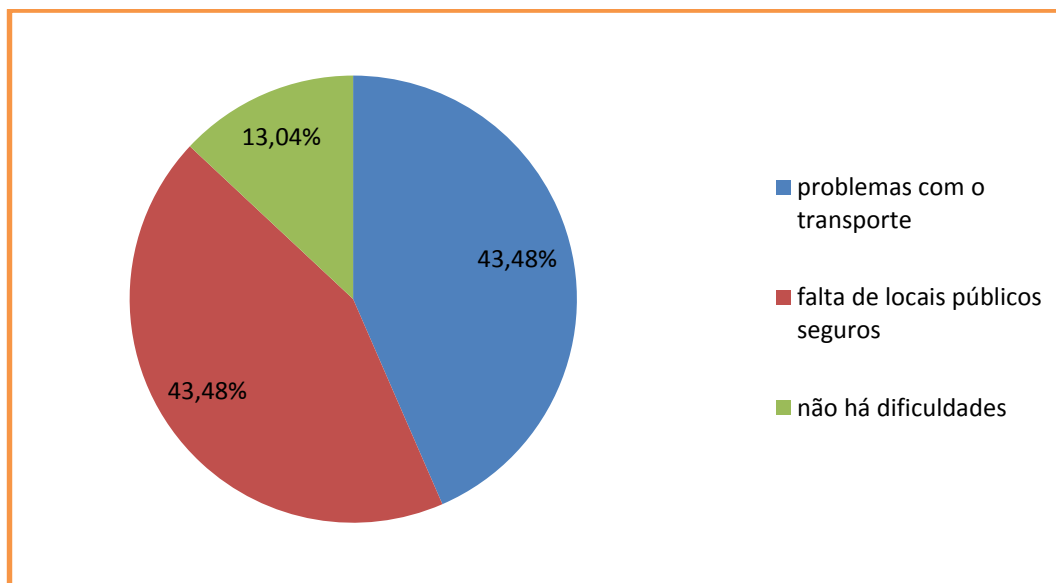


Gráfico 12: acesso ao lazer

Esse gráfico representa as condições que prejudicam o bem-estar das pessoas que vivem no meio rural, revelando suas limitações na escolha do lazer. De acordo com Endlich (2010:25) “se o rural significa limitação, o urbano representa uma condição social em que, teoricamente, é possível superar a precariedade” e essa situação faz com que muitos jovens preferiram não viver no campo como afirma Carneiro (2002). Apesar de essas comunidades estarem próximas ao meio urbano, de muitas pessoas trabalharem na cidade, há fatores que constroem e interferem na qualidade de vida dessas famílias. De acordo com os pais:

é preciso melhorar as estradas, colocar mais horários de ônibus; colocar mais ônibus a disposição das pessoas (mãe de aluno do 5º ano, pesquisa de campo, 2013);

acho que o fundamental que precisamos é o calçamento assim o acesso a cidade é mais fácil (mãe de aluno do 5º ano, pesquisa de campo, 2013)”

parques seguros, quadras e parques ecológicos (mãe de aluno do 3º ano, pesquisa de campo, 2013)”;

mais área de lazer público e não particular (mãe de aluno do 4º ano, pesquisa de campo, 2013)”;

trazer o lazer pra mais perto das pessoas com menos condição (mãe de aluno do 3º ano, pesquisa de campo, 2013)”.

Ainda que o lazer seja um direito resguardado pela legislação, a pesquisa revela o descaso do poder público local que não tem comprometimento em preservar as necessidades básicas da população. A falta de espaços públicos de lazer no meio rural e os problemas com

o transporte limitam essas pessoas de aproveitarem o tempo livre como desejam. Na visão dos pais, a cidade que está tão perto, acaba ficando longe.

Escola: espaço de lazer?

Através dos questionários respondidos por cinco professores, pudemos analisar como o lazer é trabalhado no processo educacional.

Educar pelo lazer é importante para 80% dos professores do ensino básico. Para eles trabalhar com atividades lúdicas proporciona prazer e estimula as crianças através de jogos, filmes, livros. No processo de ensino-aprendizagem esses 80% também acreditam que a vivência extra-escolar da criança deve ser levada em consideração.

“é importante considerar a bagagem de conhecimento das crianças e valorizá-la (professora da escola Tico-Tico, pesquisa de campo, 2013)”.

Para a escola, de acordo com o Projeto Político Pedagógico, é necessário conhecer suas realidades, realizar ““projetos”, que resgatem a cultura da nossa clientela, levantando a autoestima das crianças, levando-a a ter um objetivo para aprender” (Projeto Político Pedagógico, 2012). Porém o mesmo Projeto Político Pedagógico aponta que há dificuldades quanto a vincular a prática de ensino ao meio cultural do aluno.

Portanto, na prática do dia a dia isso é um desafio para os profissionais da educação. Uma das professoras afirmou: “às vezes o que as crianças aprendem fora da escola, nada é válido dentro da escola”. Dessa forma essa relação entre educação formal, sistematizada e a cultura local acaba sendo deixada apenas para se efetivar em projetos e eventos. E esse é um dos principais problemas não só desta escola, mas das escolas regulares de ensino em que educação é voltada às exigências do mercado, possuindo uma visão extremamente utilitarista que limita os alunos de obterem um conhecimento abrangente, desconsiderando a cultura popular em prol da chamada cultura erudita, desvinculando-os da realidade em que vivem (MARCELLINO; 2002).

Mas 80% dos professores acreditam que a educação pode contribuir para uma melhor vivência do lazer e que este possa se vincular a noções de cidadania:

a escola incentiva as crianças aprenderem a tomar decisões em grupo, a constituírem regras nas brincadeiras e sejam capazes de assumir seus atos com responsabilidade (professora da Escola Tico-Tico, pesquisa de campo, 2013).

Isso colabora para o entendimento do que Marcellino (2002) aborda sobre educar para o lazer. É importante que as crianças aprendam a aproveitar o tempo livre de forma saudável, usufruindo-o de forma construtiva. A partir de atitudes como as citadas pela professora, as crianças aprendem valores, como se comportar em sociedade, respeitando os limites e também sabendo exigir seus direitos.

80% dos professores que responderam o questionário confirmam o que o Projeto Político Pedagógico aborda sobre a elaboração de “projetos” e eventos. Afirmam que a escola difunde parte da cultura regional e local, valorizando a cultura rural através de projetos, festa junina, feira cultural, feira ambiental. Entretanto há que se reconhecer que o calendário festivo das escolas é pontual e descontínuo e, por isso, impede que o lazer e o aprendizado através do lúdico se instalem como práticas pedagógicas cotidianas.

O projeto citado anteriormente, “*Valorização da cultura afro-brasileira*”, de 2010 é um exemplo de valorização da cultura local em que as crianças puderam conversar com uma benzedeira da comunidade, conhecendo “a tradição das rezas e benzeduras”, saber “sobre algumas plantas que curam, que ajudam a aliviar a dor, que podem e devem ser utilizadas pelas famílias”, a culinária, dentre outras coisas. Dessa forma as crianças puderam conhecer hábitos e costumes típicos do meio rural.

Para colocar em prática esses projetos os professores declaram que não há dificuldades, já que podem contar com a colaboração de vários órgãos municipais como a Secretaria de Educação, a Secretaria de Cultura, o CTA e também com a Universidade federal de Viçosa. Porém isso não é algo que se estende a todas as escolas.

De acordo com a professora entrevistada, Marisa Braga, dos projetos que esteve à frente nas comunidades rurais com as quais trabalha, a prefeitura não colaborou, mostrando que existe dificuldades de relacionamento entre a Secretaria de Cultura e a Secretaria de Educação.

Além disso, ela afirmou o que constatamos com os pais das crianças: que não há entretenimento voltado às crianças rurais e que até o momento o secretário atual do departamento de cultura não apresentou nenhum projeto que viabilize lazer a essas crianças. O ultimo evento que ocorreu foi em outubro de 2012, na comemoração do Dia das crianças, promovido pela **TIM ArtEducação**¹⁸ - que é um programa que tem como objetivo *oferecer oficinas artístico-pedagógicas, dança artes plásticas, literatura, música e folclore aos*

¹⁸ Esse programa foi criado pelo ex-professor de Matemática, diretor de teatro e produtor cultural Marcelo Soares de Andrade e foi adotado pela TIM em 2001 por meio da Lei Estadual de Incentivo à Cultura.

estudantes da rede pública de ensino - ¹⁹ em que meninos e meninas rurais puderam fazer uma apresentação na praça da cidade.

De acordo com a professora, quando ocorrem esses tipos eventos em que as crianças rurais também participam, percebe-se que estas têm mais facilidade em interagir, em comparação com crianças urbanas, algo que vai contra o imaginário de muitas pessoas que vivem nas cidades, que acreditam que as crianças rurais são acanhadas (HORN; 2010). Isso talvez possa ser explicado pelo fato de as crianças urbanas ficarem mais reclusas em suas casas sem ter a oportunidade de brincar nas ruas, de se socializar, se comparadas às crianças rurais que ainda possuem mais liberdade.

A professora acredita que a escola é um espaço importante de lazer para as comunidades rurais. Segundo Marisa, “*a escola é uma base que a gente tem*”, porém em relação à educação *para e pelo* lazer ainda há muito o que se trabalhar, pois “*as escolas não têm preocupação em levar em consideração a vida dos jovens. Estão preocupados com o currículo*”. Ela citou um exemplo de algumas de suas alunas que trabalham na colheita do café, que ficam com suas mãos machucadas, impedindo-as de segurar um lápis e, por causa do trabalho, muitas vezes chegam cansadas à escola. Por isso ela acredita que é necessário conhecer a realidade do aluno e levar isso em consideração no processo de ensino-aprendizagem e na construção dos espaços e momentos lúdicos.

¹⁹ Informação retirada do site arteducacao.art.br/

CONCLUSÕES

Este estudo teve como foco dois temas emblemáticos – crianças e lazer. Através da bibliografia contemplada, compreendemos que a criança, apesar de ser parte da sociedade, demorou muito tempo para ser reconhecida como sujeito social e, o que sabemos sobre elas, ainda é pouco. Mas a antropologia e, principalmente, a sociologia vem redescobrimdo a infância, mostrando que as crianças não são sujeitos passivos, que apenas assimilam a cultura, mas também produzem suas próprias culturas.

Diversos estudos revelam a visão do adulto sobre elas, muitas vezes enxergadas como ingênuas. Ainda não se compreende bem os pontos de vista que elas têm sobre os objetos, sobre o mundo a sua volta. Através das brincadeiras, da interação com a família e entre seus pares elas captam informações do mundo adulto e interpretam de forma a compreender como ele funciona buscando um sentido e dessa forma, vão aprendendo a lidar com seus desafios. O estudo realizado na Escola Municipal José Lopes Valente Sobrinho permitiu saber um pouco sobre o que elas têm a dizer em relação a como vivem e como percebem o lazer.

Um dos objetivos da pesquisa era saber como se constituía o lazer infantil no meio rural e quais os principais espaços de lazer dessas crianças, e a partir da participação delas se abriu um universo de possibilidades. Quando abordavam: *“não saímos porque tinha muito barro”* ou *“eu adoro teatro e cinema eu vou so deve-se quando dificulta ir ao cinema por causa do dinheiro”*, ou *“eu gosto do cinema mas nunca fui”*, percebemos as dificuldades enfrentadas pelas pessoas que vivem nessas áreas rurais e as privações que as crianças têm em poder aproveitar o tempo livre de várias formas.

Através dos autores trabalhados, pudemos compreender amplitude do lazer. Todavia, o lazer voltado para o consumo tem crescido cada vez mais. Fazer viagens, compras, frequentar espaços como shopping centers e ter acesso às mídias tem se tornado parte dos momentos de diversão e entretenimento de muitas pessoas e também desejo para aqueles que não possuem condições financeiras para tal. Esse tipo de lazer moderno tende a se impor ao tradicional e, apesar de não ser uma força maior nesses locais que a pesquisa englobou, faz parte dos anseios dessas crianças.

Durante anos, o lazer foi foco apenas pela sociologia do trabalho, mas estudos mostram que ele é amplo, percebendo seu aspecto social e cultural. Os avanços tecnológicos possibilitaram às pessoas usufruírem novas formas de lazer, a partir de aparatos industrializados, como a televisão e a internet que vem ganhando cada vez mais espaço nos

lares brasileiros. Nessa pesquisa, entre as comunidades rurais estudadas foi constatado que a televisão é uma das principais formas de entretenimento.

Entre as crianças, mesmo não sendo muito citada pelos seus pais, a televisão faz parte de suas rotinas de lazer e isso ficou claro nos desenhos e nos diários, confirmando também o projeto elaborado pela Escola Municipal José Lopes Valente Sobrinho, “Brinquedos e brincadeiras” que aborda que as crianças passam boa parte de seu tempo livre assistindo TV.

Não há entre elas o hábito de se divertir com jogos eletrônicos, e poucas possuem internet. Isso revela a condição sócio-econômica das famílias envolvidas na pesquisa, mostrando que a maioria é carente de recursos financeiros. Esse problema também é uma das causas dessas famílias não conseguirem usufruir das poucas possibilidades de lazer na cidade, como frequentar um teatro, ir ao cinema, pois há outros fatores que impedem ou retardam o desenvolvimento qualitativo de lazer no meio rural, como a falta de transporte público e falta de um espaço recreativo ou cultural coletivo.

Esses problemas apontados pelos pais das crianças que participaram da pesquisa revelam o descaso do poder público local com a população viçosense, pois o artigo 4º do Estatuto da Criança e do adolescente afirma que é dever da família, sociedade e do poder público resguardar os direitos da criança. Além disso, esse documento, através do artigo 58º aborda que o Estado e a União devem facilitar e destinar recursos voltados a esse setor, portanto não pode ser falta de verbas o que impede o município de agir em prol dos cidadãos. A população rural acaba sofrendo mais devido à falta de estrutura que viabilize seu bem estar e pela ausência de vontade política que priorize o rural.

Através das atividades realizadas pelas crianças – desenhos e diários – e das conversas com elas em sala de aula pudemos perceber que o mundo do trabalho e do lazer estão misturados, constituindo-se em algo diferente do significado do mundo adulto, onde o lazer é visto como contraposição ao trabalho, às obrigações cotidianas. As crianças conseguem transformar o momento de cuidar das tarefas domésticas e também das atividades escolares algo prazeroso e divertido.

Foi constatado também que os espaços de lazer das crianças ficam restritos à casa da família, de parentes, de amigos (vizinhos) e à escola. Os pais também afirmaram isto, pois estes, assim como aqueles que vivem na cidade, têm medo da violência que, de fato, vem contaminando o espaço rural. Esse fato desconstrói a idéia que muitos urbanos costumam fazer do meio rural, acreditando ser um local ainda de tranquilidade, de sossego.

Embora ocorra uma urbanização, no sentido cultural, no meio rural, pudemos perceber que as brincadeiras tradicionais - como jogar de bola, pular corda, pique, e brincadeiras que envolvem elementos da natureza - são as preferidas nos momentos de lazer das crianças. Mas concluímos também que as influências da mídia são uma realidade entre elas e que algumas estão envolvidas na mesma dinâmica que as crianças urbanas, tendo acesso à internet, consumindo jogos eletrônicos e frequentando shopping. Portanto há uma mescla entre o tradicional e moderno no lazer infantil no meio rural.

Sabemos que apesar de contemplar uma realidade local, ela mostra o quanto ainda temos que caminhar rumo a condições sociais mais justas. Falar de lazer é falar de política, de uma boa infraestrutura que proporcione qualidade de vida aos seus cidadãos, levando em consideração as particularidades de cada região, os interesses da população.

A voz dada às crianças rurais contribuiu para conhecermos seus anseios e suas necessidades, mostrando as particularidades do local em que vivem, deixando claros os desafios a serem superados. Elas foram fundamentais nesta pesquisa orientando as direções que devem ser tomadas para a transformação da realidade local, constituindo-se como sujeitos ativos.

O estudo mostrou que é preciso haver uma mudança nas relações entre as instituições e que a escola deve cumprir de forma mais eficiente seu papel de educar para o lazer fazendo com que as crianças aprendam que, como cidadãos podem lutar e reivindicar seus direitos frente ao poder público, inclusive a partir da ludicidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; GUTIERREZ, Gustavo Luis. **O lazer no Brasil: do nacional-desenvolvimentismo à globalização.** *Revista Conexões* [online], v. 3, n. 1, 2005.
- ALVES, Alvaro Marcel Palomo. **A história dos jogos e a constituição da cultura lúdica.** Linhas, Florianópolis, V.4, n.1, 2003. p.47-60.
- ALVES, Rafael. **Lazer e ruralidades: as práticas e representações sociais de lazer no meio rural de Presidente Bernardes – MG.** 2009. 241 f. Dissertação (mestrado em Extensão Rural). Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2009.
- ANDREOTTI, Azilde L.. **O Governo Vargas e o equilíbrio entre a pedagogia tradicional e a pedagogia nova.** Disponível em www.histedbr.fae.unicamp.br/. Acesso em dezembro de 2012.
- AQUINO, Cássio Adriano Braz e MARTINS, José Clerton de Oliveira. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. *Revista Mal-Estar e Subjetividade.* [online] vol.7, n.2, 2007.
- ARAÚJO, Aracy Alves de. **O Programa Bolsa Família e o Trabalho Infantil no Brasil.** Viçosa, MG, 2010.
- ARIES. Philipe. **História Social da Criança e da família.** 2 ed. São Paulo: LCT, 2011.
- BAGLI, Priscilla. **Rural e urbano: harmonia e conflito na cadência da contradição.** In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (orgs). **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural.** 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p.131-156.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação.** Tradução – Marcus Vinicius Mazzari. 2º ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2009.
- BERNARDELLI, Maria Lucia Falconi da Hora. **Contribuição ao debate sobre o urbano e o rural.** In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (orgs). **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural.** 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 33-52.
- BERNARDES. E.L. **Jogos e brincadeiras tradicionais: um passeio pela História.** Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação (COLUBHE06). Percursos e desafios da pesquisa do ensino de História da Educação. 17 a 20 de abril de 2006. Uberlândia – MG.
- BOTO, Carlota. **O desencantamento da criança: entre a Renascença e o século das Luzes.** In: FREITAS, Marcos; KUHLMANN, Moysés Jr. (orgs.). Os Intelectuais na História da infância. São Paulo: Cortez, 2002.
- BRASIL. **Constituição (1988).** Texto Constitucional de 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nº 1/92 a nº 28/2000 e Emendas

Constitucionais de Revisão nº 1 a nº 6/94. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2000.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal nº 8069. Brasília, 13 de julho de 1990.

BRASIL. IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. www.ibge.gov.br/catálogos/indicadores. Acesso em junho 2010.

CALLIGARIS, Contardo. **O fim da infância?** . Folha de São Paulo, São Paulo, 6 de dez. 2012.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O lazer na sociedade brasileira**. In: GILLES, Pronovost. Introdução à sociologia do Lazer. Tradução: Marcelo Gomes. São Paulo: Editora Senac, 2011.

CARLSSON, U.; FEILITZEN, C (orgs). A Criança e a mídia: imagem, educação, Participação. São Paulo: Cortez: Brasília, DF: UNESCO. 2002.

CARNEIRO, Maria José. **Multifuncionalidade da agricultura e ruralidade**: uma abordagem comparativa. In: MOREIRA, Roberto José; COSTA, Flávio de Carvalho. **Mundo Rural e Cultura**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

CARVALHO, Regimênia Maria Braga de; VARGAS, Angelo. **O contexto histórico das políticas públicas de lazer no Brasil**. *Revista Licere*, Belo Horizonte, v.13, n.4, dez/2010.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

CASTILHA, Leandro Dalcin; COITO, Roselene de Fátima. **As representações sociais de monteiro Lobato**: subjetivando seres por meio do discurso jornalístico vigente. 3º CELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. 19 a 20 de Abril de 2007.

CHEMIN, Beatris Francisca . **Educação para e pelo lazer no âmbito municipal**. *Revista Educação*, v. 32, n. 2, Porto Alegre, p. 165-175, maio/ago. 2009.

CIVILETTI, Maria Vittoria Pardal. **O cuidado às crianças pequenas no Brasil escravista**. Artigo disponível em www.uff.br/feuff/departamentos/.../muinfa21.doc. Acesso em: dez. 2012.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora. 2006.

CORDAZZO, Scheila Tatiana Duarte ; VIEIRA, Mauro Luís. Caracterização de Brincadeiras de Crianças em Idade Escolar. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. v. 21, n.3, Porto Alegre, 2008.

CÓRIO, Maria de Lourdes Del Fáveri. **O personagem Chico Bento**: suas ações e seu contexto: um elo entre tradição e modernidade. Dissertação de Mestrado - Universidade de Marília-SP. Programa de Pós Graduação em Comunicação e Estudos de Linguagem, 2006.

CORSARO, Willian A. **Sociologia da infância**. 2º ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CUSTÓDIO, André Viana. **A exploração do trabalho infantil doméstico no Brasil contemporâneo**: limites e perspectivas para a sua erradicação. Tese (Doutorado em Direito) – Programa de Pós Graduação em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos** – e outros episódios da história cultural francesa. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DUMAZEDIER, Joffre. **A revolução cultural do Tempo Livre**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ENDLICH, Ângela Maria. Perspectivas sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (orgs). **Cidade e campo**: relações e contradições entre urbano e rural. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p.11-31.

FARIA, M. C. M.; BROLO, A. L. R.; TOLOCKA, R. E. **Análise das oportunidades de lazer no cotidiano infantil**. Piracicaba, 2010.

FEILITZEN, C. **Educação para a Mídia, Participação Infantil e Democracia**. In: CARLSSON, U.; FEILITZEN, C.(orgs). **A Criança e a mídia**: imagem, educação, participação. São Paulo: Cortez ; Brasília, DF: UNESCO. 2002, p. 19-36.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 50 ed. São Paulo: Global, 2005.

GHIGGI, Micheli Vergínia; SILVEIRA, Raquel da; STIGGER, Marco Paulo (orientador). Lazer e Sociabilidade na área rural: um estudo etnográfico em um município de imigração italiana na serra gaúcha. **Revista Panorâmica [online]**, Mato Grosso, v. 12, p.1-11, 2011.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GILLES, Pronovost. **Introdução à sociologia do Lazer**. Tradução: Marcelo Gomes. São Paulo: Editora Senac, 2011.

GOMES, Christianne Luce; MELO, Victor Andrade de. Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. **Movimento [online]**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 23-44, janeiro/abril de 2003.

GRAZIANO, José. O Novo Rural Brasileiro. **Revista Nova Economia**, Belo horizonte. V.7, n. 1, p. 43-81, maio de 1997.

GRUNENVALDT [et. al]. **O lazer no meio rural do município de Sinop**: um lugar de produção de sentidos e significados. Disponível em: www.uel.br/./Ana_e_Jose_e_Mauver_e_Barbara.PDF Acesso em: maio de 2013.

HEYWOOD, Colin. **Uma História da infância**: da Idade Média à época contemporânea no ocidente. Porto Alegre: Artmed, 2005.

HORN, Ticiana Elisabete. **Pés descalços e tênis, carroça e carro, boneca de pano computador, entre o rural e o urbano**: experiências num entrecruzar de infâncias. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-graduação em educação, Porto Alegre, 2010.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo. Perspectiva, 2007.

KAGEYAMA, Angela. **Rural e ruralidade**. In: **Desenvolvimento rural**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. p.15 a 50.

KASSOUF, Ana Lúcia. **O que conhecemos sobre o trabalho infantil?**. *Nova econ.* [online]. 2007, vol.17, n.2, pp. 323-350.

LEITE, Miriam L. Moreira. **A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem**. In: FREITAS, Marcos Cezar de. **História social da Infância no Brasil**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LIMA, Tânia; NASCIMENTO, Izabel; OLIVEIRA, Andrey (orgs). **Griots - culturas africanas**: linguagem, memória, imaginário. Natal: Lucgraf, 2009.

LOPEZ, Luiz Roberto. **Uma história do Brasil**: República. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MARCELLINO, Nelson Carvalho (org). **Importância da recreação e do lazer**. Brasília: Gráfica e Editora Ideal, 2011.

MARCELLINO, Nelson Carvalho (org). **Lazer e recreação**: repertório de atividade por fases da vida. São Paulo: Papirus, 2006.

MARCELLINO, Nelson Carvalho (org). **Políticas de Lazer**: mercadores ou educadores? Os cínicos bobos da corte. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org). **Lazer e Esporte**: políticas públicas. 2.ed. São Paulo: Autores Associados, 2001, p. 5 – 22.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Pedagogia da Animação**. São Paulo: Papirus, 2007.

MARCELLINO, Nelson. **Estudos do lazer: uma introdução**. São Paulo: Papirus, 1996.

MATTA, Roberto Da. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5º ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MATTOSO, Kátia Queirós. **O filho da escrava**. In: PRIORE, Mary Del (org). **História da criança no Brasil**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 1996.

MELO, Marilene Carlos do Vale, **A figura do griot e a relação memória e narrativa**. In: LIMA, Tânia; NASCIMENTO, Izabel; OLIVEIRA, Andrey (orgs). Griots - culturas africanas: linguagem, memória, imaginário. Natal: Lucgraf, 2009.

MOLLO-BOUVIER, Suzanne. **Transformação dos modos de socialização as crianças: uma abordagem sociológica**. In: Educação e Sociedade, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 391-403, Maio/Ago. 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

MOURA, Larissa Georgia Braulio. **Vozes da resistência: tradição, inovação e participação da juventude no congado de Estrela do Indaiá – Minas Gerais**. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Viçosa. Programa de Pós-graduação em extensão rural, Viçosa, MG, 2012.

NATAL, Chris Benjamim. **Os Universos de Chico Bento - Estereótipos, Elementos de Funcionamento Universal e Produção de Sentido Nestes Quadrinhos de Maurício de Souza**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj – 5 a 9 de setembro de 2005.

NIEMEYER, Carlos Augusto da Costa. **Parques infantis de São Paulo: lazer como expressão de cidadania**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

OLIVEIRA, Beatriz; NETO, Carlos. **A infância e as práticas lúdicas**. In: Pinto, Manuel ; Sarmento Manuel Jacinto (Coordenação), As Crianças Contextos e Identidades. Coleção infans, centro de estudos da criança, Universidade do Minho, 1997, p. 219-264.

PELLEGRIN, Anna de. **O espaço de lazer na cidade e a administração municipal**. In: MARCELLINO, Nelson (org). **Políticas públicas setoriais de lazer: o papel das prefeituras**. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

PIRES, André. Um sentido dentre outros possíveis: o Rural como representação. In: CAMPANHOLA, Clayton; SILVA, José Graziano. **O novo rural brasileiro**. Brasília: Embrapa, 2004. p. 107-128.

PIRES, Flávia. O que as crianças podem fazer pela antropologia?. **Horizontes antropológicos** [online]. Porto Alegre. vol.16, n.34, 2010, pp. 137-157.

PRIORE, Mary del. **O papel branco, a infância e os jesuítas na colônia**. In: PRIORE, Mary Del (org). História da criança no Brasil. 4 ed. São Paulo: Contexto, 1996.

REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. 63 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

ROSSATO, Alexania. **Juventude, mídia e movimentos sociais camponeses: encontros e desencontros**. UNIrevista - Vol. 1, nº 3, julho, 2006.

SEYFERTH, Giralda. **A identidade teuto-brasileira**. In: MAUCH, Claudia (org). Os alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade, história. Cancãs: Editora ULBRA, 1994.

SILVA, Débora Alice Machado da [et al.]. **Lazer e escola : experiências** (Cadernos interativos – elementos para o desenvolvimento de políticas, programas e projetos

intersectoriais, enfatizando a relação lazer, escola e processo educativo ; 7). Brasília : Gráfica e Editora Ideal, 2011.

SOARES, Laura Tavares Ribeiro. **O desastre social**. São Paulo: Record, 2003. (Coleção Os por quês da desordem mundial).

STEARNS, Peter N. A infância. São Paulo: Contexto, 2006.

SUASSUNA, Dulce [et.al.]. O Ministério do Esporte e a definição de políticas para o esporte e lazer. In: Suassuna. Dulce; AZEVEDO, Aldo Antonio de (orgs). **Política e lazer**: interfaces e perspectivas. Brasília: Thesaurus, 2007. p. 13-42.

TASCHNER, Gisela. Lazer, cultura e consumo. **RAE - Revista de Administração de Empresas** [online], v. 40 n. 4, Out./Dez. 2000.

TEIXEIRA, Elenaldo Celso. **O papel das políticas públicas no desenvolvimento local e na transformação da realidade**. Disponível em: www.dhnet.org.br/dados/.../a.../03_aatr_pp_papel.pdf. Acesso em: abril 2013.

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**—Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TURINO, Célio. **Na Trilha de Macunaíma**: ócio e trabalho na cidade. São Paulo: Editora SENAC, 2005.

VOLOBUEF, Karin. **O contos de fadas dos irmãos Grimm**. Revista Carta Capital. Texto digital, publicado 10/01/2013.

ANEXOS

Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Economia Rural
Programa de Pós-graduação em Extensão Rural
Mestranda: Michele Ribeiro Marques Garcia
Orientadora: Sheila Maria Doula

Questionário para os Responsáveis

Parentesco: _____

1. Você acha importante seus filhos brincarem?

Sim Não

Por que:

2. As crianças podem brincar fora de casa ou existe alguma preocupação em relação a isso?

3. Onde as crianças costumam passar o tempo livre? (pode ser marcado mais de um lugar)

Casa Quintal Casa dos vizinhos Casa de parentes

Igreja Outros: _____

4. Você percebe a diferença na prática do lazer de seus filhos comparando com a sua infância? Se sua resposta for sim, qual é a diferença?

5. Você acha a escola um lugar importante para praticas de lazer dos filhos e também para a comunidade? Por quê?

6. Que tipos de festas há na comunidade? Existe muitos lugares para prática de lazer na comunidade onde você vive?

7. Existe alguma dificuldade de acesso ao lazer? Caso sua resposta seja sim, o que você pensa que poderia ser feito para melhorar o acesso ao lazer?

8. Quantas horas vocês tem de tempo livre por dia?

9. Como é o dia-a-dia dos seus filhos?

Principais atividades de lazer:	Da família	Da criança	Por que
Literatura	Sim Não	Sim Não	
Jogos	Sim Não	Sim Não	
Brinquedos	Sim Não	Sim Não	
Televisão	Sim Não	Sim Não	
Videogames	Sim Não	Sim Não	
Música	Sim Não	Sim Não	

Festas religiosas	Sim	Não	Sim	Não	
Teatro	Sim	Não	Sim	Não	
Parque	Sim	Não	Sim	Não	
Shopping	Sim	Não	Sim	Não	
Cinema	Sim	Não	Sim	Não	

10. Quais são os principais lugares de lazer da família?

Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Economia Rural
Programa de Pós-graduação em Extensão Rural
Mestranda: Michele Ribeiro Marques Garcia
Orientadora: Sheila Maria Doula

Questionário para os profissionais da educação

1- O que você entende sobre lazer na educação?

2- O tempo livre das crianças, sua vivência fora da escola, é levado em consideração no processo de ensino-aprendizagem?

3- Os conteúdos escolares podem contribuir para uma melhor vivência dos momentos de lazer?

4- Você acha que a escola é um lugar importante para práticas de lazer das crianças e também para comunidade? Por quê?

5- A escola difunde elementos que fazem parte da cultura regional e local? Valoriza e difunde a cultura rural? Como?

- 6- Quais são os órgãos municipais que colaboram para que a escola coloque em prática projetos culturais? Existe alguma dificuldade nessas parcerias?

- 7- Dos processos de formação profissional que você participou nos últimos 5 anos alguns deles tiveram relação com lazer? Se sim, reflita sobre a característica da proposta e a visão de lazer?

- 8- Quais foram os projetos voltados para o lazer realizados nos últimos 5 anos?

Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Economia Rural
Programa de Pós-graduação em Extensão Rural
Mestranda: Michele Ribeiro Marques Garcia
Orientadora: Sheila Maria Doula

Questionário para Professora Marisa Braga

- 1- Os órgãos municipais visam as crianças rurais para desenvolver projetos voltados ao lazer?
- 2- Existe diferença de oferta de atividades de lazer para crianças urbanas e rurais?
- 3- Nos últimos 5 anos, quais foram os projetos desenvolvidos nesta área? Atualmente tem sido desenvolvido algum projeto voltado para as crianças rurais?
- 4- Sobre eventos realizados, existe algum tipo de avaliação para garantir sua continuidade e melhorar a qualidade do que é oferecido?
- 5- Você acredita que existe alguma preocupação do poder público local na construção de espaços de lazer no meio rural?
- 6- Você percebe dificuldades de acesso ao lazer pelos moradores de zona rural? Se sim, quais são os principais problemas que você vê?
- 7- A Secretaria de Cultura, bem como a Secretaria de Educação fornecem apoio às escolas quando se trata de lazer? Existe dificuldades em relação a isso?
- 8- Você acredita que é importante preservar as tradições e cultura local? Por quê?
- 9- Você acredita que a escola é um local importante para a prática de lazer de crianças para comunidade? Por quê?
- 10- Há muitas festas realizadas nas comunidades envolvendo famílias?